

L.-J. CALLENS, o.p.

O MISTÉRIO DA NOSSA CONFORMIDADE A CRISTO

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

EDIÇÕES PAULINAS

Título original

Le mystère de notre conformité au Christ

Éditions Alsatia - Paris, 1967

Tradução de I. Lopes

***Nihil obstat:* Sac. João Roatta, ssp. - São Paulo, 16-4-1968**

***Imprimatur:* † J. Lafayette, Vig. Ger. - São Paulo, 17-4-1968**

*"Aquêles que Deus distinguiu na sua
presciência,
predestinou-os também
para serem conformes à imagem de seu
Filho,
a fim de que êste seja o primogênito
entre muitos irmãos".*

Rom 8,29

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

PREFACIO

O apêlo do Concílio Vaticano II à renovação interior da totalidade da vida concerne a todos nós. Ele não deixará de provocar nas almas mais sinceramente afeiçoadas ao ideal cristão um exame lúcido dos valores que governam sua existência.

Esse olhar leal as levará fatalmente a se fazerem a pergunta essencial: que lugar Cristo Jesus ocupa em meu coração? É verdadeiramente para mim aquêlo de quem São Paulo declara que deve exercer a primazia sôbre tôdas as coisas, em tôdas as coisas (Col 1,18)? Sua ação inseriu-se suficientemente em mim para que êle se manifeste em meu comportamento quotidiano? Estas páginas desejariam auxiliar a fornecer as respostas que se impõem.

Dois motivos incitaram-nos a redigi-las e a confiar assim as reflexões que alimentaram nossa meditação pessoal durante longos anos. Dizê-las e justificá-las aqui será a melhor introdução a uma leitura frutuosa dos temas que nos propomos desenvolver. Excelente maneira de penetrar no pensamento de um autor é conhecê-lo a gênese; o seu desenvolvimento explicar-se-á em seguida por si mesmo.

O primeiro dêesses motivos é a qualidade excepcional de certas almas cristãs que ladeamos em nossos dias. Encontramo-las em todos os ambientes. Citar primeiro as almas religiosas ou sacerdotais parece natural. Entretanto é preciso dizer ao mundo que porventura o ignorasse, o valor espiritual de tais existências: entraram, sem olhar para trás, para o serviço de Cristo e de sua Igreja. Eis o que nos revela seu contato e o que nos enche de alegria. Em tal clima de generosidade, nunca a mediocridade foi tão desprezada, a insipidez da vida tão desconhecida. Se o seu número diminui em relação aos efetivos do passado, a qualidade de sua determinação e o entusiasmo alegre na doação de si mesmas consolam-nos largamente dos claros que deploramos em nossas fileiras. Nesse ponto nosso otimismo é sem restrição e quem tenha frequentado essas jovens almas ardentes não o desmentirá. São daquelas que velam esperando a vinda do Espôso, com a lâmpada acesa nas mãos e provisão para alimentá-la.

Mas passemos além dêesse meio de escol, dessa seleção, diríamos. Estendamos o olhar, escurtemos o horizonte. Que vemos? Cristãos que compreenderam a seriedade de seu compromisso e que se esforçam por corresponder lealmente a êle com fidelidade comprovada. Discernimo-los sem dificuldade: jovens casais que vivem seu ideal de mútuo apoio na graça incessantemente renovada de seu casamento; militantes da Ação Católica operária, rural, ou no seio de uma burguesia onde o vigor cristão foi largamente danificado pelo conforto da vida moderna. Sim, são numerosos, num mundo que aparentemente se paganiza cada vez mais, os que seguem o conselho de Cristo de possuir "lâmpadas ardentes"

(Lc 12,35) para iluminar o caminho e evitar-lhe os escolhos: compreenderam-no e seguem-no. Eles também nos consolam da atonia espiritual da maioria de nossos contemporâneos, do torpor de alguns, da dolorosa defecção de outros. Por paradoxal que pareça, não é exagero dizer que em nossos meios cristãos há cada vez mais santos enquanto o mundo que nos rodeia aparece cada vez mais privado de Deus.

Essas numerosas almas, religiosas ou participando da vida do século em todo o seu realismo e inumeráveis dificuldades que opõe à coragem cristã, alegrar-se-ão de serem recolocadas ante o mistério de Cristo, de repensá-lo em função de sua vida pessoal com tôdas as exigências de santidade que apresenta. Cada página de nosso presente trabalho inscrever-se-á facilmente na trama de seus pensamentos habituais, despertará êsse ou aquêlê aspecto do seu pertencer a Cristo esquecido ou abandonado, provocará salutar exame que não pode ser senão um excitante a fazer melhor, um estimulante em vista de nova ascensão. É primeiramente para essas almas que nos entregamos a êsse labor; foram elas que tivemos constantemente em mira, preocupados em ajudá-las em sua ascensão espiritual, em sua pertença a Cristo a quem prometeram fidelidade. Queiram elas aceitar nosso testemunho como fraternal ajuda no rude caminho que tomaram!

O segundo motivo que determinou nosso estudo e inspirou-o constantemente, é o de lançar um olhar nôvo sôbre a pessoa de Jesus. Não parecerá presunçosa semelhante iniciativa quando pensamos na literatura tão abundante que se refere a Cristo e nos aspectos tão variados sob os quais foi examinado? Não o cremos. A contemplação do rosto de Cristo Jesus traduz-se

em cada alma por "revelações" que alimentam sua vida interior e aumentam uma afeição por ela desejada mais estreita e melhor vivida. Como sugere a etimologia da palavra, quem diz "revelação" diz um véu que se desprende, uma luz até então jamais entrevista que se deixa perceber, um mundo insuspeitado de riquezas espirituais que se descobre. Isto está ao alcance de todo cristão por pouco que seja fiel às inspirações do Espírito Santo que o guia e conduz passo a passo em sua busca. O que o Espírito realizou na alma de uma Teresa de Lisieux, de um padre de Foucauld, sem falar nos grandes místicos do passado, mostra suficientemente que são inesgotáveis os seus recursos quando se trata de apresentar aquêle que foi objeto das complacências infinitas de seu Pai e provocar sua imitação.

Essas considerações encorajam-nos ao longo de nosso labor e a palavra de São Bento que, em sua Regra, traduz sua própria convicção, "Nada preferir ao amor de Cristo", sustentou constantemente nosso esforço para permitir-lhe chegar ao fim.

É com alegria no coração que entregamos estas páginas à meditação dos que delas quiserem nutrir-se. Nosso único desejo é que suscitem em cada alma um reavivamento de sua afeição pela pessoa de Jesus e provoquem o orgulho de estar a serviço de semelhante Senhor.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

CAPÍTULO I

O CRISTÃO ANTE O MISTÉRIO DE CRISTO

O cristão que se interroga sobre sua atitude em relação a Cristo Jesus e se pergunta como poderá conformar-lhe a vida para ser leal no pertencer ao seu lugar, deve somente lembrar-se do que é em seu ser espiritual mais profundo.

A resposta, leva-a em si próprio. A graça inicial de seu batismo soldou-o a Cristo. O cristão é um ser que Cristo invadiu. Quanto mais toma consciência dessa realidade, mais é penetrado por ela e mais sente crescer em si incoercível necessidade de apegar-se a Cristo. A palavra de Isaías tornou-se para êle realidade: "Chamei-te pelo nome; meu tu és" ¹.

No dia em que a luz se fêz na inteligência do cristão, não é mais preciso pedir-lhe que olhe para Cristo, que viva dêle, se impregne de sua mentalidade, seja dócil a seus ensinamentos, obedeça à sua lei; compreende logo que não pode ser de outro modo e se decide a orientar seus esforços para uma realização autêntica dêsse ideal. Verifica por si mesmo que todo amor verdadeiro torna-se logo totalitário; é sua tendência natural e nada se lhe pode opor. O amor entrou em seu coração, assim como certos en-

¹ Is 43,1.

contros que a vida nos prepara suscitam amizades cuja instantaneidade e poder nos surpreendem. É a força irresistível da sedução, o poder do encanto que um ser pode criar pela simples presença. Jeremias havia experimentado essa dominação do Senhor no começo de sua carreira profética. Foi ela que o sustentou em meio às provações tão grandes que lhe reservou: "Vós me seduzistes, Senhor, e eu me deixei seduzir; forçastes-me e vencestes"². Quando um coração humano foi captado por grande amor torna-se capaz de sacrifícios que o podem conduzir ao heroísmo. Tôdas as vidas dadas conheceram êsse transporte de que somente o amor verdadeiro guarda o segredo. A vida cristã autêntica não escapa a essa constatação: a aventura da santidade começou sempre por um encontro pessoal com Cristo, por um olhar de Jesus pousado sobre aquêle que elegeu para uma obra.

Em certo sentido é exato adiantar que a vida cristã não é outra coisa senão uma tomada de consciência do laço que a une a Cristo e a liga de modo indissolúvel à sua pessoa. Quanto mais se fizer luz sobre êsse misterioso pertencer, mais se agarrará o cristão a êle como à verdade fundamental que justifica tudo em sua vida, mais viverá de Cristo, mais procurará encontrá-lo em seu caminho e repetir-lhe-á, à imitação dos discípulos de Emaús: "Ficai comigo, Senhor".

A primeira de tôdas as perguntas que devemos fazer quando queremos "pensar" o ideal cristão a fim de vivê-lo sem falsa aparência é, pois, a seguinte: "Como se me apresenta Cristo? Que rosto toma para mim? Sinto-me capaz de afeiçoar-me a êle ao ponto de nêle centrar a

minha vida?" É a única interrogação que repercute através dos séculos e é feita a cada um de nós, como outrora a Simão Pedro: "Amas-me?" É para responder-lhe que Francisco de Assis tudo abandonou e não viveu senão para isso. É por ter-lhe respondido que cantou perdidamente sua alegria.

Sobretudo não me digais: "Como pode atingir-me semelhante ideal? Não está fora de meu alcance? Conhece o Senhor a condição do cristão no mundo?" Nada disso me escapa, mas sei também que é por não se terem nunca feito essa pergunta essencial que tantos cristãos de nossos dias vivem numa atonia da fé que os faz sonâmbulos. Esquecem que é a qualidade de sua fé em Cristo que deve dirigir tôda a vida. Escolheram verdadeiramente ouvir a Jesus Cristo? Qual é a natureza exata e os motivos da adesão à sua pessoa? Não se contentam êles em adotar atitudes que dependem talvez do instinto religioso universal, mas que não são atos de fé em Cristo? Na realidade, sua conduta somente difere da dos outros homens por aspirações, por crenças, por cultura diferente, mas não pela opção da fé. Não são adultos no "sentido" de Cristo, quero dizer, no modo dêles perceberem, de sentirem as realidades cristãs. O músico que tem o "sentido" de sua arte ordena-lhe tôda a sua vida. Imaginamos J. S. Bach fora de suas Cantatas e Corais? Concebe-se um Miguel Ângelo fora dos admiráveis afrescos da Capela Sixtina? Ora, a experiência revela que o pertencer de muitos cristãos ao Evangelho permaneceu no estado infantil.

Como vedes, aqui não se trata tanto de condições de vida diferentes, como de fidelidade fundamental ao ideal cristão. É evidente — quem não

concordaria? — que êsse ideal se diversificará segundo os estados de vida. O casamento, o celibato, a viuvez, a vida consagrada a Deus no estado religioso, o sacerdócio, inserem-se diferentemente no mundo e conhecem exigências que será preciso considerar de perto. Mas, realmente, não está nisso o verdadeiro problema. Êle reside por inteiro nessa dupla interrogação que nos atinge diretamente e à qual é preciso dar, custe o que custar, uma resposta pessoal: "Optei lúcidamente por Cristo? Escolhi amar a Cristo até o fim?" Se esta resposta não é dada porque tememos comprometer-nos, contentar-nos-emos de um cristianismo insulso, permaneceremos no limbo da vida espiritual, viveremos com fé anestesiada e conseqüentemente nos tornaremos vulneráveis ao mal não lhe apresentando senão fraca resistência. Acontecerá conosco como com o doente enfraquecido por uma anemia perniciosa: não está mais em condições de lutar contra os miasmas do ar ambiente³.

A vida cristã autêntica é pois aquela que tomou o caminho da opção definitiva por Cristo. Propõe-se ser, tanto quanto sua fraqueza lhe permitir, uma assimilação tão perfeita quanto possível ao rosto de Cristo Jesus a fim de corresponder ao voto de São Paulo que afirma que "Deus nos predestinou para sermos conformes à imagem de seu Filho"⁴.

3 Compreende-se melhor, nessa luz, o conselho que São Paulo dava aos cristãos de Roma: "Revesti-vos do Senhor nosso, Jesus Cristo" (Rom 13,14). "Revestir" Cristo, é comprometer-se para o seu serviço; e comprometer-se é escolher. O homem está apto para o combate quando revestiu a couraça, mas torna-se ao mesmo tempo impróprio para outros trabalhos. Da mesma maneira, o cristão deve significar o seu pertencer a Cristo por atitudes, comportamentos que em nada podem lembrar os que tinha antes de haver optado por Cristo. Revestiu "a armadura da luz" (Rom 13,12).

4 Rom 8,29.

Eis-nos levados pela própria fôrça dessas premissas a nos propormos o problema que será preciso resolver:

Como conceber nossa semelhança com Cristo?

Por que pedagogia Deus se propõe realizá-la em nós?

Por que meios poderemos conseguí-la?

O ideal cristão: reproduzir o rosto amado de Jesus

Que faça parte do destino do cristão parecer-se a Cristo Jesus, a quem deve aderir com tôdas as fôrças de seu ser, quem poderia duvidá-lo? Esse esforço mostra-se necessário por duas razões que se nos apresentam como dois imperativos.

A primeira: Deus não pode amar senão seu Filho. É sòmente nêle que pôs tôdas as suas complacências. Não tem olhares senão para êle. Ele ocupa todo o seu pensamento e o amor que êsse Filho "amado"⁵ lhe retribui leva sua felicidade ao máximo. Jesus nunca decepcionou ao Pai. Desde o primeiro instante de sua vida amou o Pai com tal arrebatamento e generosidade que exprimiu a plenitude dessa dileção com estas palavras que o retratam inteiramente: "Por mim nada faço; sempre faço o que é do seu agrado"⁶. Amar ao Pai, viver do Pai foi a paixão de sua vida: não conheceu outra.

Uma palavra de Tertuliano exprime admiravelmente o que foi essa união tão perfeita entre o Pai e o Filho. Segundo êle, desde o primeiro

⁵ Mt 3,17.

⁶ Jo 8,28-29.

instante da criação, o pensamento do Pai não tinha outro fim senão a vinda para o meio de nós daquele que consumaria um dia, na Cruz, seu desígnio redentor. Falando da formação do primeiro homem, Tertuliano diz, com efeito: "Deus formou Adão tendo sempre os olhos em Jesus"⁷. Esse Padre da Igreja, pois, imagina Deus, nessa circunstância, como um artesão que tem na mão um pedaço de argila para formar o rosto do homem que quer modelar. A cada traço que deseja imprimir nessa matéria informe, lança olhos ao modelo divino, a Jesus que um dia tomará corpo semelhante. "Se forma os olhos do primeiro homem, o Pai pensa nos olhos do Salvador. Assim, diz para si, serão os olhos de meu Filho quando verterá lágrimas. Se forma o sangue do primeiro homem, pensa no sangue de seu Filho: assim, diz para si, será o sangue que meu Filho derramará um dia na Cruz"⁸. De modo que Cristo Jesus não se encontra no termo das realizações divinas: ele é o seu comêço.

Compreendeis, à luz dessa grande palavra, o que dela podemos deduzir? Isto: somente seremos objeto das complacências do Pai na medida em que lhe lembrarmos o rosto amado do Filho. "Quem me ama será amado por meu Pai", dirá Jesus⁹. Quanto mais perfeita fôr essa semelhança, maior será o amor que nos dedicará. Deve mesmo ser tão perfeita que ao baixar os olhos sôbre nós lhe lembremos o Filho ao ponto de se enganar. Quem, interrogando sua própria

⁷ "Quodeumque limus exprimebatur, Christus cogitabatur homo futurus" (Libr. de Resur. carn. cap. 8).

⁸ Orígenes expressou pensamento semelhante: "O homem que Deus criou à sua imagem é o Salvador que é a imagem de Deus e à semelhança do qual o homem foi feito" (Homília I sôbre o Gênesis, Ed. "Sources Chrétiennes", Paris, 1944, p. 82).

⁹ Jo 14,21.

experiência, poderia admirar-se disso? Não é o que se passa com todo amor humano verdadeiro? Um pai não ama tanto mais seu filho quanto reconhece nêle algo de sua própria mentalidade, de suas tendências, dêsse ar de família no qual se pode reconhecer? Um objeto, por insignificante que seja, não se torna caro para nós e adquire valor único por estar ligado a êste ou aquêle ser que amamos e que espontâneamente evoca para nossa alegria? Por que não aconteceria o mesmo com Deus e por que nossos amôres da terra não poderiam evocar essa inclinação excepcional que teve por seu Filho de predileção?

Semelhante constatação estará carregada de conseqüências que estas páginas se propõem assinalar. Identificar-se a Cristo, adquirir sua mentalidade, viver do mesmo amor ao Pai de que viveu, tudo isso tornar-se-á para nós uma das exigências primeiras de nosso ideal cristão, ou, para dizer tudo: sua orientação fundamental.

O ideal cristão: implantar a Cruz em nossa vida

Não é menos imperiosa a segunda razão que justifica a necessidade de nossa semelhança com Cristo.

Que é uma vida cristã autêntica senão a que se esforça por assentir a tôdas as vontades divinas que lhe concernem? É nessa submissão amante, nessa aceitação confiante de tudo o que constitui a trama de uma vida em que reside a santidade: não pode estar senão aí. Todo o resto está sujeito à ilusão. O próprio Cristo definiu sua vida em função da obediência **sem falha que**

votou ao Pai: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou a realizar a sua obra" ¹⁰. Ora, qual foi sua obra? A redenção do mundo pela Cruz. É efetivamente a que êle propõe às almas suficientemente generosas para compreendê-la e dela participarem. Pedir-lhes-á que adiram ao seu desígnio de redenção do mundo com uma participação efetiva no drama da Paixão. Até o fim dos tempos não fará ouvir outro apêlo: somente pela Cruz salvamos o mundo. Poder-se-á falar, é verdade, de técnicas de apostolado, de esforços de adaptação, de renovação nos métodos de aproximação das almas, nada disso terá valor sem uma consentida adesão ao sofrimento de Cristo. "Pois tomei a resolução de não saber, entre vós, outra coisa, a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado", dirá São Paulo ¹¹.

Pois que todo cristão é convidado a caminhar nas pegadas de seu Mestre e a carregar a cruz após êle, como poderá consegui-lo se não se esforçar em lhe ser semelhante? É conhecido o adágio de que para fazer a obra de uma pessoa, e fazê-la com perfeição, não há senão um meio: ou bem é preciso ser essa pessoa, ou, se não o somos, que nos tornemos tal. Aqui não é possível nenhuma hesitação. A obra da redenção do mundo exigirá, naquele que aceita participar dela, o despojamento de certos elementos de sua personalidade inadequados a êsse labor, uma ruptura com o que poderia constituir obstáculo ou mesmo afrouxamento da atividade. Se nos admirássemos de tal exigência, seria prova de que nunca nos colocamos ante o texto de São Paulo

¹⁰ Jo 4,34.

¹¹ 1Cor 2,2.

e que não avaliamos seu prolongamento em nossas vidas: "Cristo Jesus despojou-se a si mesmo, tomando a natureza de servo;... humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, e à morte de cruz" ¹².

Linguagem austera, certamente, e que poucos compreendem! Constatamos, em nossos dias, desvios inquietantes até naqueles que se dizem votados ao apostolado. Em alguns a hierarquia dos valores não é mais respeitada; sua mentalidade foi contaminada pelo meio onde evoluem e deixaram-se intoxicar pelo ar que respiram à maneira de certos vírus que devastam em segredo. Num mundo onde as técnicas prevalecem e se impõem como um absoluto, temos dificuldade em nos representarmos que, para salvá-lo, seja necessário consentir em morrer para si mesmo, em aceitar a Cruz como condição indispensável de salvação. E, no entanto, para erguer a ganga de matéria que nos envolve a todos e espiritualizá-la, será necessário duro labor de decantação, de saneamento, de "conversão" do coração.

Na verdade, é uma linguagem que não estamos mais acostumados a ouvir em nossos dias em que só se fala de realização do indivíduo, de disposição dos lares, de organização do bem-estar. Longe de nós o pensamento de contradizer a isso, pois a vida de nossos contemporâneos é dura sob muitos aspectos e reveste frequentemente caráter doloroso em que soçobra a coragem dos melhores. O que é preciso incessantemente lembrar é que a condição cristã implica em seu desenvolvimento uma participação na cruz de

Cristo. Ser cristão é implantar a cruz em nossa vida.

O ideal cristão: o quinhão da minoria

Esses dois motivos pelos quais o cristão deve reproduzir o Mestre se quer participar de sua obra redentora e realizá-la com tóda a boa vontade permitem compreender porque os que aceitam estas condições serão sempre a minoria. Não há porque admirar-se de semelhante afirmação: somente os que têm a mania do número e aquêles para quem o apostolado cristão é antes de tudo questão de quantidade, não compreenderão nada. Desde quando o que pensa uma multidão foi critério de verdade? Cristo não nos deixou nenhuma ilusão sobre êsse ponto. Por duas vêzes afirmou claramente seu pensamento: "Por se ter multiplicado a iniquidade, esfriar-se-á a caridade de muitos" ¹³. "Mas o Filho do homem, à sua vinda, achará acaso a fé sobre a terra?" ¹⁴.

Isto equivale a dizer que quanto mais a massa dos homens se afastar de Deus e se entregar a um ateísmo consciente — no que é bem preciso que concordemos para não ceder a um otimismo beato e culpável — mais será preciso que o Senhor encontre nas fileiras cristãs almas de elite que, na luz do Espírito Santo, tenham compreendido o absoluto de seu ideal e queiram vivê-lo na plenitude de sua coragem. Cada uma dirá à sua maneira: "Quero compensar por minha generosidade o que os outros não querem

¹³ Mt 24, 12.

¹⁴ Lc 18, 8.

ou não podem fazer". É essa oferenda de si mesmas que as sustentará em sua caminhada. Essas carregam realmente a cruz de Cristo, partilham sua condição dolorosa, salvam o mundo, sòmente elas. Todo o resto é falsa aparência e engano. Essas não procuram sòmente a semelhança de Cristo, mas a identificação tão perfeita quanto possível à sua pessoa, pensamentos, vontades. Fizeram sua a palavra de São Paulo: "Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" ¹⁵. "Para mim, viver é Cristo" ¹⁶.

Caminhamos, pois, para uma época em que perante a desafeição da maioria pelo ideal espiritual proposto por Cristo ao mundo como lei de sua realização real e durável é perante a negação da presença de Deus na existência humana, veremos erguerem-se almas cada vez mais numerosas, bastante fortes na fé para enfrentarem os riscos de uma vida cristã vivida em plenitude. A Igreja de Cristo vê-las-á surgir de seu seio e é nelas que põe sua esperança. Sempre será verdade ser suficiente um raio de santidade em qualquer ambiente, para que sejam apagadas tôdas as misérias que aí se declaram ou fraquezas que o desfiguram. Basta um cristão que creia na tormenta, que reze e aguarde o Reino, que espere contra tôda esperança, para que a honra de Deus esteja salva. Através do mundo Deus fará sempre passar a sua graça. É o que fundamenta nossa esperança ante o espetáculo de um mundo que se desagrega e desconhece seu Senhor. É o raio de sol que atravessa um céu de nuvens e faz nossa alegria. Essas almas de elite que se erguem na plena consciência de seu apêlo e das

¹⁵ Gál 2,20.

¹⁶ Flp 1,21.

exigências divinas para com elas são o sorriso de Deus.

A Sagrada Escritura está cheia dêsse ensinamento. Di-lo em numerosas páginas, êle aí se inscreve por tôda parte em filigrana. Põe empenho em nos persuadir de que a aritmética de Deus não é a nossa. Para êle, o que importa é a qualidade do testemunho dado. Um texto de Jeremias deixa-nos pensativos: "Percorrei as ruas de Jerusalém, observai e notai; procurai em suas praças para ver se conseguis achar um homem, um que aja retamente e procure ser fiel, e eu perdoarei à cidade, declara o Senhor" ¹⁷. Procuro um homem: um só versículo, mas de que pêso! Se o Senhor encontrasse em Jerusalém sòmente um homem, um homem digno dêsse nome, um homem justo, leal, íntegro, perdoaria à cidade. Palavra capital que ergue ante nós, em tôda sua grandeza, o fato divino e humano da solidariedade espiritual: o pecado de uns repercute nos outros e os conduz ao sofrimento. Mas a fidelidade de uns beneficia outros, e pode levá-los à salvação. É a aplicação, do espaço, de geração em geração, de uma grande lei divina: a das compensações. Igualmente teriam sido suficientes dez justos para salvar Sodoma e Gomorra da destruição; o pequeno Moisés, na caixa de betume às bordas do Nilo, desafiaria a maldade do Faraó e Deus dêle se contentaria para conduzir um dia seu povo à Terra Prometida; o jovem Samuel, no templo de Silo, compensava pelo frescor de sua alma e retidão da consciência a degenerescência do sacerdote Eli e a perversidade de seus filhos. "Reparaste em meu servo Jó?", diz Deus a satanás, que o desafiava com insolência e es-

¹⁷ Jer 5,1.

perava a demissão da testemunha que Deus escolhera para si. A vitória final dêsse infeliz sobrecarregado de provações, a resignação e magnanimidade de que deu provas, remirão em seus amigos as blasfêmias e incompreensão das ações providenciais. O profeta Jonas, enviado a Nínive para convertê-la, trabalhou só. O berço de Belém foi a anunciação da salvação do mundo. Foi suficiente Jesus na cruz para que a remissão do mundo se realizasse e reencontrássemos a amizade do Pai dos céus para sempre comprometida por nossa culpa.

Quem não veria nessa insistência uma grande lição, sôbre a qual Deus nos quer instruir para consolidar nossa esperança e torná-la de algum modo invencível? Ante as lentidões do bem, os direitos de Deus desconhecidos, as defecções que semeiam a perturbação e destroem a fé nos corações, mais de um poderia conhecer a lassidão de Elias em Horebe. Cansado de tudo, havia-se refugiado no deserto para aí morrer. Mas Deus revelou-lhe que se encontra sempre ao lado dos que lutam e que nunca abandona sua testemunha à maldade dos homens. Jesus quis instruir-nos dessa grande realidade da presença divina quando, na véspera de entrar em sua Paixão, disse aos apóstolos, como para tranquilizar a si mesmo e significar-lhes que contava com outro que não a vacilante fôrça dêles: "Deixar-me-eis só; mas eu não estou só, porque o Pai está comigo" ¹⁸. A Igreja verá ao longo de tôda sua história realizar-se essa consoladora palavra. Deus conta menos com o número dos que o servem do que com sua nobreza de alma; essa é insubstituível. Que quereis que faça com os temerosos,

os inconscientes, os medíocres? Não pode agir senão através dos corações retos, das almas dadas que fizeram de sua identificação a Cristo Jesus a ambição de sua vida e sua mais alta perspectiva.

É o que explica que os cristãos firmemente afeiçoados a seu ideal serão sempre raros, que a santidade continuará a ser a parte da minoria em relação à massa tão grande dos que nunca ergueram o coração acima das realidades dêste mundo com que parecem contentar-se. Mas, que importa se pelo jôgo das compensações Deus permite que a santidade de alguns o compense da inconsciência e torpor espiritual dos outros? É nesse espírito que devemos compreender a palavra de Sto. Tomás de Aquino que, à primeira vista, poderia desconcertar, tão oposta é ao que hoje se costuma dizer: "É maior para um pregador da fé fazer elevar-se uma só alma à santidade do que interessar-se por uma multidão que ficará na mediocridade"¹⁹. A razão é clara: essa alma cantará a glória de Deus de maneira tão pura e tão eficaz que fará o Senhor esquecer a pobreza espiritual das outras e sua insignificância. Quem dirá jamais a glória dada a Deus por uma Teresa de Lisieux, no fundo de seu claustro, desconhecida do mundo, mas tão próxima do Senhor? Por um Chinóis no cárcere, sofrendo por sua fé e preparando-se para o martírio? Por um

¹⁹ Isso absolutamente não significa, bem entendido, que não seja preciso interessar-se pela salvação da maioria e ir para "os que estão longe". A Igreja de todos os tempos não fez senão isso, pois a salvação de cada um dos resgatados de Cristo lhe é cara. Mas permanece verdade o ser grande sua alegria quando constata a santidade de tal ou qual de seus filhos e pode proclamá-la como modelo a imitar. Ela sabe melhor do que ninguém que só vive pela santidade de seus filhos; o dia em que esta se extinguir, sua missão redentora estará gravemente comprometida.

heróico Padre Kolbe no 'bunker' da fome onde entrara para substituir-se a um pai de família? Por um Padre Charbel Makhoul em sua solidão de Annaya? E que dizer do renascimento atual do eremitismo na Igreja, dessas almas que querem empenhar-se numa busca mais ardente de Deus por meio de uma prece mais constante e mortificação mais generosa, dizendo de novo à sua maneira a palavra de São João Crisóstomo: "Ó meu Deus, que o meu silêncio dê lugar à vossa palavra". Não há aí misteriosa indicação das vontades de Deus com relação a um mundo onde não se fala senão de eficiência, de rendimento, e não é também o imperioso chamamento dos verdadeiros valores da vida? A não ser que se esteja cegado por preconceitos que tiram toda retidão do espírito, somos forçados a concordar em que a Escritura diz a verdade quando nos mostra testemunhas que se contentam somente de Deus e não se apóiam senão nele. "O Pai ama o Filho e todas as coisas entregou na sua mão" 20.

Fará o mesmo àquele que reproduzir os traços desse Filho de predileção. Jamais nos venceremos suficientemente disso: seu sonho

20 Jo 3,35. A Escritura é rica em textos que exprimem, quer a necessidade de fundar sua confiança em Deus, quer a alegria de quem a ele se abandonou. Baste citar aqui alguns dentre os mais evocadores:

Jer 17,7: "Bendito aquele que confia em Deus, e no Senhor tem a sua segurança".

Jer 17,5: "Maldito aquele que confia no homem, e, pondo a sua força num ser de carne, retira de Deus o seu coração".

2Sam 22,31: "O Senhor é escudo para todos os que nele se refugiam".

Sl 31,24: "O Senhor conserva os que lhe são fiéis".

Sl 91,2-9: "Dize ao Senhor: "Meu refúgio e minha rocha, meu Deus, em quem confio".

Sl 34,5-10: "Acampa o anjo do Senhor ao redor dos que o temem e os salva".

Sl 78,21-28: "Pela destra vós me tomastes. Quem, fora de vós, há para mim no céu? A rocha do meu coração é a minha herança é Deus para sempre".

é ver reproduzida em nós a sua imagem. Quando se quer dar prazer a uma pessoa, fala-se-lhe do que ela ama. Lembrar Jesus a seu Pai reproduzindo-o em nossa vida, unir-nos a êle até sermos um só com êle de tal maneira que ao ver-nos o Pai encontre em nós, para sua alegria, a viva imagem do Filho: êsse é o ideal cristão em sua expressão mais simples, porém a mais profunda. Sòmente dessa maneira o Pai nos confundirá num mesmo amor com seu Filho.

Uma confirmação dessa doutrina...

Quem poderia duvidar do valor da argumentação que acaba de ser apresentada? Se houvesse alguém, pedir-lhe-ia que se colocasse ante o Evangelho e as exigências que implica na conduta moral do cristão.

Algumas breves notações serão suficientes para justificar nosso ponto de vista e esclarecê-lo plenamente. Levarão, sem sombra de hesitação, a uma conclusão que é impossível eludir: é uma necessidade vital para a Igreja de hoje, se quer continuar a dar seu testemunho em meio a um mundo que se paganiza cada vez mais e cujas forças morais se desagregam, encontrar em seu seio uma elite que tentará a aventura da santidade. Mais do que nunca tem necessidade de crentes que, pela firmeza de sua fé, pela fidelidade sem falha ao ideal cristão, compensem a inconsistência de muitos. Em verdade, são-lhe precisos santos para firmarem aquêles cujas convicções estão vacilantes.

O ideal evangélico foi traçado pelo próprio Cristo sem que tenhamos de mudar-lhe o que

quer que seja. Suas palavras, por duras que pareçam, impõem-se-nos: "Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçosa a via que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Mas quão estreita é a porta e apertada a via que leva à vida, e poucos são os que dão com ela!" ²¹.

Jesus fêz pois da "estreiteza" uma das características de seu Evangelho. Tudo o que nos pede é que aceitemos esta palavra e compreendamos-lhe o verdadeiro sentido. Porquanto o que aqui se deve temer é o que eu chamaria a "refração" em nossas vidas do ideal espiritual que o Evangelho propõe. Mergulhai um bastão na água e aparecerá quebrado. Esse perigo, que a todos nos ameaça, é de acontecer o mesmo com o Evangelho por não ter sido percebida sua exigência fundamental: a via do Evangelho é estreita porque é a via do amor.

Tal pensamento pode parecer estranho. Nada é mais freqüente hoje em dia do que ouvir falar de uma religião do amor na qual se podem confundir tôdas as idéias, tôdas as concepções de vida. Pois que Deus é amor, nossos erros, nossas fraquezas não lhe concernem. Ele compreende tudo, desculpa tudo, perdoa tudo. Nada pode turbar sua serenidade. Dizem-nos: "Não penseis senão em sua misericórdia infinita; somente Deus sabe quanto o homem é fraco, frágeis seus desejos de bem fazer, inconstantes suas vontades. Nada mais oposto a seu caráter do que a severidade ou a dureza. Dizer que Deus é amor é convir em que suporta tudo e deixa a cada um a plena liberdade de pensar, amar, agir a seu modo".

É verdade que todo o Evangelho pode resu-

mir-se no amor. Ninguém ousaria contradizê-lo; nunca nos convenceremos suficientemente disso. Mas de que amor se trata? A Escritura está cheia dessa afirmação: é um amor ciumento que quer reinar sem partilha sôbre os corações e não suporta nêles nenhum ídolo. "O Senhor, teu Deus, é fogo devorador, é um Deus ciumento", é dito ao povo de Israel²². Será precisado: "Zeloso é o nome do Senhor"²³. "O Senhor, teu Deus, êle é que marchará diante de ti, como fogo devorador"²⁴. E o profeta falará do "fogo de seu ciúme"²⁵. O amor, em Deus, brota de sua natureza e o amor que lhe votamos deve revestir o mesmo caráter. Ê "estrito" no sentido de repelir tudo o que possa prejudicar sua plena manifestação: busca a Deus. Deseja sômente isso e é a fim de encontrá-lo que se esforçará. Ê dizer que tudo o que ofende a Deus ofende-o e tudo o que fere igualmente o atinge. Para êle não se pode tratar de tolerância. O amor cristão leva consigo, quando se trata de sua afeição a Deus, a aversão por tudo o que lhe é contrário; a indiferença lhe é inconcebível.

Recorramos à experiência humana. Não é assim que amam os corações quando verdadeiramente sabem amar? Pode uma mãe aceitar com olhar tranqüilo que seu filho se desgrace e despreze todos os ensinamentos que lhe deu? Acei-

22 Dt 4,24.

23 Ex 34,14.

24 Dt 9,3.

25 Sof 1,18. Admiram-se alguns de semelhante declaração porque confundem "inveja" e "ciúme". A inveja é uma disposição da alma que consiste em nos entristecermos com os sucessos, com a felicidade do próximo, com os louvores que lhe são dirigidos, ao ponto de nos parecer sermos vítima de uma injustiça. Nada disso, evidentemente, se encontra em Deus, pois que traz em si mesmo sua felicidade e nada espera de quem quer que seja. O ciúme é coisa completamente diferente. Ê uma emanção do amor, sua marca distintiva, sua expressão mais alta. Ê nesse sentido que Deus se chama "o Ciumento".

tará uma espôsa sem relutar e sem sofrer que aquêle que jurou ser-lhe fiel vá, sob pretexto de largueza de espírito e compreensão da fraqueza humana, procurar alhures compensações que lhe faltam? Seu amor é estreito, sim, estreito porque é amor, porque no dia em que deixasse de sê-lo, no dia em que se resignasse a ser amada depois de outras, em que essa desgraça a deixasse indiferente e fria, não haveria senão cinzas em seu coração; tôda chama nêle estaria extinta.

Por conseguinte, pensais que o Deus do Evangelho nos pedirá menos do que uma criatura pode exigir de outra criatura? Quem tem, pois, o direito de reclamar nosso coração senão aquêle que o fêz? É por isso que a via do Evangelho é estreita, porque aquêle que a toma persegue sòmente um fim: o serviço de Deus no amor. "Perder sua vida em Deus", dirá o Evangelho²⁸, é evidentemente uma via estreita. Contudo é preciso escolher: ou bem a via larga onde tôdas as facilidades são autorizadas, ou bem a via estreita do amor onde se perde a vida em Deus para salvá-la.

Sublime, mas doloroso destino! Para assentir nêle, sobretudo para nêle perseverar, é preciso eminente graça de luz que Deus outorga sempre àqueles que, em humilde prece, a solicitam. Alguns dirão talvez que é essa uma visão mística das realidades da vida; não se tornará esta sem brilho, monótona, despojada, se seguirmos semelhante via? Mas, sòmente aquêles que tiveram a coragem de tomar êsse caminho estreito responderão que não deploraram em nada seus despojamentos e sacrifícios porquê viveram no que é verdadeiro. Os que, ao contrário, apresentam

o Evangelho como doutrina que não choca, que não fere, que não assusta, são sedutores; não têm direito à audiência de seus semelhantes porque mentem. Sòmente as almas generosas aderem plenamente a essa perspectiva de amor vivido e se entregam sem reserva. Sabem que perdendo tudo, ganham tudo. Assemelham-se à viúva de Sarepta que, por haver acolhido o profeta Elias em sua casa e haver-lhe dado do seu necessário, viu seus bens multiplicados, sua casa abençoada, sua existência assegurada²⁷. É o mistério imenso do coração que se dá a seu Deus e lhe outorga todos os direitos; em troca, vê-se cumulado de suas atenções. É o segrêdo das almas que, na vida contemplativa, tudo sacrificaram a seu Senhor e proclamam perante o mundo sua felicidade por não terem nada reservado para si mesmas²⁸.

27 1Rs 17,15.

28 Como não evocar aqui essa página admirável em que Montalembert expressou o mais puro de sua convicção? Acabava de assistir à tomada de véu de sua filha apaixonadamente amada e à noite, de volta à casa, com o coração ainda magoado pelo sacrifício no qual tivera de consentir, escrevia:

"Que é pois êsse amante invisível, morto num patíbulo há dezotto séculos, e que assim atrai a si a juventude, a beleza e o amor? Que aparece às almas com um brilho e um atrativo ao qual não podem resistir? Que se abate súbitamente sobre elas e as faz presa sua? Que arrebatava viva a carne de nossa carne, e se sacia no mais puro de nosso sangue? É um homem? Não: é um Deus. Eis o grande segrêdo, a chave dêsse sublime e doloroso mistério. Sòmente um Deus pode obter semelhantes triunfos e merecer semelhantes abandonos. Êsse Jesus, cuja divindade é todos os dias insultada ou negada, prova-o todos os dias, entre mil outras provas, por êsses milagres de desprendimento e coragem que se chamam as vocações" *Moines d'Ocident*, Tomo V, p. 384.

*Grandeza da existência cristã:
desempenhar na Igreja o papel do coração no
organismo*

Quem não compreenderia agora a grandeza da vida cristã quando vivida na autenticidade? Qual não será o seu poder de irradiação no mundo? Entretanto, notai-o, a princípio não se tratará para ela de uma ação visível, palpável, de um apostolado em que se busque antes de tudo a eficácia. Ela tende por sua natureza a outra coisa, de gênero infinitamente mais elevado, cujo valor somente Deus pode avaliar. Nisso consiste sua beleza essencial e o que foi, no decurso dos séculos, o estimulante mais ativo daqueles e daquelas que, na fé, compreenderam a orientação misteriosa de sua vida. Toda alma cristã está encarregada, na Igreja, *de elaborar a vida perfeita*. Que quer isso dizer?

Para avaliar o alcance de tal afirmação é preciso recorrer a um princípio de filosofia que aqui encontra sua aplicação: quando uma qualidade é participada por grande número de seres, é preciso que se encontre em estado perfeito num ser de que constitui a qualidade própria. Assim: o calor é participado na criação por inumeráveis seres aos quais leva a vida e dos quais é o sustento; este mesmo calor deve encontrar-se em estado perfeito no sol, de que é a propriedade essencial.

Acontece o mesmo na vida das almas. A corrente vital que nelas circula e que não é outra coisa senão a vida divina da graça, pura emanção do amor de Deus em cada um dos balizados, é participada por todos os que a aceitam e querem dela viver. Contudo, os graus de aceitação e de utilização serão diversos e em consequên-

cia a força dessa corrente será variável; muito fraca em certas vidas, mais intensa em outras. A vida sobrenatural deverá, pois, encontrar-se realizada em grau eminente de perfeição em algumas almas que Deus chamará a essa missão. Para que a circulação da vida divina se mantenha na igreja será preciso que nela se encontrem almas suficientemente generosas para compreenderem êsse ideal e realizá-lo em si mesmas. Sua ocupação mais importante será desenvolver em si essa vida da graça por livre cooperação com os desígnios de Deus a seu respeito e, tanto quanto sua fraqueza permitir, levá-la a alto grau de perfeição. Esforçar-se-ão por aderir plenamente a êsse misterioso destino e responder-lhe-ão com uma fidelidade que as levará freqüentemente ao heroísmo.

Essas almas estão por tôda parte disseminadas no mundo, pois Deus não pode prescindir delas: são-lhe necessárias para a conclusão de seu plano redentor e redizem a seu modo a palavra de São Paulo: "Dou cumprimento na minha carne ao que falta às tribulações de Cristo, em benefício do seu corpo, que é a Igreja" ²⁹. Tal mãe de família que mantém no lar, com sua vida sacrificada, o exemplo da coragem silenciosa e do dom obscuro de si mesma; a funcionária que aceita uma situação inferior e que trabalha com amor no meio de companheiras estranhas ao seu ideal; tal padre do campo ou da cidade, cuja vida se consome em meio à rudeza dos espíritos e à incompreensão por vêzes dos melhores; tal missionário, lá na selva, que persevera apesar do fraco rendimento aparente de seus esforços; o doente no seu leito de hospital, o enfermo,

²⁹ Col 1,24.

o velho cuja solidão se torna cada dia mais austera; o educador cuja vida se gasta a serviço da juventude; o pai de família cheio de preocupações e inquietudes pelo dia de amanhã, todos, à sua maneira, desempenham um papel e podem, se pensarmos nisso, participar do plano divino da salvação do mundo pela Cruz. Representam, verdadeiramente, o papel do coração no organismo.

Pensastes nisso e será possível que passeis ao lado dessa riqueza sem procurar apropriar-vos dela? Não tem ela com que reanimar vossa coragem e dar a vossa existência inteira um valor sobrenatural em que sem dúvida nunca vos detivestes? Antes, considerai.

A função do coração, no ser humano, é elaborar a vida: não faz senão isso. Não o vemos, permanece o grande silencioso. Quase não pensamos nêle e no entanto está no princípio do movimento de cada um dos órgãos do corpo humano. É graças a êle que podem exercer sua respectiva atividade. Por êle o olho vê, o ouvido ouve, a mão trabalha, os músculos funcionam, o pulmão dilata-se e respira. Quando tudo vai bem, mal manifesta sua presença, como a seiva que circula silenciosamente na árvore preparando a eclosão das flôres e frutos; entretanto permanece oculta aos olhos. É o coração que assegura em todo o ser humano o continuar da atividade.

A Igreja constitui imenso organismo. Entre as almas que a compõem, haverá as que Deus suscitará e cuja única função será a de manter a corrente vital da graça nesse corpo.

Deus será sem dúvida seu primeiro agente já que, no dizer do apóstolo São Tiago, "tôda a dádiva boa e todo o dom perfeito vem do al-

to''³⁰, assim como é o princípio da vida física. Entretanto, essas almas que escolherá para si estarão à sua maneira encarregadas de elaborar a vida sobrenatural, de mantê-la em si mesmas em alto grau de perfeição, para que possam em seguida comunicá-la a outras em que essa vida divina se encontre fraca ou definhante: representam o papel do coração no organismo. Sem que freqüentemente o saibam, pois Deus esconde-lhes a eficácia de uma tal vida dada, oculta-lhes os resultados para mantê-las na humildade e no despojamento da fé; mas elas agem e alegram o coração de Deus pela amante colaboração em seus desígnios de amor para o mundo.

A medicina moderna conhece um recurso que utiliza cada vez mais: a transfusão de sangue. Quando um doente não tem mais forças e mostra-se tão exangue que sua vida corre perigo, procura um doador universal graças ao qual a vida poderá voltar e permitir a esperança. Encontrado êsse, opera-se a transfusão. Quantas vêzes não se realizou o milagre de um infeliz inanimado e sem forças recuperar pouco a pouco a possibilidade de abrir os olhos, sorrir, falar, mover-se e finalmente ser salvo? A medida que o calor do sangue generoso que lhe era comunicado agia nêle, o vigor renascia e o que não passava de esperança longínqua tornava-se realidade.

Deus percorre o mundo. Procura almas suficientemente cativadas por seu ideal, suficientemente amantes, para tornarem-se doadoras de vida e permitirem assim a alguns que caíram levantarem-se e recomeçarem; a outros, exangues,

³⁰ Tg 1,17.

doentes, minados pela lassidão e pelo desânimo, não soçobram; a outros ainda, hesitantes, temerosos, covardes, renascerem para a verdadeira vida. Para essas almas de elite tratar-se-á de permanecerem disponíveis nas mãos de Deus, constantemente prontas para essas transfusões misteriosas que opera sem que o saibam e sem mesmo consultá-las. O essencial para êle é que ao apelar à sua generosidade, sejam suficientemente fortes para se prestarem a essas operações por vêzes singularmente dolorosas, mas cujos efeitos benéficos serão incalculáveis aos olhos do Deus que tudo pesa. E notai-o: tratar-se-á para elas de serem doadoras universais de vida. Que poderia fazer o médico ante um doador do grupo A, do grupo B, ou do grupo AB, se seu doente não pertence a nenhum desses grupos e, por conseguinte, aquêle não lhe poderia ser de nenhuma utilidade para o caso que o aflige? O que necessita é de um doador cuja riqueza sangüínea esteja constantemente à sua disposição e para todos os casos que encontre.

Deus não agirá diversamente. É assim que detemos o tremendo poder de atar-lhe as mãos e limitar-lhe a ação redentora. Sem dúvida poderia agir por si mesmo e prescindir de todos para a sua obra de santificação. Provou-o suficientemente com a morte de seu Filho na Cruz onde, sozinho perante a obra da redenção do mundo, realizou-a em plenitude e para todas as almas que, até o fim dos tempos, seriam, por seu sacrifício, engendradas para a vida da graça. No momento em que exalou o último suspiro, foi o doador de vida por excelência, e é do lado aberto de Jesus na Cruz que saiu a Igreja. "Cristo amou a Igreja e se entregou a si mesmo por ela,

a fim de a santificar", dirá São Paulo³¹. Eis porque Deus não precisa de ninguém para vir em auxílio das almas. Sòzinho pode iluminá-las, sustentá-las, encorajá-las, reerguê-las, ressuscitá-las sem nenhuma iniciativa de nossa parte. Mas é verdade também, e tôda a ação providencial aí está para prová-lo, que quis fazer cooperarem certas almas em sua obra de santificação. Solicita-as que se tornem "redentoras" com êle. Decidiu, em sua sabedoria, que algumas seriam eleitas para essa função na Igreja, associando-se ao trabalho divino da redenção das almas. É êsse um grande mistério. É o das divinas compensações de que ignoraremos sempre as razões profundas e do qual Deus se reserva o segredo. Sòmente as almas de fé adêrem plenamente aos desígnios do Senhor e com êle cooperam. Por seus sacrifícios generosamente consentidos, por suas provações suportadas no abandono do amor, comunicam misteriosamente a outras almas às quais ignorarão sempre até que lhes sejam reveladas na Pátria celeste, a fôrça de que essas infelizes necessitam para não fraquejarem. Essas "doadoras de vida" permanecerão certamente ignoradas do mundo, mas sua ação benéfica repercutirá até a eternidade. Ocultas, são todavia as grandes "ativas" de que Deus não quer prescindir.

É o que admiravelmente havia compreendido Teresa de Lisieux. O texto em que exprimiu sua convicção é de indizível beleza: "A caridade deu-me a chave de minha vocação. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo, composto de diferentes membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava; compreendi que a Igreja

³¹ Ef 5,26.

tinha um coração, e que êsse coração era ardente de amor. Compreendi que sòmente o amor fazia agir os membros da Igreja, e que se o amor chegasse a extinguir-se, os apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os mártires recusariam verter seu sangue. Compreendi que o amor encerrava tôdas as vocações, que o amor era tudo, que abrangia todos os tempos e lugares... numa palavra, que é eterno. Então, no auge de minha alegria delirante, exclamei: "Ó Jesus, meu Amor!" Minha vocação, encontrei-a enfim, minha vocação é o amor. Sim, encontrei meu lugar na Igreja, minha mãe, na Igreja e êsse lugar, ó meu Deus, fostes vós que me desíes. No coração da Igreja, minha mãe, serei o amor; assim serei tudo. Assim meu sonho se realizará" ³².

Tôdas as almas contemplativas poderiam assinar essas linhas, pois é o destino de sua vida realizar-lhes o conteúdo e representar na Igreja o papel de doadoras de vida. Não se encontram sòmente nos claustros; o mundo contém muitas delas. Jamais desaparecerão porque Deus nunca poderá prescindir de sua contribuição em sua grande obra de redenção. É esta obra que êle prossegue através dos séculos: foi a de seu Filho de predileção; torna-se a de tôdas as almas que querem conformar-se a êle, continuar seu labor e levá-lo adiante sem desfalecimento.

Será preciso mais para mostrar a que ponto o trabalho de conformidade a Cristo Jesus, de identificação a êle, se imporá às almas que procurarão aderir a seus desígnios? Nada pode excitá-las melhor a compreenderem as exigências divinas e a procurarem, humilde mas eficazmente,

aderir a um ideal capaz de erguer uma vida e conduzi-la à santidade.

Todo o nosso labor consistirá em mostrar como se pode realizar essa conformidade a Cristo e por que caminhos chegará ao fim.

Mas antes de abordar êsse tema, deve ser feita uma última pergunta: *quais serão as condições do trabalho que se tornará o nosso, para que atinjam a semelhança de Cristo?*

Reduzem-se a duas: será preciso armar-se de paciência e possuir a ciência dos recomeços.

Se há uma força que valha no mundo e se mostre singularmente eficaz: é a paciência. Infelizmente, a seu respeito estranhas confusões reinam nas mentes e perturbam com frequência até o julgamento dos mais perspicazes. Que colocamos geralmente sob essa palavra "paciência" que não seja uma virtude bastante apagada, praticada sobretudo pelos fracos? Nela vemos somente uma sucessão de atitudes passivas. Que um ser possa ser ativo praticando essa virtude tão rara e todavia tão apreciada pelos que vivem ao nosso lado, é uma idéia que parece distante de muitas mentes. Por quê? Porque a paciência procede tôda em lentidão e silêncio. Em nada se assemelha à ordinária ostentação da energia que comporta movimentos, rapidez, ruído. Sabem-no os prudentes: há horas na vida em que o ruído não aproveita e a grande sabedoria consiste em esperar de preferência a precipitar-se.

Êsses dados encontram sua exata aplicação na vida cristã. Consistindo esta, antes de tudo, num trabalho de assemelhação a Cristo que pouco a pouco nos levará a esposar sua mentalidade, suas idéias, suas vontades, como não estaria aqui presente a paciência, condição de tôda obra fecunda neste mundo? Sem ela jamais alcançare-

mos resultados duráveis. "O tempo não respeita o que se faz sem êle". Esse velho adágio é um princípio seguro; já foi comprovado: é preciso tempo para estabelecer o que deve durar.

É essa, aliás, a condição de qualquer vida. Olhai a natureza: como é paciente! A lenta incubação dos grãos semeados na terra, a evolução a longo prazo das árvores, que se demoram tanto mais em seu crescimento quanto mais vigorosas serão. Parece que a natureza se recolha e queira provar-nos constantemente que a vida é uma obra-prima de paciência.

Tão mais importante é repetirmo-nos isso, hoje que todos têm pressa. Ter pressa está na moda. Denota espírito rápido, realizador. Não estar com pressa, é classificar-se entre os indolentes, os improdutivos. Mas não é essa a verdadeira sabedoria; ela reside inteiramente na paciência, pois sem ela ignoraremos sempre um dos primeiros segredos da perfeição espiritual. Sòmente os fortes são capazes dela.

No ponto de partida da vida cristã será pois necessária a determinação de nunca desanimar. Não há obra mais difícil e que reclamará mais tempo do que o esforço de conformidade a Cristo que ela comporta, pois nada exige mais do que o adquirir nova mentalidade, sobretudo quando se trata daquela de um Mestre tão difícil de contentar. Não esqueçamos jamais que estamos profundamente marcados pelo pecado de origem que tudo deslocou em nós, tudo contaminou. Estamos empenhados numa obra de grande fôlego que requererá o labor de toda uma vida. Pois que se tratará de fazer com que Cristo viva em nós, de permitir-lhe tomar todo o lugar, será preciso que progressivamente o Senhor eduque nossa vontade para que não lhe tenha medo, deixe-se

moldar e nunca se erga contra êle. Compreenderemos melhor o valor dessa paciência e de suas ramificações em nossas vidas quando tivermos compreendido em que consiste essa semelhança a Cristo e até onde nos conduz.

A segunda condição de um trabalho fecundo é possuir *a ciência dos recomeços*.

Isso significa: armar-se todos os dias de coragem e continuar os mesmos esforços. Também aqui são precisas as lições que a natureza nos dá. Quantas vêzes não recomeça? Como não ser tentado a dizer no inverno que tudo está acabado, definitivamente acabado? O gelo mortífero que destrói a vida, a tempestade que despoja as árvores, a neve que cobre a terra com seu sudário e tudo sepulta no silêncio! Mas espere que volte a primavera e tudo recomeça; as primeiras violetas dos bosques proclamam à sua maneira que a eclosão das fôlhas está próxima e que a vida vai renascer. Tudo parecia destruído e tudo emerge de novo depois de haver desaparecido. A natureza repete incansavelmente a mesma palavra de esperança: o segredo do progresso consiste em saber recomeçar.

Na vida cristã, é assim que as coisas se passam. Nela nada estará jamais acabado apesar do concurso de circunstâncias imprevistas ou do abatimento que sucede a acontecimentos contrários e deprimentes. Haverá tentativas infrutíferas, provas, quedas. Será preciso lutar contra a indolência ou a lassidão, que importa! Mesmo se após reais esforços constátamos com despeito que hábitos contrários ao nosso ideal ainda seguem vivos, não nos deixemos deter por essa experiência deprimente, pois destruiria a coragem mais sólida. Tôda vida fecunda é à base de recomeços.

Constrói-se sôbre a perseverança, sôbre o valor

jamais abatido, sôbre a esperança que renasce das ruínas. Nunca esqueçamos que um fio misterioso, de que sômente Deus é o autor, é tecido através da trama das realidades de nossa vida. E êsse fio está em tôda parte, reencontramo-lo quando parecia perdido, emerge de nôvo após haver desaparecido. Eis o que nos deve sustentar.

Eis-nos chegados ao momento de entrar no mistério de nossa conformidade a Cristo, para descobrir-lhe os diversos aspectos e avaliar as exigências que determinará.

CAPÍTULO II

A IMAGEM DE CRISTO, NOSSA INTIMIDADE COM SEU PAI

A tarefa que compete a tôda vida cristã fervorosa pode facilmente traduzir-se nisto: fazer com que Cristo nela chegue à idade adulta, isto é, àquele estado de perfeição em que sòmente êle manda e reina no coração. Numa vida humana que se queira completa, o trabalho da educação não termina realmente senão quando fêz da criança um adulto capaz de aceitar a responsabilidade de cada um de seus atos e justificá-los com motivos que os expliquem. A conformidade a Cristo exigirá de nós que nos tornemos "*adultos espirituais*".

Para compreender tal afirmação seria suficiente que nos perguntássemos: quem era, pois, Cristo Jesus? Era um Homem-Deus que realizava em si o ponto mais alto da união com Deus, seu Pai. Unido a êle, não só "moralmente", isto é, na unidade dos pensamentos e vontades; mas ainda "fisicamente", pois, nêle, a natureza humana estava substancialmente unida à natureza divina na unidade da pessoa do Verbo: tal é o enunciado do mistério da Encarnação. Mistério impene-trável à inteligência humana, mas que justificará a obra de Cristo Jesus e explicar-lhe-á o valor

infinito. Essa união íntima, total, incessantemente renovada, de Jesus com o Pai, foi a condição absoluta da execução de sua obra: a salvação do mundo pela Cruz. Em Jesus, o homem foi sempre vivificado, confortado, sustentado pela divindade.

Ora, somos todos chamados, nos misericordiosos desígnios do Senhor a nosso respeito, a participar, malgrado nossas impotências e misérias, dessa mesma obra de Cristo que, para nós, como para êle, subsistirá até o fim dos tempos: a redenção do mundo. Tal é o aspecto sublime do destino cristão, sua orientação mais importante, diria mesmo: sua grandeza essencial. Será pois necessário, para conseguí-lo, caminhar nas pegadas de Cristo e realizar com Deus, nosso Pai, essa dupla união moral e física, segundo os modos próprios à nossa natureza humana, evidentemente, pois aqui somente a analogia funciona. Como poderemos chegar a isso? É sem dúvida um dos mais altos objetos de contemplação a que nos possamos entregar. Entremos nêle, o olhar constantemente fixo em Cristo Jesus, modelo e inspirador de nossa vida. Consideremos em primeiro lugar nossa união moral com o Pai.

Nossa união moral com Deus

A união moral que podemos ter com um ser humano — e a amizade que a êle nos une deixa entrever-lhe a natureza — é uma união inteiramente espiritual: realiza-se na alma. É a *comunidade dos mesmos pensamentos e vontades terminando por dar a vidas diferentes orientação idêntica*. A riqueza do amor neste mundo consis-

te, com efeito, em amalgamar as almas ao ponto de soldá-las uma à outra, de comunicar-lhes o mesmo entusiasmo, de fazê-las tender aos mesmos fins.

Que seja preciso realizar essa união com Deus, é necessidade vital, do contrário sua ação em nossas vidas chocar-se-á com incompreensões, com hesitações em segui-lo, com revoltas talvez. Por que motivo sêres, que todavia se amaram e tudo sacrificaram um pelo outro, chegam, às vêzes, a não mais se compreenderem, a mutuamente se contrariarem, a não mais caminharem juntos e até a se odiarem? Porque não já partilham dos mesmos pensamentos. Seus modos de ver se opõem; assim o amor desfaz-se em pó e morre. Dessas vidas que, até então, tinham-se apoiado uma à outra na confiança recíproca e total devotamento, não restam senão ruínas. É, infelizmente, o drama de muitas existências de nossos dias! Amar-se, pois não é tudo, mas compreender-se e tender cada dia mais à compenetração mútua das almas na partilha do mesmo ideal e modos de ver comuns que fundam a ação duradoura.

Para fazer "a obra do Pai", será necessário "sintonizarmos" com seus pensamentos a nosso respeito. Quais são êles? Que adiramos sempre mais intimamente às suas vontades relativamente a nós, pois nisso consiste o mistério de nosso amor por êle. Suas vontades, no-las manifestou claramente, pois estão contidas em cada uma de nossas respectivas vocações. Chamou-vos Deus a fundar um lar e a partilhar a vida de família com tudo o que comporta de preocupações, monótonos labores, árduas tarefas por vêzes? É através de vossas lidas diárias que o encontrareis e que vos falará. Sobretudo não as abando-

doneis, pois deixaria de vos olhar e sustentar. Ele vos quer aí e não alhures. Ele próprio traçou o quadro de vossa vida, os deveres que vos impõe. Prepara-se para ajudar-vos, pois quando um ser adere às vontades, não pode abandoná-lo a si próprio. O Senhor será o princípio de vossa fôrça e seu mais seguro apoio. Quer-vos Deus no celibato, na viuvez, na vida consagrada sob um de seus múltiplos aspectos, é nesse estado de vida por êle mesmo fixado que o encontrareis. A cada um dos que encontra fiéis no caminho, diz o Senhor a palavra que outrora fêz ouvir ao profeta Elias quando o mandou viver junto à torrente de Cariat: "É aí que te alimentarei" ¹.

O que nos entristece e explica algumas de nossas hesitações em seguir o Senhor e contentá-lo, é que não sabemos por que exige isto ou aquilo de nós. Os motivos ocultos de sua ação em nossas vidas permanecem o mistério no qual freqüentemente embatemos, mistério que abala a confiança que lhe devemos. Não estais de acôrdo? Quantos "por que" lhe dirigimos! E sempre êsse silêncio de Deus que os acompanha! Esta é, sem dúvida, uma das provações mais crucificantes da vida: a aparente indiferença divina pelo que mais nos importa: saber para onde vamos ou, pelo menos, perceber as razões que o fazem agir. Sobretudo não vos obstineis em querer penetrar êsse mistério! Deus é cioso de seus segredos; tranca-os a sete chaves! Não que nos queira afligir por não sei que desejo doentio de provar-nos como às vêzes alguns seriam tentados a crer. Como poderia ser assim quando tantas vêzes manifestou-nos seu amor? Saibamo-lo:

é assim porque nossa inteligência não é proporcionada à grandeza de seus projetos e não pode, por isso, escrutar-lhes o alcance. O que quer é que nossa confiança nêles seja total. A fé é o salto no desconhecido, é a aventura de um ser que confia sem reserva a Deus o cuidado de conduzi-lo, ao ponto de dizer-lhe: "Senhor, reconheço que fizestes bem tôdas as coisas em minha vida. Apoiando-me no passado, olho o futuro com serenidade e apóio-me unicamente em vós".

A pedagogia divina da intimidade

Essa a razão por que Jesus recomendou tanto a fidelidade à vontade do Pai como sinal infalível de nossa união moral com êle. Para Cristo, a vontade do Pai foi tôda a sua vida: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou"². "Nem todo o que me diz: — Senhor, Senhor — entrará no reino dos céus, mas o que faz a vontade de meu Pai que está nos céus"³. Austera palavra, talvez, mas quão reconfortante quando podemos testemunhar a nós mesmos haver feito de nossa vida o que êle havia decidido, e que paz não engendra tal fidelidade! O próprio Jesus quis dar-nos disso a certeza: "Todo aquêles, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou a sua casa sôbre a rocha. Caiu a chuva torrencial, os rios transbordaram, sopraram os ventos e precipitaram-se contra aquela casa, mas ela não desabou porque estava fundada sôbre a rocha"⁴. Todo o resto é ilusão falaz. Se tantos

² Jo 4,34.

³ Mt 7,21.

⁴ Mt 7,24-25.

sêres humanos se extraviam e perdem o gôsto pela vida, é porque construíram-na sôbre a areia movediça de suas fantasias, de seus desejos descontrolados, de sua sêde de independência. Não recolhem senão decepções, dissabores, quando não ocorre a frustração total de suas esperanças insensatas!

Entretanto é preciso dizê-lo, a vontade divina é dura de executar. Suas exigências por vêzes nos acabrunham; o mistério que a envolve nos choca e atemoriza: "Que irá pedir-me ainda? Até onde não irá? Estarei em condições de perseverar e é segura minha fidelidade?" Assim, para aderir aos desígnios de Deus, preciso se faz estabelecer-se em sua familiaridade, esforçar-se por adotar seus hábitos, viver em sua intimidade, caso contrário aparecerão dissentimentos. Quereis conhecer o motivo por que almas há que se aborrecem na presença de Deus? Ei-lo: não pensam como êle. Como quereis que conheçam qualquer intimidade com êle? A freqüentação de um ser, na qual não se realiza a comunhão das almas, torna-se ràpidamente penosa.

A fim de levar-nos progressivamente a adquirir sua própria mentalidade, o Senhor se propõe educar-nos durante tôda a vida. Cada etapa conhecerá suas dificuldades, suas provações de que não se poderá ter idéia antes de haver passado por elas. Fatalmente, deverá êle mudar não poucas coisas em nós; ser-lhe-á às vêzes preciso cortar no vivo e fazer sofrer os que no entanto ama e não pode deixar de amar. Quer a todo custo fazer-nos nascer para a verdadeira vida, inocular-nos seus hábitos, suas maneiras de ver. Administrará remédios amargos, fará certas operações que infalivelmente deixarão cicatrizes. **Em** seu amor quer curar-nos e fazer com que nos

assemelhemos cada vez mais estreitamente a seu Filho, cuja imagem se gravará na alma à medida de suas intervenções. Assemelhar-se a Cristo é necessariamente submeter-se à ação purificadora do Senhor. Nada de durável, de sólido, realiza-se fora dêsse seqüestro de Deus, único conducente à santidade.

A intimidade de Jesus com seu Pai, modelo da nossa

Como proceder para chegar a essa união moral com Deus na conformidade das vontades? Basta, para sabê-lo, considerar a Cristo. Tendo sido tôda a sua existência fazer perfeitamente a vontade do Pai ao ponto dela tornar-se seu alimento, sòmente êle pode instruir-nos no método a seguir para chegar à mesma intimidade.

O que estabelece a diferença entre êle e nós, o que faz com que encontremos resistências quando Deus nos solicita para uma renúncia, uma obra que parece ultrapassar nossas capacidades ou apelar para uma coragem de que nos sentimos incapazes, não é que as coisas pedidas a Jesus por seu Pai tenham sido essencialmente diferentes das que requer de nós. Mas o que estabelece a nuance é que êle via as vontades divinas numa luz diferente da nossa. Considerava nelas sòmente desígnios de misericórdia e amor. As tarefas de sua vida oculta em Nazaré, que solicitavam sua generosidade, quase não se diversificavam das que devemos satisfazer. O que nêle era incomparável é o esclarecimento que, sobre todos os seus trabalhos, lançava a luz de Deus. E eis que mudava tudo. Em consequência

das diversas ciências que possuía, via as realidades dêsse mundo, suas exigências, seus trabalhos, suas penas, suas alegrias também, diferentemente de nós. Que quer isso dizer?

Como cada um de nós, partilhava a luz da razão, emanação da pura luz que Deus traz em si⁵, pois, no dizer de S. Paulo “tornou-se semelhante aos homens e foi reconhecido como homem por todo o seu exterior⁶. Apesar dessa luz nêle existir em grau eminente, era da mesma qualidade da nossa. Ante o criado, tinha as mesmas reações nossas. Mas não se limitava a isso e é aqui que começa para Cristo a maneira diferente de se comportar perante a realidade das coisas e dos acontecimentos.

Pela visão beatífica que trazia em si desde o primeiro instante de sua concepção, via as coisas como Deus as vê. A luz natural de sua razão devia mostrar-lhe as realidades da vida, quando as considerava em sua verdadeira aparência, sob seu aspecto freqüentemente decepcionante. Ser-lhe-á preciso superar essa impressão desagradável e penetrar a realidade humana para descobrir o divino que Deus aí pôs e que ela certamente detém. Via a vontade de Deus encarnada nas coisas e nos acontecimentos. E assim como teve de se encarnar para mostrar-nos Deus vindo até nós, e manifestou, mediante tôda sua vida, Deus vivendo nêle, assim receberá do Pai a incumbência de mostrar-nos a vontade divina a se traduzir por tôda parte no mundo.

5 Sl 4,7.

6 Flp 2,7.

Ver tôdas as coisas à luz de Deus

Quereis chegar à união moral com Deus? Necessário vos é começar por ver tôdas as coisas à luz de Deus. É-vos absolutamente indispensável mudar a iluminação de vossa vida. A conformidade a Cristo terá nisso seu primeiro esboço, um tímido, mas real comêço. Semelhantemente a Jesus, não se tratará mais para vós de vos deterdes nas aparências freqüentemente enganadoras da existência. Nessa claridade, vossas tarefas cotidianas, vossas inquietudes talvez pelo dia de amanhã; certa dificuldade a vos irritar e permanecer incompreensível ou insuperável; certo rosto humano cujo encontro vos é penoso tudo o que, numa palavra constitui o quadro habitual de vossa vida, tomará aspecto nôvo, não vejo como podereis escapar às decepções, às lassidações, à própria desesperança. Muitas vêzes em vosso caminho, encontrareis a pedra de tropeço que vos fará tropeçar e talvez cair. Finalmente, não compreendereis mais coisa alguma das ações divinas que vos concernem; caireis na confusão mental, nessa nebulosidade do espírito onde tudo é confuso, sem relêvo, sem atrativo. Vossa vida não terá mais sentido. Tudo acabará por perder-se na mediocridade.

Para vos incitardes a essa “reviravolta” dos valores de vossa existência, a essa visão de fé de todos os elementos que a compõem, olhai o Cristo. A luz de sua inteligência humana era infinitamente mais penetrante do que a nossa. No mistério de sua Paixão, como poderia não descobrir sua inutilidade para a maioria? Tivesse êle se detido sòmente nessa consideração aca-brunhante, teria fraquejado antes mesmo do começar. Mas deliberadamente fechava os olhos

a essa certeza humana, paralisante, dolorosa, para só abri-los à luz sobrenatural que trazia em si, na qualidade de Deus, e que o levava a dominar as inevitáveis decepções às quais, exatamente como cada um de nós, não podia escapar. Nessa luz, entrevia o que resultaria de seu sofrimento redentor até a eternidade: a glória dada ao Pai, nosso resgate realizado, nossa dignidade de filhos de Deus reconstituída, a multidão das almas que, no decurso dos séculos, viria buscar aos pés da Cruz a coragem de encaminhar-se pela mesma senda e assegurar-se de que sua vida é capaz de idêntica grandeza, de eficaz irradiação. Nessa visão, as forças lhe voltavam.

Como fazia Jesus para chegar a êsse resultado? Vivia intimamente unido ao Pai. Essa constante referência a aquêle que ocupava seu pensamento e seu coração era o segredo de sua força, de sua inalterável coragem. Durante o dia dedicava-se generosamente aos outros, dava-se a eles sem pensar em si. Mas, em caindo a noite, retirava-se à solidão para orar. Aí é que a luz de Deus lhe era comunicada; aí voltavam-lhe as forças e reencontrava o Pai, vendo tôdas as coisas à sua luz. "Durante a noite", precisa o Evangelho, isto é, quando nada podia distraí-lo de Deus.

Eis o que o Espírito Santo deve inspirar-nos. Momentos há na vida em que se faz necessário ter a coragem de pôr à margem inclusive as melhores atividades, aparentemente as mais fecundas, para reencontrar Deus e não perder o contato com êle. E nessas horas benditas de franca expansão com Deus que se dá conosco o que outrora aconteceu a Cristo: vemos as coisas como as vê Deus, compreendemos melhor o "porquê" de certa intervenção divina, desorientadora tal-

vez, mas justificada por emanar do Senhor; percebe-se um possível desvio do zêlo, certo esquecimento, certo passo em falso a evitar, uma avançada a realizar. É então, sobretudo, que as forças voltam e evitamos o temível perigo do desalento ou da displicência. Sob a benfazeja influência dessa luz derramada do alto, pensamos como Deus, reagimos como êle, identificamo-nos a êle. Esse o ponto de partida obrigatório da união moral que sonhamos realizar com Deus. Esse o seu firme fundamento.

A luz de Deus numa vida

Possuímos nós essa luz tão preciosa e tão desejável? É-nos possível, em nossa condição humana tão sujeita ao êrro, apelar para ela? Certamente que sim!

É a *fé* que nos vem dizer o que Deus é para nós e o que nos espera: Pai desejoso de que cada um de seus filhos encontre em sua vontade, tal como lhes é claramente manifestada, um alimento que assimilará e do qual unicamente viverá. Os *dons do Espírito Santo* também atuarão numa vida cristã normal e é sem dúvida uma de nossas fraquezas não atentar suficientemente nisso; não produzem então o que poderiam produzir. Pelo *dom de inteligência*, o Espírito Santo comunicará intuições surpreendentes, um "instinto" sobrenatural que, quase sem esforço, conceder-nos-á adivinhar o que vem de Deus ou o que êle espera de nós. Por seu *dom de ciência*, evidenciará nas realidades criadas tôdas as lições que nos levam a Deus. Secretamente, nos advertirá das ilusões muito fáceis em que se deixaria apanhar nosso

coração. A sua luz, perceberemos claramente o finito e os limites dos bens terrestres, avaliaremos, em seu justo valor, as venturas dêste mundo; e a persuasão das amarguras que nos deixam, lançar-nos-á para Deus numa afeição inviolável. Faz-se assim a triagem do que é benéfico ou nocivo, do que cumpre aceitar ou rejeitar, abençoar ou maldizer. Por seus *conselhos*, enfim, o Espírito Santo inocular-nos-á progressivamente a mentalidade de filho de Deus, corrigindo o que de transviado ou imperfeito houver em nossas maneiras de ver, em nossos desejos e esperanças; tenderá a fazer de nós sêres de raça, capazes de realizações que Deus poderá aprovar e abençoar. Como educador experiente, nada negligenciará o Espírito Santo para que nossa ascensão ao Senhor não se alente, mas crie em nós veemente desejo de lhe pertencer cada vez mais. Sob essa influência sagaz é que adquiriremos pouco a pouco os hábitos de filho de Deus, consciente de seu apêlo à santidade e esforçando-se dia após dia por responder-lhe com o melhor da coragem. Êsses dons do Espírito nos indicarão nas múltiplas circunstâncias da vida como responder à vontade divina. Para tudo dizer, não nos farão ver outra coisa no dédalo dos acontecimentos que nos concernem, de modo que o dever permanecerá sempre austero; certa dificuldade lancinante e dura de aceitar; a monotonia da vida com suas fastidiosas tarefas, tão difícil de admitir; mas todo êsse mundo no qual evoluçionamos, fará o Espírito Santo que o vejamos de outra maneira. Onde havia revolta, haverá aceitação; onde a amargura emergia, serena alegria se manifestará; onde o desespero começava a nascer, uma confiança amante e sem reserva apontará na alma. Como vêdes, temos sempre de voltar à mesma constan-

tação: é a iluminação de vossa vida que está em jogo. É ela que deve reclamar vossos cuidados; deveis controlá-la incessantemente. De outra forma, está bem próxima a noite para vos invadir e fazer-vos perder a direção da vida.

Não concordais em que a luz, em qualquer campo que se manifeste, é grande mágica? Na natureza, cria a vida, adorna-a com todos os seus atrativos; encanta pela alegria que engendra; sob sua influência, tudo se afirma em sua autenticidade: as árvores, as flôres, as paisagens, tudo se anima sob o seu caloroso influxo. Avançai mais e medi a distância que separa a luz ordinária da dos raios X. Graças a esta última o pequeno passarinho que a nós se mostrava somente sob seu aspecto exterior torna-se uma maravilha cujas molas ocultas uma a uma descobrimos; além de sua plumagem, da forma de seu corpo, da postura de sua cabeça, eis que seu coração bate sob nossos olhos, seus pulmões respiram, seus músculos se movem. Nada dêsse complexo íntimo nos escapa; um mundo insuspeitado descobre-se para nós.

Assim é a luz do Espírito Santo, em sua ordem a idêntico fim: revelar-nos as profundezas de Deus, o mistério de suas ações no que nos concerne. E o primeiro resultado dessa influência da luz divina será inspirar nossa atividade e impregná-la de sobrenatural. É assim que à imagem de Cristo Jesus, passaremos da conformidade nos pensamentos à conformidade nas vontades. A vontade do Senhor, que parecia amarga e rebarbativa tornar-se-á mais doce e a acolheremos com olhar sereno, enquanto que antes nos atemorizava. Essa é a união moral com Deus a que devemos tender; êsse o seu inestimável valor.

Meios a empregar para alcançar essa intimidade

Compreendeis agora como temos necessidade da luz de Deus para fazer a obra de Deus, isto é, participarmos tanto quanto nossas pobres fôrças o permitirem no drama da redenção do mundo? Sem uma fé desperta, sem um recurso freqüente ao Espírito Santo, único que pode manter em nossas vidas tão freqüentemente dispersas o entusiasmo e a generosidade que semelhante apêlo requer, como quereríeis chegar ao fim? Pois essa luz jorrada de Deus não é só exigida para ensinar-nos a ver como Deus, o que é sua função principal, mas também para dar-nos a fôrça de seguir suas indicações. Com efeito, ver não é suficiente; o que é sobretudo preciso é realizar. Ora, "realizar", quando se trata da obra de Deus, quer dizer "carregar a própria cruz", não a cruz de Cristo, do que não seríamos capazes, mas simplesmente a nossa.

Para consegui-lo, far-se-á necessário empregarmos o mesmo meio de Cristo. É em nossa intimidade com Deus, concretizada em certas horas de nossos dias na oração silenciosa, que encontraremos a fôrça de cumprir nosso destino. Será preciso velar para colhêr tôdas as ocasiões que se apresentarem de conservar essa intimidade e cultivá-la. Como Cristo, deveremos poupar-nos momentos para estar com o Pai. Por conseguinte, deixar-nos invadir completamente por nossa vida é consentir em não mais permanecer à disposição de Deus, é deixar extinguir-se o Espírito em nós. A estafa jamais pode convir ao Espírito Santo. Deus pedirá sem dúvida que nos entreguemos à nossa vida com tôdas as tarefas que ela exige, pois que foi êle quem a fêz.

Na atividade, olha-nos para ver como nos comportamos. Sustentar-nos-á, pois êsses trabalhos, não fomos nós que os escolhemos. Mas presta atenção ao nosso comportamento para saber se não o perdemos de vista, se guardamos no coração sua intimidade. É a única coisa que lhe interessa; para êle, todo o essencial está aí.

O terreno de eleição dessa intimidade será evidentemente a prece, quer se realiza na vida litúrgica, da qual muitas almas compreendem melhor em nossos dias o apoio que proporciona para ajudá-las a se aproximarem de Deus, quer se exprima sob os diversos aspectos da vida de oração⁷. Uma alma que a ela se dedique, prova ter-se tornado "adulta" na fé. É, como efeito, uma lei da psicologia humana que quanto mais amamos uma realidade, mais procuramos penetrar-lhe o segredo. O Espírito Santo, por seu *dom de piedade*, leva essa alma a compreender com Bérulle que "já que estamos em perpétua emanção e dependência de Deus, devemos estar em perpétua elevação e referência a êle" Eis porque, segundo a bela fórmula de Santo Tomás de Aquino, êsse mesmo Espírito "nos moverá a um sentimento filial para com Deus"⁸, exatamente como a criança que cresce e toma consciência das dificuldades da vida percebe melhor tudo o que deve aos pais; compreende que se privaram de muitas coisas para que nada lhe falte. Sentimentos novos elevam-se então em seu coração que talvez, um dia, levá-la-ão ao sacrifício, e mesmo ao heroísmo.

⁷ Descrevemo-los em nossa obra: "*Le Mystère de notre intimité avec Dieu*". Aqul podemos apenas convidar a que a consultem (T. II, p. 61 e ss).

⁸ IIa IIae, q. 121.

A condição indispensável da intimidade: a assiduidade

Quer isso dizer, todavia, que para chegar à conformidade com Cristo e participar na mesma obra que êle, é suficiente conhecer essa familiaridade com o Pai, cuja necessidade e desenvolvimento acabam de ser descritos? Não, pois será preciso algo mais. Será preciso acrescentar-lhe uma condição sem a qual essa intimidade seria bem frágil: *a assiduidade*.

Aprender a pensar como Deus, com efeito, resume-se em mudar radicalmente nossas maneiras de ver pessoais, nossas estimações, certos comportamentos nossos. pois nada é mais difícil de assimilar do que uma mentalidade, um "estilo" de vida, diríamos. Todo educador o sabe: é um trabalho de fôlego.

Olhai Cristo e o método que seguiu com os apóstolos. Quantas precauções teve de tomar! De quantas contemplações teve de usar! Não lhes anunciou acontecimentos desagradáveis, capazes de surpreendê-los, e até transtorná-los, como o anúncio de sua Paixão com as circunstâncias que a acompanharam, senão quando percebeu que já não poderiam não solidarizar com êle. O anúncio da Eucaristia é característico dessa conduta. Ouvindo-o falar, a multidão e mesmo alguns de seus discípulos que consideravam essa realidade misteriosa segundo suas vistas humanas, nada compreenderam. Em vão examinaram de todos os modos as afirmações do Mestre, nada lhe perceberam da intenção e da vontade de dar-se aos seus dessa maneira. Aproveitaram-se disso para se separarem dêle. Mas os apóstolos, mantiveram-se firmes e permaneceram ao lado do Mestre: "Senhor, a quem iríamos senão a

ti?", dirá Simão Pedro. Sua vida comum com Jesus, sua presença junto a êle havia produzido essa adesão sem reserva de corações que continuam fiéis mesmo quando não compreendem.

Deus procederá conosco de maneira idêntica: não se apressará. Suceder-se-ão os anos em nossa vida; em cada etapa, êle completará seus ensinamentos, concederá novas luzes que não achara bom dar antes porque o momento não lhe parecera propício. Intervirá quando da sua hora, na que julgar mais oportuna e da qual reserva para si o segredo. Mas se manifestará, temos a certeza. Tudo o que exige de nós é que estejamos disponíveis para acolhê-lo e prestar atenção ao que quiser dizer-nos. Para isso será preciso freqüentá-lo assiduamente. Que significa isso?

Penetramos aqui num dos aspectos da vida espiritual de compreensão mais delicada por causa das numerosas ramificações que terá em nossas vidas; mas não há aspecto mais oportuno para se considerar, pois continua sendo a pedra de tropêço de muitos cristãos de nossos dias e o ponto em que não somente alguns divergem,⁽ mas se extraviam, estragam o melhor de si mesmos e condenam-se à esterilidade.

A assiduidade em exercício

Dispomos de duas espécies de atos para ir a Deus e permanecer em sua intimidade: *os que reconduzem o coração para Deus e os que lhe consagram todo o nosso ser.*

Os atos de misericórdia para com o próximo pertencem à primeira categoria. Os cuidados dis-

pensados aos doentes, a assistência social às crianças abandonadas, o ensino das ciências profanas, são obras que tendo a sua consistência própria não deixam de ser em primeiro lugar atividades em que o valor terrestre predomina. Por excelentes e necessários que sejam, êsses atos prendem-se antes de tudo à ordem dos devotamentos naturais, de utilidade humana imediata. Não é necessário pensar em Deus para cuidar de um doente; como ato de misericórdia, é perfeito em si mesmo. Êsses atos de devotamento ao próximo, tenham o nome que tiverem, sòmente se tornarão obras de caridade sobrenatural pela intenção dos que os realizam. Êsse valor suplementar que lhes é acrescentado, procederá pois de uma orientação particular do coração que quer referir a Deus sua atividade e reconduzir-lha em testemunho de amor.

Razão por que o serviço ao próximo, por ser também um serviço de Deus quando é fecundado por essa intenção fundamental de tudo empreender e perseverar por seu amor no dom de si mesmo, não poderá comprometer a unidade substancial da vida cristã. Quando amamos e servimos ao próximo é ainda a Deus que amamos e glorificamos.

Sòmente que, é bem preciso confessá-lo, mesmo exercidas por amor de Deus e em união com êle, essas atividades impedem freqüentemente que nos ocupemos de Deus por causa das preocupações e dispersão que provocam, pelo acréscimo de labor que aniquila as fôrças físicas e nos torna inaptos para qualquer elevação um tanto continuada para o Senhor. Não é isso o que costumamos designar como o mal maior de uma época que se pretende eficiente e para qual rendimento prevalece sôbre tudo? O perigo

que efetivamente ameaça com maior freqüência o apóstolo é querer responder a tôdas as necessidades do próximo; esgota assim suas fôrças físicas e suas reservas espirituais numa ação desmedida. Se é da natureza da caridade impelir a fazer o bem, é preciso ainda podê-lo. Santo Tomás de Aquino faz sôbre êsse assunto uma observação pertinente: "Quando se trata das obras exteriores de caridade, da beneficência, não podemos fazer bem a todos e a cada um, pois somos limitados pelo espaço e pelo tempo, como por nossas fôrças físicas e espirituais"⁹.

Vemo-lo claramente: a caridade manifestada para com o próximo, mesmo sob seus aspectos mais elevados e desinteressados, não pode ser suficiente para reconduzir uma vida a Deus. É-lhe necessária outra coisa. Requer um dom de si mesma que a empenhe mais profundamente: o de seu ser. É essa atividade eminente que São Gregório Magno expressou numa fórmula de rara plenitude: "Soli Deo vacare", ocupar-se sòmente de Deus¹⁰. Tal será o destino da liturgia na vida cristã: operar uma concentração das fôrças espirituais da alma no Senhor tornado único objeto de contemplação¹¹. Tudo nela predisporá a essa conversão total, a essa oferenda sem reserva. Necessitará de um estudo aprofundado das realidades espirituais de que queremos viver, uma aplicação do espírito às "coisas do alto", todo um clima de prece a fim de manter a unidade profunda da vida. Será sem dúvida uma das grandes graças do Concílio Vaticano II,

⁹ IIa IIae, q. 31, a. 2.

¹⁰ Diálog. Lib. I, c. 8. P.L. 77, 185.

¹¹ Reencontramos aqui o pensamento de São Paulo (Rom 12,1): "Exorto-vos, pois, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecer os vossos corpos como vítima viva, santa, agradável a Deus, como vosso culto racional".

pelas reformas litúrgicas que operou, ter reconduzido as almas ao essencial e fazê-las perceber, por uma melhor compreensão dos textos litúrgicos, os valores de vida que encerram.

Quer participemos de uma celebração litúrgica ou da prece de oração, é, com efeito, todo o nosso ser que se oferece ao Senhor durante êsse tempo que lhe consagramos. O espírito está totalmente orientado para Deus com tôdas as suas potências: a inteligência, para penetrar o sentido das palavras que os lábios articulam; a imaginação, para criar a sensação de uma presença amante ao lado daquele que reza; a vontade, que sustenta a atenção para que se aplique com continuidade. Até o próprio corpo se associa a essa orientação total para o Senhor pelas atitudes que toma quando o coração exprime sua adoração pela prostração, seu arrependimento no ajoelhar-se, sua fé na posição de pé em que se proclama. O próprio tempo que demos ao Senhor foi a ocasião bendita de dizer-lhe que tudo em nossa vida lhe é consagrado e que não encontramos melhor emprêgo para êle do que submetê-lo àquele que o concede e que permaneça inteiramente em sua mão. Oferecendo vosso ser a Deus, fizestes dêle o mais belo emprêgo que se possa conceder: centriste-lo nêle.

Se nos colocarmos no ponto de vista de sua utilidade terrestre, êsses atos de adoração, de culto, êsses instantes de prece amante e silenciosa, não servem para nada; não têm nenhuma utilização de ordem prática. Para quem não pôs Deus em sua vida e por isso esquece sua presença e ação criadora permanentes, êsses momentos reservados sòmente ao Senhor são considerados nulos porque sem eficácia imediata no campo terrestre. Mas aquêle que tem fé e que

dela vive sabe que sem essas almas adoradoras o mundo desmoronar-se-ia porque não prestaria mais a seu Deus essa homenagem primeira que é a da adoração. Esse mesmo mundo perderia sua razão de ser pois que não existiria mais somente para Deus. É o que as almas contemplativas exprimem com tôda a sua vida: proclamam, por sua fidelidade, os direitos absolutos de Deus sobre tôda a criação; cantam sua glória, redizem-na sem se cansarem e encontram nessa proclamação uma alegria de que é difícil fazermos-nos idéia enquanto nós próprios não a experimentamos. É nesse contentamento do ser que se entrega inteiramente a seu Senhor que tem origem seu arrebatamento espiritual. A luz de fé em que banham essas almas contemplativas estimula-as incessantemente e fá-las compreender sempre mais profundamente à medida que se entregam a essa vocação, que são mais úteis à Igreja do que tôdas as obras do apostolado, por excelentes que pareçam.

Santo Tomás de Aquino fêz, a tal respeito, uma reflexão cuja oportunidade se impõe nesta época em que alguns cristãos, sobretudo entre os melhores, têm dificuldade em aderir a essa perspectiva: "Na maioria daqueles que se dedicam às obras, diz êle, não é a caridade perfeita que os impele, mas antes o desgosto da vida contemplativa"¹². Que isso vos esclareça e vos mostre quanto é necessário chegar até êsse dom de vosso ser a Deus. É dizer com isso a importância soberana da prece em vossa vida e quanto os momentos de silêncio que passais junto ao Senhor podem lhe ser agradáveis. Nesses instantes, nada do que vos compõe lhe escapa. Numa vi-

12 De perfect. vitae spirit. o. 28.

da cristã normal a oração é uma necessidade vital, pois é o momento em que nos podemos encher de Deus, dizer-lhe à vontade nosso amor e contemplá-lo em silêncio. Assim, quanto mais tivermos estado unidos a Deus na atividade (dom do coração), mais aspiraremos encontrar-nos a sós com êle (dom do ser).

Conclusões

Dessas reflexões resultam conseqüências de ordem prática que notaremos.

1. — Considerada sob êsse duplo aspecto de oferta do coração e de todo o ser ao Senhor nossa vida se ilumina de nova luz. Pode Deus desejar algo melhor de cada um de nós, do que sermos dêle e por isso tendermos a êle? É o que Cristo Jesus fêz por meio de tódia a sua vida e é nessa "tensão" que nossa conformidade com êle encontrará seu completamento. A fim de chegar a isso — pois êle sabe melhor do que ninguém como somos tentados de esquecer êsse fim eminente e negligenciar os meios de realizá-lo — porá Deus em nossa vida obrigações especiais de ir a êle e permanecer em sua intimidade. É o sentido religioso do domingo cristão em que todo labor deve cessar para que Deus ocupe, nesse dia, o pensamento e o coração de seus filhos. Assim, sua santificação estará no princípio do equilíbrio espiritual de uma vida. Se Deus não tivesse pôsto essa obrigação estrita de lhe pertencermos nesse dia, é muito evidente que nos deixaríamos monopolizar, nesse dia como nos outros, pelas necessidades da vida e que o ne-

glicenciariamos até esquecê-lo completamente. Se não insistíssemos nesse dever essencial de sermos reconduzidos a Deus pelo culto, pela prece, depressa nos assemelharíamos àquele que, à força de trabalhar, não encontra mais tempo para comer ou repousar. Ora, é tendência instintiva da natureza humana negligenciar a Deus; até os melhores deixam-se arrastar às vezes e vivem, nesse ponto, numa inconsciência que diz muito de sua inércia espiritual e do pouco lugar que Deus ocupa em seu coração. Assim, quando o Senhor vos chamar à prece, pensai bem que é uma misericórdia que vos faz. Solicita-vos então que o coloqueis deliberadamente em vossa vida e nunca o perçais de vista.

2. — Para que os atos do culto cristão dêem todo seu fruto, é preciso primeiro fazê-los. Essa afirmação, que pode surpreender porque não diz nada com que não concordemos facilmente, vale entretanto a pena de ser feita, pois abrange muito por suas ramificações na vida. Julgai-o por vós mesmos.

Há cristãos, para falar sòmente dêles — e quem não concordaria em que são numerosos em nossos dias? —, que suprimem a prece em proveito do trabalho apoiando sua maneira de proceder no adágio: "Trabalhar é orar". Com efeito, freqüentemente ouvimos dizer que quanto mais nos entregamos à ação, mais nos santificamos. Nada é mais falso do que essa afirmação que é, aliás, desmentida pela experiência. Com muita freqüência, infelizmente, o labor do dia nos desseca, nos esgota. As próprias palavras que pronunciamos para o bem do próximo esgotam nossa seiva espiritual. Se o trabalho equivalesse à prece, não sentiríamos, em certas horas,

essa sêde da alma que acompanha nossas "démarches", nossos esforços, sêde que a atividade não pode mitigar. Sòmente que, se não é verdade que o trabalho se identifique com a prece, é exato que o trabalho pode ser realizado num espírito de prece e aproximar-se do culto prestado a Deus, pois o labor quotidiano é querido pelo Senhor; seu próprio Filho, pelo trabalho que assumiu durante os anos de sua vida oculta em Nazaré, provou em que estima particular o tinha e que meio de união a Deus podia ser. Entretanto, repitamo-lo para os que fòssem tentados de esquecê-lo, não é o trabalho em si mesmo que santifica, mas sim o amor com que a êle nos entregamos. Santo Tomás de Aquino dirá a respeito daqueles que caem no êrro aqui assinalado e que, infelizmente, é tão difundido em nossos dias: "De bom grado, ou pelo menos sem muito constrangimento, desertam a contemplação divina para se ocuparem dos negócios da terra e mostram assim que não têm nada ou bem pouco de verdadeira caridade¹³. Sòmente a caridade é a medida de nossa santificação.

Portanto, nunca será verdade que o trabalho possa substituir a prece. Admitir êsse êrro seria perigoso e causaria grave dano à vida interior de uma alma. De que se trata? De fazer o que Deus nos pediu. Ora, para êle, o dever da prece é fundamental. É primordial, no sentido de que nada pode substituí-lo, sob pena de passar à margem do grande meio de que dispomos para a êle nos unirmos. Precisamos respeitar a ordem estabelecida. Sòmente Deus sabe quanto necessitamos ir a êle!¹⁴.

13 De Car. a 11 ad 6.

14 Para os religiosos ou religiosas que lerem estas linhas, adiantamos isto: quando entramos num Instituto religioso de

3. — Êsses atos do culto, êsses momentos da prece reservados ao Senhor, é preciso não sòmente fazê-los, mas ainda fazê-los *bem*, é preciso dar-lhes o que eu chamaria tòda sua "densidade espiritual". É sòbre o advérbio "bem" que se concentra tòda a fôrça da reflexão. Se às vêzes nossos atos de piedade não dão o resultado que deveriam normalmente dar, isto é, se não nos levam a uma intimidade maior com Deus, é porque se reduzem ao cumprimento legal de uma obrigação. Ora, não é isso que Deus nos pede. Os atos de piedade que solicita dos que o amam têm como finalidade primeira reconduzi-los a êle. Da mesma maneira, quando nos pede para aceitarmos nosso labor do dia, em qualquer condição de vida que nos tenha forjado, é para permitir-nos de nos aproximarmos dêle. De Santo Inácio de Loyola, dizia-se que era "*in actione contemplativus*". É o que poderíamos dizer de todos os santos que se devotaram ao próximo: conservaram-se "contemplativos na ação", amigos de Deus que se fizeram servos dos outros por amor, sem deixarem de continuar seus amigos ¹⁵.

vida inísta ou de vida ativa, não é primeiramente para nos tornarmos mais aptos ao apostolado do que se houvêsemos ficado no mundo. É para consagrar nossa vida a Deus, para conhecê-lo e amá-lo melhor, para glorificá-lo tão perfeitamente quanto possível nos exercícios da contemplação como nas obras da vida ativa.

A ação, para um religioso ou uma religiosa (digamos igualmente para um padre ou um leigo que se dedica ao apostolado), é uma maneira de provar a Deus que o ama e quer sua glória fazendo bem ao próximo, como o prova quando se dedica à oração. A ação é a perfeição da caridade que frutifica nas obras. Exercido assim por amor a Deus, em união com êle e em seu nome, o apostolado será verdadeiramente o que deve ser, uma obra de caridade divina, um serviço de Deus, e produzirá todo o bem que o Senhor dêle espera.

15 J. Nadal, s. J. *Epistolae in Mon. Hist. S. J. T. IV*. Madrid, 1905, p. 651.

4. — Tudo está em compreender o que Deus quer de nós. Ele espera que ponhamos a prece em nossa vida e em tal dose que volvemos frequentemente a êle. Durante êsses momentos de intimidade, nos formará, nos educará. Um mestre sabe que não pode ministrar eficazmente seu ensinamento ao aluno a não ser tendo-o junto a si. É num colóquio freqüente que inocula sua ciência numa inteligência disposta a recebê-la. Deus não agirá diferentemente. Sua grande alegria é sentir seus filhos perto dêle para que possa iniciá-los nos mistérios de sua vida e revelar-lhes seus segredos. Será uma infelicidade se, à fôrça de nos deixarmos monopolizar por obrigações humanas, chegarmos a suprimir o essencial de nossa vida, isto é, o pensamento de Deus e o lugar que deve ocupar em nosso espírito.

Aos que objetassem que tal concepção de vida cristã proclama a primazia da atividade espiritual da alma e põe em segundo plano o serviço ao próximo, o apostolado sob tôdas as suas formas, responderíamos citando dois textos de Santo Tomás de Aquino nos quais se resume todo o nosso pensamento. Eis o primeiro: "A ordem da caridade ordena amar a Deus em primeiro lugar depois a si mesmo, e em seguida ao próximo" ¹⁶; e o segundo: "Entre as primeiras coisas que Deus aceita em sacrifício, figura êsse bem humano excelente que é a própria alma. Ora devemos oferecer a Deus, primeiramente a nossa própria alma segundo esta palavra: "Tem piedade de tua alma agradando a Deus", e em segundo lugar, a dos outros" ¹⁷. Ele completará seu pensamento com estas palavras: "Mesmo se se

¹⁶ IIa IIae q. 28, a. 3 e 4.

¹⁷ IIa IIae q. 182, a. 2 ad 3um.

pode dizer, em geral, que é mais nobre procurar a salvação aos outros do que interessar-se somente pela sua, não é no entanto verdade de tãda ou qualquer maneira. Com efeito, se alguém procura de maneira total e perfeita sua própria salvação, faz bem melhor do que aquêlê que se entrega a muitas obras particulares para a salvação dos outros e não se aplica perfeitamente à sua salvação, mesmo fazendo-o suficientemente" ¹⁸.

Assim, pois, segundo essa doutrina, ocupar-se das coisas de Deus, e por amor dêle, é o primeiro dever da alma cristã que sinceramente aceita seu ideal e esforça-se por realizá-lo. O serviço do próximo não vem senão em segundo lugar, na medida em que êste tenha necessidade dêle. A experiência prova isto: os que reservam ao Senhor o primeiro lugar em sua vida são também os que vão ao próximo com mais amor e eficácia.

5. — Vemos assim que numa vida cristã não se deve deixar nada de parte. Tudo adquire valor devido a essa referência a Deus. No dia em que estabelecermos distinções ou graus, não haverá mais razão de parar e finalmente tudo se admitirá. A história das almas prova que é sempre pelo abandono das pequenas coisas que começou sua decadência espiritual. O doente tuberculoso, por hemoptises sucessivas a que não dá quase atenção a princípio, porque são imperceptíveis e o aliviam, acaba por anemiar-se e finalmente morre. Assim acontece na vida espiritual à quem quer que não esteja atento a tãdas as obrigações de seu estado de vida, por onerosas que sejam. Pouco a pouco declinamos, anemiamo-nos, e se uma tentação mais insidiosa sobrevém, não en-

18 Quodl. 3, a. 27 ad 6.

contramos mais em nós a força de superá-la e a ela sucumbimos. Quanto tempo levaremos em seguida para nos reerguermos e recomeçar? Há os que nunca se restabeleceram e tornaram-se apóstatas. A Sagrada Escritura chama várias vezes a atenção para a surpreendente fraqueza do homem quando negligencia o que eu chamaria os "imperceptíveis" da vida. A embriaguez de Noé foi bem próxima da cessação do dilúvio; embora essa preservação misericordiosa devesse adverti-lo e mantê-lo em ação de graças, sucumbiu todavia a essa fraqueza em penosas condições. Abraão mentiu em várias circunstâncias, e inexplicavelmente, depois de ter sido constituído detentor da promessa e de um destino excepcional. Isac imitou-o. Moisés, por sua fraqueza demonstrada em vários acontecimentos, será privado da alegria de entrar na Terra Prometida. Que dizer da inconsciência de Sansão, de Saul e de tantos outros? Alguns anos mais tarde bastará um olhar de Davi lançado furtivamente à beleza de Betsabéia para aturdi-lo; o olhar engendrou a cobiça, a cobiça o êrro, o êrro o crime, o crime o endurecimento até que Deus lhe enviasse o profeta Natã para admoestá-lo e tirá-lo desse lamaçal em que se atolava. Lêde os profetas e constatareis que Deus retorna sempre sobre injunções às quais Israel não dava mais atenção porque as achava sem dúvida fastidiosas, mas cujo esquecimento devia entretanto conduzi-lo à sua perda. Esses "detalhes", diríamos, levaram-no de fato à desgraça e fizeram dele um povo reprovado. Foi-lhe preciso o longo cativeiro de Babilônia para abrir-lhe os olhos e fazê-lo dizer por boca de Jeremias: "Tende presente, Senhor, o que nos aconteceu, olhai e vêde a nossa ignomínia. Nossos pais pecaram; já não existem, e nós

é que carregamos o pêso de suas culpas. Reconduzi-nos a vós, Senhor, e nós voltaremos”¹⁹.

Quantas lições a recolher para nós próprios ante tais exemplos! E como é preciso conservar-se humilde, vigilante, pois a negligência traz em si temíveis perigos. Ela pactua com a natureza que leva sempre ao menor esforço.

Em conclusão, de bom grado diríamos o seguinte: não se pode ir a Deus a não ser pelo caminho que êle mesmo indicou: o de nossas respectivas vocações. Não é preciso mudar nada dessa disposição e aceitar com coração tranqüilo todos os pequenos detalhes de nossas vidas. Nossa vida pertence a Deus antes de pertencer aos outros e não lhes pertencerá plenamente a não ser sob a condição de pertencer a Deus.

O único remédio que pode lutar eficazmente contra a anemia perniciosa que mais ou menos nos ameaça a todos é collocarmo-nos deliberadamente sob a influência do Espírito Santo e pedir-lhe para desenvolver em nossa alma o *dom de sabedoria*. Quando estamos unidos a Deus por essa amizade que é a caridade, sentimos nascer em nossa alma o gôsto e o desejo de tudo apreciar, de tudo considerar segundo a verdade de Deus. Receberemos pois êsse dom na medida do fervor e das necessidades espirituais da alma. O dom de sabedoria nos faz apreciar e amar unicamente as coisas de Deus. Possuir êsse dom é adotar o pensamento de Deus a fim de reencontrá-lo como explicação suprema de tudo o que conhecemos, julgamos e decidimos. Quem não concordaria em que Deus está muito freqüentemente oculto em nossas vidas! Mas também, como se deixa entrever e tocar

pelas almas fiéis através da irradiação do amor delas! Tôdas testemunham que essa delicadeza nas menores obrigações de suas vidas criou-lhes alegria inalterável em que Deus se mostrou. É um dos segredos que guardam mais ciosamente.

Ao término das reflexões que preencheram essas páginas, como não reconhecer que Cristo Jesus viveu em plenitude essa intimidade com o Pai, de que agora conhecemos as modalidades, as condições de realização, a soberana grandeza. É pois com os olhos fixos nêle que poderemos vivê-la por nossa vez e assim nos conformarmos a êle, não primeiramente pela reprodução de tais ou quais gestos ou atitudes suas, mas pelo próprio fundo da alma. É todo o ser que se deve empenhar nesse esforço de identificação a Cristo. É nessa semelhança dia a dia mais acentuada que o cristão prova a que ponto implantou-se nêle o amor de Cristo. Aplicando-se nisso, sabe que visa a realizar um sonho: que o Pai, vendo-o viver, reencontre nêle a imagem de seu Filho, daquele em que outrora pôs tôdas as suas complacências e no qual se exprime inteiro. Quem não conviria em que há nisso o que é capaz de regenerar uma vida? Quem não seria tentado a enveredar por caminho cujo objetivo é tão grande? Quem não veria aí um chamado a superar-se e tentar essa "subida" em que fornecerá a prova de seu amor e da seriedade com que concebeu a sua pertença a Cristo?

CAPÍTULO III

O MISTÉRIO EUCARÍSTICO: MEIO DE CHEGAR A INTIMIDADE COM O PAI

A primeira união com Deus por cujo alcance nos devemos esforçar é a união moral, essa união tôda espiritual nos pensamentos e vontades. É nela que consistiu a vida inteira de Cristo: esforço de aderência ao Pai a fim de ir até o fim da obra que lhe havia confiado, redenção do mundo pela cruz. Manteve-se em permanente contato com êle; nada o distraiu de sua missão: cumpriu-a com tal perfeição que, ao morrer, pôde dizer: "Pai, tudo está consumado!"¹ O fim estava atingido, a obra, terminada. Essa união com o Pai, que nos esforçaremos por realizar em nossas vidas, na medida de nossa fraqueza e da pobreza de nossos meios, mas com inteira generosidade de nosso coração, não se realizará senão dia após dia segundo o grau de nossa intimidade com o Senhor: será o primeiro traço de nossa conformidade a Cristo.

Todavia, considerando-a de perto, essa união moral com o Pai a qual tôda alma verdadeiramente cristã deve aspirar, reclamará outra, de não menor grandeza: a união "física" com êle.

¹ Jo 19,30.

Dois sêres, com efeito, não podem pensar sempre do mesmo modo a não ser que vivam juntos. É exigência importante do amor essa proximidade, uma de suas necessidades incoercíveis que causa o sofrimento mais profundo quando não satisfeita. Ao inverso, na vida espiritual como na vida simplesmente, mantém-se verdadeiro o provérbio: "Longe dos olhos, longe do coração". O poder de esquecimento do ser humano é tão grande que se não tem constantemente sob os olhos aquêle a quem deve amar, por quem deve viver, há grande probabilidade de sua influência se esfumar e acabar por desaparecer. Excepcionais são aquêles que um grande e único amor subjugou ao ponto de permanecer presos a êle através de tôdas as vicissitudes ou separações da vida. A fidelidade nos sentimentos é coisa admirável, por certo, mas tão rara e tão frágil!

Ora, considerando a Cristo, descobrimos que é graças à plena presença de Deus nêle, à essa união pessoal da divindade e da humanidade em Jesus, que pôde fazer a obra do Pai, realizar tão perfeitamente a sua vontade, morrer na cruz e ter a coragem de dizer no Getsêmani, num último sobressalto de sua fidelidade para com aquêle a quem havia amado tanto: "abbá, Pai, tudo te é possível: afasta de mim êste cálice! Mas não se faça o que eu quero, senão o que tu queres"².

Evidentemente não poderemos estar unidos a Deus tão perfeitamente quanto estêve Cristo Jesus; êle era Deus em sua pessoa e, precisamente nesse ponto, o mistério de nossa conformidade com êle não se poderá efetuar a não

ser de maneira remota. Aqui, sòmente uma analogia com Cristo poderá realizar-se e quem diz "analogia" exprime com isso que Cristo nos excederá sempre na grandeza de sua pessoa e no caráter único de sua missão. No entanto, o Pai, em seu amor por nós, a fim de provar-nos, visto que deseja ardentemente nossa conformidade com seu Filho bem-amado, permitir-nos-á conhecer uma união "análoga" com êle, colocando a santa Eucaristia no próprio coração de nossa vida cristã, admirável união que será proporcionada às nossas possibilidades, aproximando-se o mais possível da perfeição daquela intimidade que Jesus teve com o Pai. A Eucaristia, sòzinha, responderá plenamente à nossa necessidade de união com Deus e nos permitirá assim realizar a mesma obra que o Filho de predileção: nossa adesão efetiva e eficaz ao drama da Redenção. Graças a ela, poderemos tornar-nos êsses continuadores da obra de seu Filho, tão necessários ao Pai para que almas possam ser regeneradas e se consume seu grande desígnio redentor encontrando a plenitude. "Dou cumprimento na minha carne ao que falta às tribulações de Cristo, em benefício do seu corpo, que é a Igreja"³.

É nesse objeto de contemplação que nos deteremos presentemente. Fá-lo-emos numa perspectiva claramente definida. Êle pode ser colocado nos seguintes têrmos: como, pelo mistério eucarístico, chegaremos à união moral com o Pai? Como êsse mistério nos ajudará a crescer na conformidade com Cristo? Adivinhamos sem esforço o ângulo particular sob o qual nos colocamos. Não se trata absolutamente de abranger

aqui tôda a doutrina eucarística, o que estaria fora de nosso propósito; mas unicamente considerá-la em função do fim que nos determinamos desde o comêço dêste estudo e que poderíamos formular novamente da seguinte maneira: como, sendo um só com o Cristo eucarístico, iremos ao Pai? Essa a única perspectiva em que nos colocamos.

A presença real de Cristo entre nós

A Eucaristia nos traz em primeiro lugar o benefício da presença real. Jesus quis ficar conosco. Sabia que jamais conseguiríamos continuar-lhe a obra se não comesse por viver no meio de nós. Sòmente por ela poderemos sofrer sua influência e em seguida enveredarmos pelos seus mesmos caminhos. Por que então essa presença? Por dois motivos.

O primeiro: remediar a separação sensível com relação a nós em que se estabeleceria pelo próprio fato de sua presença gloriosa no céu desde o dia de sua ascensão. Com sua experiência do coração humano, compreendeu que uma das maiores provações da vida é a separação daqueles que amamos. Enquanto uma presença afetuosa mantém-se a nosso lado, sentimos-nos fortes para as lutas da existência. Um olhar pousado sôbre o ser amado, um apêto de mão, uma palavra encorajadora, um gesto de amizade, eis o bastante para reerguer a coragem mais abatida e fazer retomar o caminho se alguma vez fomos tentados a abandoná-lo. "Um único ser nos falta e tudo fica despovoado", pode-se escrever. Mas quando não há mais ninguém, que vazio,

que isolamento, que dor para o coração que amou! Jesus o sabia. Assim, diz-nos êle nesse mistério de sua presença permanente: "Não vos deixarei. Sem dúvida, não me vereis da maneira como meus apóstolos puderam constatar minha presença junto a si, mas conservo-me perto de vós. Bastará apelar à vossa fé para que essa presença se torne o segredo de vossa força e a alegria de vosso coração. Jamais vos deixarei na confusão. Crede-me, estou aí, perto de vós, para sempre".

Há no entanto alguma coisa mais no caso da Eucaristia e é o segundo motivo da presença de Jesus entre nós. Antes de morrer na cruz e sabendo que deveria deixar os seus, sentiu o que experimentam um pai ou uma mãe quando devem abandonar êste mundo e deixar filhos em tenra idade. Seu coração se confrange na angústia e dizem a si mesmos: "Que será dêles quando não estiver mais aqui? Os mais velhos têm tudo o que é preciso para enfrentarem a vida e se criarem uma situação, nada lhes falta; assim, por êles, nada há a temer. Mas os pequenos, êsses seres frágeis, desprovidos de tudo! Que será dêles entregues a si mesmos? Não serão abandonados de todos, privados para sempre dessa ternura tão necessária a um coração humano para que se expanda e realize o seu destino?" Jesus ao que parece, comoveu-se com essa perspectiva para os seus. A prova é que se instalou no meio de nós para vir em nosso auxílio. Não sòmente para estar presente, mas para estender-nos u'a mão auxiliadora, estar constantemente à nossa disposição nos rudes combates da vida.

Imaginaí um instante que aquêle pai ou aquela mãe que estão morrendo vêem junto dos filhos aquêle ou aquela que os poderá substituir

eficazmente, o ser bom que será sustento, reconforto, socorro garantido, em que paz não fecharão os olhos apesar do sofrimento moral que os oprime! “Eles estão salvos”, dirão a si mesmos, pensando nessas crianças que não caminharão mais sòzinhas. Não pensais que há algo de equivalente na presença eucarística de Jesus entre nós? Se há um ser ao qual devemos ir, no qual devemos nos apoiar, êsse ser não é êle? Não podemos prescindir dêle. Sobretudo quando se trata de continuar-lhe a obra e de, como êle, a ela sacrificar-se. Dir-nos-á, cada vez que nos aproximarmos dêle: “Sei melhor do que vós como tendes necessidade de ser sustentados por alguém em quem pôr a confiança. Vinde a mim: sou eu êsse alguém”.

Como ouvimos êsse chamado? Como reagimos a êsse convite?

Nossa atitude ante a presença eucarística de Jesus

A experiência prova que freqüentemente a esquecemos. A presença eucarística não exerce em nossas vidas o poder de atração que deveria originar; não é o ímã que deveria atrair nossos corações e uni-los indissolúvelmente à pessoa de Cristo Jesus. O comportamento de muitos cristãos aí está para provar que não nos guia aqui uma visão pessimista das coisas, mas o reconhecimento de dolorosa constatação. “Vinde a mim todos os que estais afadigados e sobrecarregados e eu vos aliviarei”⁴. Os têrmos de que se serve

⁴ Mt 11,28.

Jesus são prenhes de significação. "*Vinde*" exprime um convite instante e alegre; os "*afadigados*" são os que trabalham duramente e sentem fraquejarem-lhes as fôrças; os "*sobrecarregados*" evocam êsses animais de carga que carregamos até não suportarem mais. O que equivale a dizer: "Quando não puderdes mais, vinde. Não busqueis as consolações humanas freqüentemente insípidas e inoperantes; não disperseis as fôrças que vos restam em confidências sem fim, em justificações que só acabam por ainda mais vos azedar, revolvendo lembranças amargas, reabrindo feridas que não chegam a cicatrizar-se. Vinde então a mim; tenho o que é preciso para vos tranqüilizar. Tende a coragem de tomar minhas palavras ao pé da letra". Quantos cristãos têm a lucidez de enveredar por êsse caminho, austero mas único vivificante, do recurso a Cristo? São pouco numerosos; pois, para êles, o que chamam "sustento", "reconforto", limita-se ao humano necessariamente frágil e limitado. Mas para as almas de fé, é êste o incomparável benefício da presença eucarística: Cristo nos espera para ocupar-se de nós. As almas que tentaram a experiência sabem o valor do auxílio então recebido; guardam com amor o seu segrêdo e aprenderam, para sua alegria, que o recurso ao Cristo da Eucaristia, em tôdas as circunstâncias da vida, sobretudo em meio às dificuldades, não é vão convite; proclamam, na confiança que lhe votaram, que Cristo disse a verdade. Quando vamos com fé, recebemos.

Não sòmente esquecemos a presença eucarística, mas *dela não tiramos suficiente proveito*. Eis uma afirmação que tem com que surpreender. Não é diminuir a Eucaristia, dirão, o reduzi-la a um fim utilitário, a um proveito qualquer que

dela pudéssemos tirar? Temos o direito de empregar tal linguagem quando se trata de uma presença tão preciosa? Que responder a essa surpresa?

Há um princípio que dirige tôda a ação providencial de Deus no mundo das almas; ei-lo: todos os dons de Deus são para a utilidade daqueles a quem são concedidos. O Cristo eucarístico quer que nos sirvamos dêle. Não o sabemos suficientemente. Para muitos cristãos, não é a Eucaristia livro de que se conhece apenas o título? Lembrai-vos de que Cristo encerrou em sua presença eucarística tôdas as riquezas de seu coração. Elas são para vós: não tendes senão que vos apropriardes delas. É o uso da Eucaristia que dela vos dará o sentido. É quando se vive dela que se compreende que ela é a Vida. Onde pois quereis aprender a conhecer a Deus senão lá, onde se pôs inteiramente? Onde quereis aprender a amá-lo senão lá, onde pôs todo o seu amor? Presença preciosa, certamente, mas sobretudo presença necessária.

Ide pois à Eucaristia com a fome que é preciso ter quando se quer responder às exigências da vida. Ter fome da Eucaristia é ter fome de Deus. E já que nos faz essa misericórdia de querer habitar entre nós, Cristo não pede senão uma coisa: que nos aproximemos dêle a fim de nos podermos conformar sempre mais a êle a prosseguir-lhe a obra. Quanto mais nos aplicarmos nisso, mais será necessário irmos a êle. É ao seu contato que obteremos a fôrça de fazer o que sem êle não se pode fazer.

Quando contemplamos êsse mistério da presença de Cristo no meio de nós, quando nos inclinamos sôbre êsse abismo de misericórdia como nos inclinamos sôbre um escrínio, vemos res-

plandecer um diamante. Para que seja assim, cumpre colocarmo-nos na luz da fé; senão assemelhar-nos-íamos à criança que brincasse com diamantes sem conhecer-lhes o valor, pensando serem pedaços de vidro; assim, perder alguns quase não tem importância para ela. Da mesma maneira, como é preciso um raio de sol para que o diamante mostre todo o seu resplendor, é preciso um raio do Espírito Santo para evidenciar a beleza do tesouro contido nesse escrínio que é a Eucaristia. Como então essa presença nos aparece grande, e como se mostra magnífica! Quanto mais ela fôr vista nessa luz, mais sereis levados a admirá-la e mais ireis a ela com as disposições que lhe permitirão realizar seu trabalho em vós.

As disposições que encaminham para o mistério eucarístico

Quais são essas disposições? Podemos enumerá-las? Reduzem-se tôdas a isso: ir a Cristo na Eucaristia com alma de pobre.

Para compreender essa afirmação, vêde o que se passa em nossa existência humana. Não concordais em que damos de bom grado aos que fazem bom uso do que lhes damos? Eles não perdem nada, não desperdiçam, sabem utilizar o pouco que têm. Possuem a ciência de tirar partido de sua pobreza.

É assim que devemos ser na presença do Cristo eucarístico: bons pobres. Inútil pensar em nos enriquecermos; é-nos preciso pedir cada dia o que necessitamos. A pobreza é nossa condição fundamental. Deus não quer que tenhamos

sequer um pouco antecipadamente, pois nos conhece demais para saber que o esbanjaríamos. Há, com efeito, pobres aos quais se quer fazer bem, proporcionar melhor posição. Quereríamos tirá-los da miséria, mas sempre retornam a ela; o que ganham gastam; perdem o que se lhes dá; finalmente, nunca têm nada. Por que chegamos a tal resultado? Porque seria preciso começar por dar-lhes uma educação apropriada a sua nova vida, com a condição, porém, de que fôsem capazes dessa educação. Destarte, como apesar de tudo não queremos abandoná-los a eles mesmos, dar-lhes-emos cada dia para estarmos certos de que terão com que comer.

Também Deus tentou tirar o homem da miséria. Dera a nosso primeiro pai imensas riquezas. Mas não lhe foi preciso muito tempo para tudo dissipar; rapidamente consumiu o capital, esbanjou os bens. Assim, a experiência está feita: Deus não pode esquecê-la. Ele não quer que sejamos ricos. Obrigar-nos-á a pedir-lhe cada dia nosso pão.

Pode acontecer, entretanto, que efetivamente tenhamos recebido muito na ordem dos bens espirituais. Nossa condição mudou outro tanto? Não por certo! É preciso também que sejamos capazes de gerir nossos bens, de conservá-los. Quem se acha na impossibilidade de guardar o que possui, confia-o a um banqueiro e vai-lhe pedindo à medida que tem necessidade. Deus é nosso tesoureiro. É a ele que devemos ir para expressar-lhe nossos desejos, expor-lhe nossas incapacidades, nossas misérias e pedir-lhes que venha em nosso auxílio.

Essa é a disposição essencial que devemos ter em presença de Cristo: ser pobre, sentir nossa pobreza, desejar as riquezas de Cristo.

O diálogo com o Cristo da Eucaristia

Quando, impelidos pela fé, formos ao C[on] como começará êle o diálogo conosco? Como nos responderá?

Não espereis que nos fale: não é sua maneira. Tem outra, bem sua, educativa de outro modo: manifestar-se-á através dos acontecimentos de vossa vida. É a grande maneira divina, aquela em que sua natureza criadora aparece sob seu aspecto mais brilhante. Não pode ser a nossa, pois não podemos conhecer os acontecimentos que nos concernem senão no momento em que se produzem. Aceitamo-los tais como se apresentam e todo nosso esforço deve consistir em tirar dêles a melhor utilização possível. Não acontece assim com Deus; êle os suscita à medida dos seus desejos, ordena-os em sua sabedoria, dêles permanece senhor soberano. É o que vos explica que se proporá dispor os fatos de vossa vida em função do que lhe tiverdes pedido. Constatastes, por exemplo, que vos era penoso adotar uma atitude de humildade e lhe solicitastes, com coração sincero, auxiliar-vos a fazê-la nascer em vós. Êle vos responderá enviando-vos bons motivos de humilhação que, abrindo-vos os olhos para o que valeis, permitir-vos-ão progredir no caminho do despojamento interior. Acontecerá igualmente com a doçura, a paciência, o domínio de si mesmo, numa palavra, com tôdas as virtudes que nos conformam ao coração de Cristo e fazem com que o nosso bata ao ritmo do seu.

Nessa disposição dos acontecimentos de vossa vida, Deus procurará atingir um fim, o único, para dizer a verdade, que o interessa: que sua vontade seja feita por vós, porque sabe melhor do que ninguém que aí se encontra o grande

meio de santificação para cada um de nós. Isso vos explica porque responderá somente quando lhe fôr necessário segundo sua própria maneira de apreciar as coisas e, sobretudo, não sempre como esperaríamos. A razão dessa conduta facilmente se compreende. Somos freqüentemente maus juizes em nossa própria causa; temos a vista curta; falta-nos a visão clara do que nos convém realmente, isto é, sobrenaturalmente.

Assim pois, quando Deus intervém em nossa vida para responder à nossa prece, orientá-la-á no sentido para o qual quer que se encaminhe. Freqüentemente nada compreenderemos; debater-nos-emos talvez, perguntar-nos-emos por vezes com angústia, como poderão as coisas arranjar-se. Sucederá mesmo que, ante a incerteza ou obscuridade em que Deus nos colocará, far-lhe-emos perguntas indiscretas querendo a todo custo ver claro, compreender o que pretende fazer em nós ou por nós. É nesses momentos de noite moral que percebemos melhor o incomparável benefício da presença real. Quando formos ao Cristo eucarístico, o auxílio, a luz, a força certamente nos serão dados. Como? É segredo de Deus e nosso.

Muitos cristãos — e é lamentável que assim seja — não cogitam de aderir a essa maneira de ver, porque nunca aprofundaram sua intimidade com Cristo presente no tabernáculo. Limitam-se, com relação a êle, aos testemunhos de respeito e culto exterior. Não penetram no âmago do mistério, no diálogo cordial com Cristo sempre disposto a travá-lo, a provocá-lo. É no entanto o que o Cristo da Eucaristia espera de nós. Ele pede o recurso à sua presença em todas as circunstâncias da vida, sobretudo em meio às dificuldades que nunca faltam e das quais

não poderemos sair por nós mesmos: “vinde a mim e vos restabelecerei”.

Ao querermos fazer a obra de Deus, surgem inevitáveis obstáculos. Como poderia ser de outra maneira? Deus, que nos quer levar a pensar o que êle pensa e a querer o que êle quer, servir-se-á da presença eucarística de seu Filho entre nós para consegui-lo. Êle respeita ao máximo nosso modo de agir. Desenvolveu-nos, explicou-nos seus pensamentos na Sagrada Escritura; ela fala dêle em cada uma de suas páginas, e do que espera de nós. Por seus profetas principalmente, fêz tudo que pôde para fazer-nos partilhar de suas vontades, isto é, detestar o que êle detesta e amar o que êle ama. Pode-se dizer que seu esforço não foi coroado de sucesso. Israel foi infiel à sua missão; muitas vêzes abandonou a seu Deus. Não lhe faltaram as repreensões, nem as advertências que teriam podido esclarecê-lo; nada adiantou. As queixas do Senhor podem resumir-se tôdas nesta que encontramos na liturgia da sexta-feira santa: “Israel, podia cumular-te de mais benefícios do que te cumulei? Plantara-te de videiras seletas, inteiramente de mergulhões legítimos! Como pois, te me convertes em sarmentos degenerados de videira estranha?”⁵.

Então, disse para si: “É porque estou muito longe”. E enviou-nos seu Filho a esta terra. Cristo Jesus viveu entre nós; fêz tudo que pôde para levar êsses seres que amava e que queria salvar a pensarem o que êle pensa, a agirem como êle age. Foi-lhe dado êste testemunho “ninguém jamais falou como êsse homem”⁶; nenhum homem tivera igual poder de persuasão. No entanto

⁵ Jer 2,21.

⁶ Jo 7,46.

Jesus conheceu a derrota. Chocou-se contra inteligências e vontades que não podia reduzir senão do exterior; viu-as fecharem-se e recusarem render-se. Ele tinha vindo unicamente para isso: iluminar as inteligências, ganhar as vontades para o amor do Pai. Quando constatou que se chocava contra sua incompreensão, contra sua despreocupação, não credes que devera ter tido êsse pensamento: "Se pelo menos pudesse tornar-me sua inteligência e sua vontade, tê-los-ia logo reconduzido a amar o verdadeiro bem e a realizá-lo"? É tão verdadeiro ter tido êsse pensamento, que o realizou. A fim de poder dar-se a nós, começará por permanecer no meio de nós: será a primeira etapa dêsse dom total de si mesmo que se propunha fazer. Que nos resta fazer senão voltar-nos para êle?

Cristo presente na Eucaristia em primeiro lugar para aquêles que desejam identificar-se a êle e prosseguir-lhe a obra. Pensou em tôdas essas almas que, no mundo, estejam elas num lar aplicadas nas tarefas delicadas da educação, ou no celibato, ou nas múltiplas obrigações profissionais, por tôda parte onde uma vida humana se apresente, pensam em viver uma existência cristã autêntica. Considerou sobretudo aquelas que, na vida religiosa, se estabeleceriam uma coabitação mais estreita com êle, a fim de participarem melhor ainda da Redenção, consagrando-se a ela com tôdas as fôrças, sem nunca olhar para trás. Para tôdas essas almas, a presença eucarística está à sua particular disposição. A essas, sobretudo, não devemos nos cansar de repetir a necessidade urgente que dela têm, pois sem essa intimidade partilhada com Cristo, a obra do Pai não se fará: almas não serão salvas: outras permanecerão em sua mediocridade porque

não se sentiram ajudadas pela generosidade das que eram mais fortes do que elas.

Ao ver sua presença eucarística tão bem compreendida por aquêles e aquelas que assimila mais estreitamente à sua condição de redentor do mundo, Cristo se acha de certo modo recompensado de tudo que sofreu em vista de sua Paixão por realizar, já que êsse Sacramento é o "memorial de sua Paixão". Pode dizer a si mesmo: "Não é em vão que morri. Desde que uma alma pense em mim, compensa-me de todo o trabalho que tive". Quando a presença eucarística é compreendida dessa maneira, é capaz de banhar tôda uma vida na luz de Deus.

Cristo, na Eucaristia, nosso alimento

Acontece, no entanto, que a presença de um ser amado ao nosso lado permanece algo exterior a nós. Por mais que dois sêres se amem, se procurem, encontrem sua alegria na troca recíproca de seus pensamentos e sua afeição, nem por isso deixam de ser menos distintos um do outro. Se a presença cria e favorece a partilha dos mesmos pensamentos, não pode contudo conduzir até a identidade das pessoas: é um efeito que a ultrapassa. Por isso sua ação será necessariamente limitada. Para agir sôbre um ser por persuasão é preciso que aceite essa influência. Pode fechar-se e destruir os melhores esforços. A ação moral é freqüentemente uma ação precária.

Cristo, que conhece nosso coração e o sabe tão mutável por natureza, não se contentará de ficar no meio de nós. Sendo Deus e autor de todo nosso ser, quererá possuí-lo no íntimo de

si mesmo. Para consegui-lo, dar-se-á a nós em alimento. A Eucaristia tornar-se-á dessa maneira o grande meio de conseguir a conformidade perfeita com Cristo; graças a ela estaremos disponíveis para realizar sua obra, pois não se faz a obra de Deus sem Deus.

Esse é o segundo aspecto da doutrina eucarística que agora precisamos considerar. Dar-nos-á grandes luzes mostrando-nos tôdas as suas ramificações em nossas vidas. Aqui, como precedentemente, é sempre em função de nossa conformidade à Cristo que será considerado êsse mistério de um Deus dando-se em alimento. Retemos sòmente os elementos capazes de esclarecer nosso caminho e tornar-nos assim mais aptos a participar do mistério redentor, único fim de nossa pesquisa.

Nossa assimilação pelo Cristo eucarístico

Quando Cristo se dá a nós em alimento, não visa senão um fim: assimilar-nos a êle. Uma palavra de Santo Agostinho diz tudo dêsse trabalho operado por Cristo na alma. Fá-lo falar e eis sua linguagem: "Você me comerá; mas não sou eu que me transformarei em você; é você que será mudado em mim".

O que o estorva quando quer trabalhar para conformar-nos a êle é a mobilidade de nossa natureza. Podemos caracterizá-la com uma palavra: ela não quer servir. Não recusa agir, mas quer agir por si. Aí está um grande mal. É a desordem que o pecado original causou. Êste foi essencialmente criador de egoísmo no coração

do homem. Certamente não era assim ao sair das mãos de Deus. Nêle, como na natureza que o rodeava, tudo era harmonioso, ordenado; êle próprio se conservava sob a dependência de Deus, e porque Deus lhe iluminava o espírito o homem era capaz de mandar em si mesmo e manter-se senhor de seus instintos. Veio a falta e, desde então, a carne luta contra o espírito num combate em que freqüentemente é vitoriosa.

Todos conhecemos as misérias que se originaram dêsse desequilíbrio inicial. Abandonados a nós mesmos, jamais teríamos chegado a repor as coisas no lugar. É para consegui-lo que Cristo veio à terra; quis viver nossa vida, sob nossos olhos; vida maravilhosamente organizada, modêlo ao qual devemos conformar a nossa. Propõe-se tomar posse de nós no mistério eucarístico e tôda a sua obra consistirá em fazer-nos um coração semelhante ao seu. Vale a pena determo-nos nesse pensamento.

Nossa natureza sensível encontra-se de certo modo concretizada em nosso coração. É um mundo feito de impressões, emoções, sentimentos, repulsões, atrações. É a areia movediça sôbre a qual nada se pode construir. Eis o obstáculo mais importante contra o qual Cristo se chocará constantemente e sôbre o qual precisará agir para levá-lo pouco a pouco a ser terreno sólido sôbre o qual possa construir o edificio de nossa semelhança com êle.

Tôda nossa obra consistirá em dizer-lhe na plena consciência de nossa pobreza e com acento plenamente sincero: "Coração sagrado de Jesus, tornai meu coração semelhante ao vosso" Sômente aquêles que tiveram de combater a própria natureza e perceberam que eram incapazes

de "solidificar" por si mesmos êsse complexo movimento, voltam-se assim para Deus e pedem-lhe humildemente que os ajude. Ora, o coração de Jesus sempre bateu por seu Pai. Pedir-lhe que nos faça um coração semelhante ao seu é suplicar-lhe que nos conceda o que, de antemão, sonha em nos dar. Dir-lhe-emos pois: "Sinto o que vai acontecer: não direi a palavra que é preciso dizer, não farei o gesto que é preciso fazer. Vós, que conheceis nossas dificuldades por havê-las constatado à vossa volta, vós que por vêzes estívestes em situações difíceis e encontrastes justamente a palavra e o gesto que convinham, inspirai-nos". Jamais se recusa a um semelhante apêlo, pois não veio senão para isso.

Para consegui-lo, ser-lhe-á preciso esforçar-se por criar nesse coração humano um atavismo espiritual. Sòmente assim nosso coração poderá dar-se, sacrificar-se, o que é realmente o grau supremo da conformidade a Cristo.

Cristo criador de um atavismo espiritual

Para compreender o que se operará em nós pelo mistério eucarístico, é útil partir das realidades criadas, por nós conhecidas, para daí ascender a uma ordem mais elevada, a da graça, onde essa comparação valerá plenamente. Sabemos o que significa essa palavra. "atavismo". É o conjunto das inclinações, dos hábitos que todo ser humano traz consigo ao nascer e que são a marca das diversas hereditariedades que pesam sobre êle. Algumas dessas tendências naturais agirão tão poderosamente sobre o temperamento que lhe será difícil resistir-lhes, e assim

diminuirão à vista da consciência a parte de responsabilidade moral que a êle cabe. Deus conhece a fôrça do atavismo; conhece-lhe a tal ponto o poder que lhe foi preciso enviar o próprio Filho ao meio de nós a fim de dominá-lo e finalmente vencê-lo. Fará inclusive o que os sábios psicólogos ou os biologistas não fazem porque lhes falta o poder: trar-nos-á o remédio; êste será a grande invenção de seu amor.

Todos nós somos mais ou menos, no plano da natureza humana, tributários dos que nos precederam e seus cativos. Se nos legaram qualidades, transmitiram-nos também defeitos que têm todos origem nessa tara original à qual ninguém pode escapar e que desde o ponto de partida tão profundamente nos marca. Pascal não temeu adiantar que "sem êsse mistério, o mais incompreensível de todos, somos incompreensíveis a nós mesmos"⁷. Eis que, em grande parte, dá a razão do que fazemos, sobretudo do que não podemos realizar e dos obstáculos que não podemos vencer. Ninguém pode negar o fa-

7 Num tempo em que certos espiritos dificilmente admitem a realidade do pecado original com as múltiplas consequências que acarreta, ao ponto de, segundo êles, ser melhor não mais falar dêle, não será inútil talvez recordar aqui o pensamento de Pascal em que traduz sua própria reação ante o que permanecerá sempre um mistério, sem dúvida, mas que é impossível eludir por pouco que abramos os olhos ao espetáculo do mundo. Eli-lo, é comovente na sua conclusão: "É um fato, sem dúvida, que não há nada que choque mais nossa razão do que dizer que o pecado do primeiro homem tenha tornado culpados os que, estando tão distantes dessa origem, parecem incapazes de participar dela. Essa consequência natural não nos parece somente impossível, parece-nos mesmo muito injusta; pois, que há de mais contrário às regras de nossa miserável justiça do que danar eternamente um filho incapaz de vontade, por um pecado em que parece ter tão pouca parte, pois foi cometido seis mil anos antes que existisse? Certamente nada nos choca mais rudemente do que essa doutrina; e no entanto, sem êsse mistério, o mais incompreensível de todos, somos incompreensíveis a nós mesmos. O nó de nossa condição tem suas dobras e suas voltas nesse abismo, de sorte que o homem é mais inconcebível sem êsse mistério do que êsse mistério é inconcebível ao homem" (*Pensée*, 434).

to, nem mesmo procurar atenuá-lo. Mas devemos saber que se há um pecado de atavismo que pesa sobre a humanidade e que a impede de fazer aquilo para o que foi criada, existe um remédio. Sem dúvida, estamos sob o poder dessa fatalidade, mas podemos, assim mesmo, escapar a alguns de seus efeitos, e o remédio nos é proposto pelo próprio Senhor; aceitar de não nos conduzirmos por nós mesmos; aceitar caminhar-mos com alguém que será a regra de nossa vida.

Cristo Jesus, que veio do céu para salvar-nos, usou esse meio: é o próprio enunciado do mistério da Encarnação. Tomou uma natureza humana, mas esta renunciou à sua personalidade. Era-lhe a única maneira de escapar à força que a teria impedido de executar o que o Pai esperava dela. E, desde então, todos que o querem podem escapar à lei que os expõe a serem arrastados para longe de Deus. É um dos grandes sentidos da Eucaristia-alimento.

O desenvolvimento da ação de Cristo

No que se funda efetivamente a Eucaristia? No mistério da Encarnação. Se Cristo não houvesse tomado um corpo, se não se tivesse feito homem, jamais teria podido dar-nos seu corpo para comer e seu sangue para beber. Que, pois, se produzirá nas almas que comungam o Cristo Eucarístico? Esta maravilha: na Eucaristia vamos reencontrar todos os benefícios do mistério da Encarnação. Quando Cristo nos alimentar para fazer-nos crescer, porá em nosso coração o melhor do que havia no seu. Inspirará ao nosso coração que tende realizar o que animava o

seu. Ora, o que para êle foi primordial é que nada fêz por êle; tudo foi referido a Deus, seu Pai. Numa palavra, Cristo, o nôvo Adão, esforçar-se-á por criar em nós um atavismo bom a fim de lutar contra o que em nós havia deixado o primeiro Adão.

E como se esforçará para isso? Tomando posse de nós, dando-nos o quanto possível tudo o que estêve nêle. Mas só o fará se o deixardes fazer, e a primeira condição é que compreendais o que quer fazer. É infelizmente contra isso, contra nossa incompreensão de seu trabalho, que Cristo na Eucaristia se choca mais freqüentemente. Desejamos ser transformados por êle, vamos a êle para isso e quando o recebemos ficamos muito surpresos de ouvir dizer-nos palavras estranhas. Êle fala de aceitação da vida cotidiana com suas servidões, sua monotonia, suas exigências de despojamento e de dom de si mesmo; êle fala de renúncia a essa ou aquela preferência, a certa apreciação que vê contrária ao amor fraterno, a certo hábito que, sem ser culpável, torna-se perigoso e mina singularmente a resistência ao mal. Fala de abandono, de fé despojada, de devotamento obscuro, que sei mais? Eis — não é verdade? — uma linguagem que tem com que desconcertar.

E no entanto, se refletirdes um pouco, é a única digna dêle e de nós, a única que, para dizer a verdade, o interessa. Que é, efetivamente, a Eucaristia senão Cristo crucificado? Santo Tomás de Aquino dirá: "Quando comungamos a Cristo, comungamos a Cristo imolado". Com efeito, para que assim possa dar-se em alimento, necessário foi que começasse por imolar-se no altar⁸. A

⁸ O que indica claramente a oração da festa do Santíssimo Sacramento: "Senhor Jesus, num admirável sacramento

Eucaristia é o memorial de sua Paixão. Quando Cristo se der a nós, não poderá fazer outra coisa senão inocular-nos os pensamentos e sentimentos que tinha na cruz. O que nos vem trazer é o sermos capazes, como êle, de renunciar a nós mesmos, de, como êle, sacrificarmo-nos pela salvação das almas. Se não queremos nos sacrificar, nunca estaremos de acôrdo com êle. Tudo o que dirá é justamente que pensávamos que jamais nos pediria.

Se apenas pensássemos na lógica dos mistérios! Porque os mistérios têm sua lógica: reclamam-se uns aos outros. A Eucaristia supõe a Paixão de Cristo, e a Paixão de Cristo perpetua-se pela Eucaristia. Será pois preciso esperarmos, quando formos pedir a Cristo que se dê a nós, tome posse de nós para que nossa conformidade com êle seja completa, que fale, às vêzes, uma linguagem surpreendente em perfeita opposição com o que esperávamos. Se não compreendemos, voltará à carga, não tenciona esquecer-nos. Sabe quão lenta é uma educação, quantas vêzes é preciso repetir as mesmas coisas antes de ser compreendido e de que nos decidamos a agir no sentido do que requer. Tem o tempo por êle e sua paciência é exemplar.

Os desejos de Cristo com relação a nós

Compreendeis agora o que Cristo na Eucaristia quer produzir em vós? Deseja tornar-se

deixaste-nos o memorial de vossa Paixão. Concedei-nos a graça de adorar a presença oculta de vosso corpo e vosso sangue com fé suficiente para sentir continuamente em nós os efeitos de vossa Redenção".

a inteligência de vossa inteligência, a vontade de vossa vontade, o coração de vosso coração. Que pensamento poderá pois inspirar-vos, senão o único pensamento que o fêz vir à terra e aí morrer: a salvação das almas, o resgate do mundo? Nunca pensou em si, entregou-se ao ponto de sacrificar a própria vida e assim ocorreu até nas menores ações de sua existência terrestre, pois que tôda sua vida foi uma subida para o Calvário. Dela nada foi excluído: os acontecimentos de sua primeira infância, o labor obscuro de Nazaré, seu ministério evangélico, tudo contribuiu para a consumação plenária de sua missão. São pois os sentimentos que nutria em seu coração quando vivia as diferentes etapas da vida, que procurará criar em nós à medida de nossa frequência da santa Eucaristia. É nesse sentido que M. Olier pôde escrever com acêrto: "A Eucaristia é o memorial de todos os mistérios de Cristo. Nela estão em estado vivo". Seu sacramento não tem outra razão de ser senão "dar-nos em alimento todos os seus mistérios, comunicar-nos sua vida e sua virtude". O que quererá sobretudo produzir nas almas que aspiram a ser mais intensamente conformes à sua imagem, é a realidade de sua Paixão, o Cristo crucificado. Não o Cristo glorioso, o Cristo rodeado pelas multidões, o Cristo aclamado porque fazia prodígios: não, pois haveria muitos que se encarregariam de representá-lo nesse estado e que o seguiriam. Mas quando se trata de representá-lo no Calvário, há menos competidores.

No entanto é aí sòmente que sua obra de redenção se conclui. Cristo, que quer a continuação dessa obra até o fim dos tempos, que deseja realizá-la nas almas que escolheu para si nessa intenção, usará os meios para isso. Sugerir-nos-á,

em nossa participação no mistério eucarístico, os pensamentos, os sentimentos que lhe serviram para realizar essa mesma obra quando se encontrava na terra. Todos os seus esforços de educador tenderão a inspirar a generosidade de que deu testemunho quando morreu na cruz.

Cristo, despertador da fé

Como é sôbre um espírito humano que êle age, sabe que lhe será preciso conformar-se à natureza dessa pessoa se quiser chegar a resultados decepcionantes. Assim, dirigir-se-á em primeiro lugar à sua inteligência; é sôbre ela que se fará sentir primeiro sua influência.

Começará por divinizá-la. Desenvolverá nela essa participação na inteligência divina que se chama fé. Não sômente essa fé que é um ornamento da inteligência e que a faz aderir aos mistérios, mas a fé "ativa", que faz com que vivamos segundo os dados da fé. A êsse embrião de fé pôsto em nossa alma no batismo, **esforçar-se-á por dar tôda a consistência, todo o vigor, por fazer dêle uma fé adulta capaz — para nos servirmos da mesma comparação que êle — de "deslocar montanhas"**⁹. Êle deu, com efeito, **essa característica da verdadeira fé. Não o esquecemos às vêzes? Essa fé absoluta que havia votado ao Pai e cujo ardor manifestava em qualquer circunstância em que precisasse agir de conformidade com ela, um dia censurará a Simão Pedro de não havê-la desenvolvido suficientemente em si: "Homem de pouca fé, por que duvidas-**

te?" ¹⁰ O fato é que a fé vai até lá. Quando uma alma sincera quer imitar a Cristo, volta-se êste para ela e faz-lhe simplesmente esta pergunta: "Podeis beber o cálice que eu bebo?" ¹¹ e espera a resposta. Para que essa alma aceite aderir ao sonho que êle forma, Cristo se esforçará por educar-lhe a fé a fim de torná-la capaz de arrasar montanhas. Essas suas montanhas não são as de granito; são as que sòmente a fé pode remover e que, na maioria das vêzes, são as que forjamos a nós mesmos, montanhas criadas pela imaginação, pela covardia, pelo temor à renúncia e que só a generosidade pode remover. Em tôda vida cristã há momentos de fé heróica; perante certo dever imperioso que destrói a coragem mais bem temperada, ante uma doença ou uma enfermidade que surpreende por repentina e estranha; ante certo luto, certa tentação insidiosa, subjugante, lancinante; ante certo chamado à ascensão para uma vida superior, que sei mais? E não credes que bem poucos escapam a tal dilema: ou permanecer fiel e apelar ao heroísmo da fé, ou deixar-se vencer pela dificuldade e cair para sempre na mediocridade?

Cristo criador de uma esperança invencível

Portanto, quando um sacrifício se impuser, que vive dentro de nós por seu mistério eucarístico, dirá: "Podeis assumi-lo, dar-vos-ei a fôrça para tanto". Levará nossa natureza, transtornada ante dolorosa perspectiva, a aceitá-la: ela consentirá em servir. Eis a montanha que sòmen-

¹⁰ Mt 14.31.

¹¹ Mc 10.38.

te a fé pode remover. Esta fé, êle no-la dará. Comunicar-nos-á a confiança que tinha em seu Pai: "Pai, dou-te graças por me teres atendido. Eu bem sabia que sempre me atendes" ¹². "Tende confiança! E eu venci o mundo" ¹³. E prestai atenção: não é uma confiança tímida a fazer com que nunca ousemos começar. Pomo-lo então na impossibilidade de nos comunicar sua atividade quando a nossa, chegada ao fim de suas fôrças, só pode malograr. Êle nos vai restituir essa confiança que nos falta, acrescentá-la à medida das dificuldades que atravessarmos.

Cristo, sustento e estimulante do amor

Quanto ao amor que o Espírito Santo já fomentou em nosso coração, a que perfeição Cristo não o levará! Uma palavra diz tudo: êle fará com que dê o seu "sinal". Que quer isso dizer senão que fará compreender que "ninguém tem maior amor do que o daquele que dá a vida pelos amigos" ¹⁴? A prova dêsse amor, fornecemos-a cada dia fazendo a vontade divina. É nisso que consiste o verdadeiro heroísmo. Pode sobrevir numa vida acontecimento em que se tenha de realizar um ato de coragem insólito, em que se deva aceitar um sacrifício que manifestamente ultrapassa nossas fôrças habituais. Nesse momento, Deus dá fôrça excepcional de que somos os primeiros a nos admirar. Mas a vida que se esvai gôta a gôta nos diminutos trabalhos do dever de estado fielmente cumprido, eis a heroicidade do amor.

¹² Jo 11,42.

¹³ Jo 16,33.

¹⁴ Jo 15,13.

E é o que fez Cristo. Não podereis surpreendê-lo num dado momento de sua vida retomando o que quer que seja para si do que havia dado ao Pai. Havia-lhe oferecido tôda a sua existência; consagrou-a inteiramente a seu serviço, sem nada desviar dêle, nada subtrair-lhe. Gastou-a totalmente para êle a fim de lhe ser agradável e contentá-lo. Esse o amor que Cristo se esforçará por desenvolver em nós.

Cristo e o desenvolvimento das virtudes cristãs

Tudo isso é fundamental para atestar a autenticidade da vida cristã: a fé esclarecida, a esperança invencível, o amor sem falha; são as bases sôbre as quais repousa o edifício de nossa vida espiritual. No entanto, ao ter assegurado as estruturas de nosso organismo sobrenatural, Cristo não parará nisso. Esforçar-se-á por incutir-nos outras disposições singularmente preciosas para o equilíbrio e irradiação de nosso ideal cristão, as virtudes da vida de todos os dias que comunicam indefinível encanto a quem as possui e dão-lhe um domínio sôbre os corações ao qual é difícil resistir. Tudo o que constituir o ornamento de uma psicologia humana, recebê-lo-emos de Cristo, pois, nesse campo como em todos os outros "da sua plenitude recebemos graça sôbre graça" ¹⁵. Sua ambição é que nosso coração se abra suficientemente à sua influência para que nêle possa depositar tudo o que estava no seu: sua paciência, sua sabedoria, sua doçura, sua amabilidade, seu devotamento. E por que lhe

¹⁵ Jo 1,16.

é preciso empreender tanto? Porque não há nada que não possa servir à salvação das almas, à sua redenção: tudo pode ser útil por ser tudo necessário. É, com efeito, um princípio de filosofia que encontra aqui a sua verificação: "O Bem é a resultante da concentração de todos os bens" ¹⁶. Se lhe falta a menor parcela, não é mais o Bem. Eis porque a obra do Pai requer tôdas as virtudes da alma que permitirão agir bem. É o que Cristo se esforçará por criar progressivamente em nós: os bons hábitos que sanearão nossa natureza, decantarão nosso temperamento de todos os desvios com que a hereditariedade humana o havia sobrecarregado, comunicarão a todo nosso ser equilíbrio nôvo, criarão, enfim, em nosso comportamento de cada dia uma corrente de vida que, na medida de nossa fidelidade em receber seus impulsos, anulará a maleficência de nossas más inclinações.

Tal é a obra dêsse "atavismo" espiritual que Cristo substituirá às disposições iniciais falseadas quando não corrompidas pelo passado hereditário. Realizará o que a medicina atual faz com sucesso em certos casos extremos: a criança que foi contaminada no início pelo fator Rhesus, vê-se esvaziada de seu sangue e recebe em troca o de outra que lhe permitirá viver. Nenhum exemplo tirado da experiência humana corrente é tão evocador quando êsse esclarecer a obra de Cristo na alma que comunga seu corpo e seu sangue no mistério eucarístico. Que obra admirável! Há mais digna de seu amor? E, comportando-se dessa maneira, não fornece êle a prova irrecusável

¹⁶ Esse princípio da sabedoria humana vai ao encontro da afirmação de São Paulo (Ef 2,12): "Vós outrora gentios de nascença... estáveis sem Deus neste mundo". Porque os efésios tinham *deuses*, não tinham o verdadeiro *Deus*.

de sua afeição por nossas almas? Como êsse mistério se esclarece de nova luz quando o meditamos ao pé da cruz, pois é lá que, de seu lado aberto, tudo recebemos! Êsse o tesouro que nos trouxe no escrínio maravilhoso de sua Paixão redentora.

Um problema doloroso

Pois que assim é a ação de Cristo nas almas, como não se transformam estas mais profunda e rapidamente ao seu contato? Por que não crescem mais firmemente no amor? Algumas até vegetam. Certamente, permanecem fiéis aos grandes deveres de sua vida; nada de essencial é negligenciado. Mas o que faz a verdade de uma vida, isto é, a tendência à perfeição, que deve ser sua orientação primeira, êsse desejo de uma ascensão contínua ao encontro do Senhor, isso parece terminado para elas; parecem ter renunciado a isso. Sua alma está de certa maneira murada; atingiu seu desenvolvimento. De uma árvore cujo crescimento se deteve, diz-se que está "atada". Idêntica constatação pode-se fazer na vida espiritual. Ela é por vêzes dolorosa.

Assim, não há problema mais urgente a resolver do que o das *causas que entravam a ação da Eucaristia nas almas*. Examinemo-las de perto.

A primeira: *perdemos de vista as maneiras de agir de Deus*.

Quando dizemos a certas almas que sem Cristo não podem fazer nada, quando constatarem efetivamente sua impotência e pediram o auxílio divino, crêem que tudo está acabado para elas e que basta olhar Cristo agir, como se se

rivessem tornado passivas sob sua ação soberana. Isso equivale a contradição que não é nova: crer que Deus vai mudar-nos sem tomarmos parte nessa transformação, que a ordem de coisas existente será modificada sem nos custar. Refleti um instante para compreender que os atos maiores de nossa vida, aquêles dos quais depende nossa vitalidade humana, somos nós que os fazemos e ninguém pode substituir-se a nós para realizá-los. Pensai nos mais evidentes como os que consistem em alimentar-nos, dormir, conservar nossa saúde. Assim, quando pedimos a Deus que faça aquilo de que somos incapazes, solicitamos-lhe que venha a nós para fazer-nos agir por êle e nêle; mas nós é que teremos de agir. Pedimos-lhe transforme nosso coração, mude as inclinações más ou deficientes de nossa vontade, a fim de que, graças a êle, possamos doravante efetuar o que precedentemente não podíamos ou não queríamos tentar.

Eis porque tudo que é condição da ação: esforço, trabalho, sofrimento, sacrifício, tudo isso é preciso aceitar e suportar; não deveremos contar com uma mudança que se faria como que por encanto. Justamente nisso está a ilusão. É necessário que tenhamos dificuldades em nossos trabalhos e em todos os caminhos da vida. E como, por nós mesmos, não temos a fôrça para isso, esta o será junto de nossa prece a Cristo. Essa doutrina, a bem dizer, é pouco compreendida. Sentimos a dificuldade e a dor que ela engendra; gememos, não compreendemos as resistências opostas pela natureza que não quer deixar-se vencer e dizemos a nós mesmos: "Deus não me ajuda". Quando nos fixamos nessa contradição, tornamos inúteis os efeitos da Eucaristia. Cristo será detido em sua ação. Encontra-se

ante uma alma que bem quererá adiantar-se e tomar caminho mais exigente, mas que não tem a fôrça de superar-lhe repugnância pelo sacrifício. Que deverá fazer nessa situação senão esclarecer a inteligência, persuadi-la a comprometer-se sem temor, formar-lhe o juízo, adverti-la depois de uma queda sempre possível, levá-la sobretudo pelo coração? É assim que pouco a pouco a vontade se abrande e acaba por entregar-se. Essa renúncia que lhe parecia tão penosa de aceitar ao ponto de tudo revoltar-se nela à sua simples evocação, a alma atenta em escrutar o Senhor acaba por aceitá-la e até lhe acontece de começar a amá-la. Digamo-lo outra vez: Deus não nos salva sem nós. O mínimo que exige de nossa boa vontade é que não nos oponhamos às suas inspirações.

Como pode entretanto uma alma de boa vontade permanecer nesse êrro prejudicial a seu progresso espiritual? A causa, a quanto parece, é a dispersão do espírito. Sòmente fazemos bem o que fazemos com tôdas as nossas potências. A vida atual, com o ruído e a agitação que engendra, é pouco favorável a uma concentração do espírito. Nossa época é tão rica no domínio da cultura, tantos acontecimentos apaixonantes nêle se produzem, que é bem difícil por vêzes escapar a semelhante influência e permanecer em perfeito equilíbrio ante tal movimento. Tudo nos interessa e como ficar indiferente ante o que cativa os outros? Não haverá egoísmo, dir-se-á, nesse desejo de concentração em si próprio ou pelo menos de isolamento? É o perigo dos tempos atuais e poucos cristãos, sinceros, no entanto, em seu desejo de pertencer ao Senhor, a êle escapam. Eis porque aparecem como "deslocados", faltos de coragem para realizar em sua

vida certos despojamentos. Desejar tudo ver, tudo conhecer, querer estar ao par de tudo o que se passa no mundo, mesmo com uma curiosidade legítima, é inevitavelmente tornar impossível êsse esforço de concentração em Deus, sem o qual nada se conclui. Quem quer viver dispersado desseca-se muito depressa e torna estéril a própria vida. O que nos mostra a necessidade do silêncio, do recolhimento, numa vida que quer dedicar-se ao trabalho de conformidade ao Cristo. Para progredir na santidade, há renúncias, mesmo às alegrias legítimas, que se impõem.

Semelhante exigência nada tem que nos deva surpreender. Pensastes nas privações que se deve impor o atleta para manter-se em forma, observar a respiração e conservar-se disposto para a competição? Sabeis o que custa a um cantor, a um músico, nada deixar a desejar no dia em que terão de se apresentar? E São Paulo nos inspira a acrescentar: "Êles o fazem para conseguir uma coroa corruptível, nós, uma coroa incorruptível" ¹⁷.

Uma segunda causa retarda, certas almas, a ação da Eucaristia: *é o temor instintivo, paralisante, de não conseguir.*

Quando nos colocamos ante nossa vida, com tudo o que ela comporta de deveres, de fidelidade dizemos a nós mesmos: "Sinto-me incapaz de semelhante esforço". Que responder? Isto: "Esqueceis somente uma coisa: tendes Deus convosco". São Paulo não nos assegura, apoiando-se na própria experiência: "Quando sou fraco, então é que sou forte" ¹⁸? O que significa: "Incapaz de fazer qualquer coisa por mim mesmo, posso afirmar que com o Senhor tudo farei".

¹⁷ 1Cor 9,25.

¹⁸ 2Cor 12,10.

Embora saibamos que êsses raciocínios são justos, tememos atirar-nos à água; ficamos hesitantes, inertes, exatamente como o nadador que, vendo-se a afundar, sente-se vencido de antemão e furta-se ao esforço.

A essas almas que duvidam de Deus 'e de si mesmas, diria de bom grado: "Abandonai todos os vossos raciocínios, vossos cálculos humanos; reagi corajosamente. Para conformar-se a Cristo é mister entregar-se a êle. E entregar-se é comprometer-se completamente. Então somos revestidos da fôrça de Deus. Escutai os que tentarem esta experiência e deixai-os dizer-vos a alegria que sentiram tão logo superaram suas hesitações, suas resistências íntimas, pois também as conheceram. Mas não se detiveram nelas; dominando-se, confiaram no Deus que os convidava a superarem a si próprios e a tentarem a aventura da santidade. Experimentai; dai os primeiros passos, estai seguros de chegar ao fim. Não, não podeis duvidar".

A conclusão de tudo isso? Surge por si mesma: deixar Deus conduzir-nos. Nada recusar-lhe quando quer conformar-nos a seu Filho. Repeti a vós mesmos que o amor só é perfeito quando tem a coragem de ir até ao sacrifício.

Pois que a ação divina não se faz sem nós, mas conosco, *importa suscitar na alma certas disposições interiores que nos habilitarão a receber a graça de Cristo e aproveitá-la.*

Princípio conhecido: todo ser recebe de outro na medida de suas disposições; o vaso que só recebe segundo sua capacidade é um exemplo esclarecedor. Na ordem moral, são nossas disposições que influem sôbre nossas resoluções. Sòmente elas são geradoras de vida. Tratar-se-á pois de criá-las. Como?

No plano psicológico, o que dilata o coração é a veemência do desejo que o anima. Ora, o desejo tem sua fonte no amor que vive num coração e na necessidade que sente de ser ajudado, socorrido em sua pobreza. Que amar dispõe a receber, disso não há dúvida. É fato de experiência em tôda parte verificado que o desejo tem a propriedade de levar as fôrças de um ser que ama verdadeiramente ao máximo de suas possibilidades. O desejo de Deus será a melhor das preparações para acolhê-lo e fruir de sua presença ¹⁹.

Há outra fonte do desejo, esta singularmente eficaz, pois todos passamos, pela experiência de nossa pobreza espiritual: é a necessidade em que estamos de Deus. Preciso se faz que tenhamos o sentimento profundo de nossa pobreza ao irmos àquele que é a riqueza infinita.

Sòmente o pobre, nesse mundo, tem o direito de pedir. É seu direito reconhecido. Sòmente êle pode bater à tôdas as portas, dirigir-se a quem quer, importunar a todos. Deixamo-lo falar, ouvimo-lo, obtém o que pede. Outro que não se encontrasse em sua situação não poderia permitir-se agir dessa maneira: nada lhe concederíamos. Mas ao pobre, desde que vemos ser êle, abrimos e damos. Êle conhece, aliás, muito bem as casas generosas; a elas vai de preferência, pois está certo de ser bem recebido.

Nós somos êsse pobre, sempre o seremos. Não temos absolutamente nada por nós mesmos. Se do ponto de vista natural Deus, pondo-

19 O testemunho de Santa Catarina de Sena é precioso: "A Eucaristia dá mais ou menos fôrça conforme o desejo daquele que a toma" (Dial. II, 220).

"A Eucaristia é um alimento que farta aquêlo que está faminto, mas deixa vazio aquêlo que não tem fome. Pois êsse alimento quer ser comido pela bôca do santo desejo e saboreado pelo amor" (Dial. II, 149).

-nos na terra, quis dar-nos o que nos era necessário para levar nossa vida terrestre, para tudo o que é de ordem sobrenatural estamos e permaneceremos sempre em estado de absoluta pobreza. Tudo nos falta. Não temos senão necessidades e misérias.

Quando vamos a Cristo na Eucaristia, aí vamos como à fonte de toda riqueza. Convida-nos a expor-lhe nossas necessidades com a confiança e a simplicidade do verdadeiro pobre consciente de sua miséria. Tudo nos é preciso pois que nada temos. Mas, já que êle é um rico generoso, basta pedir para ter tudo. Com uma condição porém: que sejamos verdadeiros pobres, bons pobres. Há pobres que, às vêzes, por altivez ou por orgulho não querem confessar-se tais. Afetam não o ser, procuram passar por mais do que são. A êsses não damos. Alguns são até arrogantes. Vêm pedir algo devido; chegam até a tomá-lo se hesitamos ou recusamos. A êsses, nem mesmo os recebemos; quando os vemos chegar, fechamo-lhes a porta, pomo-nos em guarda contra êles.

Pobres dos bens espirituais, devemos pedi-los humildemente. Vamos a Cristo suplicando-lhe que no-os dê. Êle os mereceu por nós. Não temos nenhum direito a êles; seu gesto será essencialmente gratuito. Ide pois a Cristo com o desejo fundamental de ser satisfeitos por êle. Se estais convencidos da necessidade que dêle tendes, estais na melhor das disposições para permitir-lhe fazer seu trabalho em vós. Basta fixar-se na realidade dessa pobreza e apresentar-se a êle para ter o direito de lhe pedir tudo. Cristo só espera êsse desejo. Êste aumenta na proporção das dificuldades que podemos encontrar e cresce com as delongas que sofre. Êsse desejo é a grande preparação à recepção frutuosa da

Eucaristia. Quem poderia pois adiantar, por pouco que se examinasse, que êsse meio não esteja constantemente ao seu alcance? Por si só é bastante para abrir a alma plenamente à ação santificante de Cristo. Pensastes nisso?

Conclusões

A luz dêsses ensinamentos tiraremos algumas conclusões de ordem prática. Serão sucintas em seu enunciado, mas merecem ser meditadas, pois estão carregadas de sentido; aprofundadas, podem orientar as almas para uma tomada de consciência ainda maior do mistério eucarístico e de suas íntimas ramificações em nossas vidas. Se os teólogos se comprazem em demonstrar que para produzir a Eucaristia foi preciso Deus transgredir doze vêzes as leis naturais, no sentido de que, na ordem física, instituiu-a realizando doze milagres, que dizer das maravilhas que contém na ordem espiritual? Jamais esgotaremos sua plena compreensão, pois é nesta terra a maravilha por excelência da magnificência e misericórdia divinas.

Eis pois os pontos sôbre os quais desejaríamos atrair a atenção daqueles para quem o mistério de Cristo é a grande realidade que sonham reproduzir em si próprios.

1. — Cristo, na Eucaristia, não pode reivindicar nada de mais belo do que ser um alimento, pois é nisso que dá a prova do grande amor que tem por nós. É nesse espírito que nos devemos aproximar dêle, pois é o verdadeiro conhecimento que temos de uma coisa ou de um

ser que nos sugere a maneira de agir em relação a ela ou de nos comportarmos com êle. Êste alimento não é uma sobremesa ou um excitante; seria prejudicial ir a êle com essa mentalidade. Se o tomássemos por um excitante, não lhe pediríamos senão um estímulo de quando em quando. Ora, não é com um estímulo passageiro que nos conformamos a Cristo e fazemos sua obra; sòmente a fazemos consagrando-lhe tôdas as nossas fôrças. Importa pois que a Eucaristia venha cada dia suprir à perda em nossas fôrças e reparar seu empobrecimento. Se se destina essencialmente a alimentar, há coisas que não devemos pedir-lhe como, por exemplo, que seja uma fonte de gôzo e felicidade.

Sem dúvida; a presença de Deus numa vida traz-lhe grandes alegrias e sòmente os que as experimentaram conhecem-lhes a doçura. Mas é preciso ir além dessa consideração, pois a realidade dessa felicidade será encontrada sòmente na pátria celeste. Na terra, Cristo na Eucaristia nos traz a fôrça para trabalhar e sofrer, não a alegria de sermos felizes ou repousarmos.

Concebemos assim as razões que nos devem levar a ela: a necessidade que dela temos, o conhecimento de nossas deficiências e de nossas incapacidades. Quando pois sentirdes o pêso da vida, quando a provação vos visitar, quando tudo vos parecer duro, árido, hostil mesmo, ide a Cristo. Tendes direito ao seu auxílio. Sobretudo não considereis vossas disposições, pois que jamais sereis dignos dêsse encontro. Considerai antes o trabalho que espera de vós, o que vos confiou ao chamar-vos a êste ou aquêle estado de vida. Dir-lhe-eis então: "Venho a vós porque tenho necessidade de vós". Não encontrareis nunca maior intimidade com êle do que nesses

momentos. Pensai nisto: no desejo que tinha Cristo de se unir a vós, foi êsse o único meio que encontrou. Depois da perfeição da união do Verbo com a natureza humana no mistério da Encarnação, não é possível conceber maior união do que a dêsse alimento divino com aquêlê que o toma. Se Jesus quis tornar-se nosso alimento, é com o fim de poder unir-se mais intimamente a nós, tornar-se mais fortemente nós mesmos.

2. — Isto nos ajuda a compreender como é importante preparar-se para receber a Eucaristia. Se encontra um coração dilatado pelo desejo, a Eucaristia, semelhante ao fogo que só deseja propagar-se, logo comunicará a vida. Para conformar-se a Cristo e prosseguir sua obra, será preciso a plenitude da vida. Para compreender isto, basta ver o que se torna a atividade quando possuímos a vida em limitação. Há duas espécies de indivíduos que se acham nessa condição: a criança que ainda não tem plenamente a vida e o doente que não mais a tem. Nem um nem outro podem fazer as obras da vida; são apenas capazes de obras rudimentares. Para produzir os atos perfeitos do ser vivo, é preciso possuir a plenitude da vida. Na ordem da saúde física, uma simples dor de cabeça é suficiente para reduzir a atividade da vida. O sofrimento do doente é perceber que seu mal o abateu, que não pode mais pensar em realizar os atos superiores da vida que antes lhe eram tão fáceis. Tudo o que tem valor superior lhe é doravante interdito.

Na vida espiritual sucede o mesmo. O cristão só pode realizar os atos da vida sobrenatural se lhe possui a plenitude. Assim disse Jesus, não querendo que subsistisse qualquer hesitação sôbre êsse ponto: "Eu vim para que tenham

a vida e a tenham abundantemente" ²⁰. É nisso que reside a infelicidade de muitos cristãos: não têm senão uma vida espiritual debilitada, não se preocupam suficientemente em desenvolvê-la. Assemelham-se a certos doentes que ainda podem andar com auxílio de bengala, mas que não podem mais agir, ser ativos, trabalhar. Certamente, não é morte, mas uma vida singularmente diminuída. Assim, contentam-se com executar os atos rudimentares da vida cristã. Tudo vai bem até que se apresentem as dificuldades; venha o dia em que a vida se complique, em que será necessário superar-se a si próprio, dominando uma tentação que transtorna e faz perder o controle, e é a derrocada. Tudo isso se deu porque se perdera de vista a necessidade de alimentar a vida da alma, de fortificá-la.

Ora, o único meio de possuir essa vida em plenitude é usar aquêle divinamente instituído pelo próprio Cristo. Deus, em sua misericórdia, no-lo reservou. Ao instituir o sacramento de seu corpo e de seu sangue, Jesus pensava certamente nos que ambicionariam um dia segui-lo passo a passo e a quem seria necessária a força de caminhar em suas pegadas. Constituiu-se, por amor, nosso pão de cada dia, o pão ao qual é preciso voltar com freqüência para não desfalecer.

Que concluir senão que Deus dispôs as coisas maravilhosamente para levar-nos a partilhar seus pensamentos e suas vontades, fim supremo do trabalho de semelhança a Cristo? Dando-nos seu Filho em alimento, irá com isso alimentar-nos dos pensamentos e vontades daquele a cuja semelhança quer levar-nos. Que um de vossos pedidos mais habituais seja pois que Cristo Jesus

tome posse de vós para que ameis como êle amou em sua vida. Fareis em seguida o que êle fêz, pois o amor é fôrça; então não tereis mais nada a temer. No dia em que Deus permitir a provação em vossa vida, — e ela virá certamente —, no dia em que vos puser ante a cruz, será por vos ter julgado capazes de carregá-la. Deus, com efeito, dá sempre o que é preciso ter para responder a seus desígnios. Que essa persuasão seja o apoio mais seguro de vossa fôrça! Possuís a Cristo, não sob a forma em que êle beatifica — isso está reservado para o céu — mas sob a forma em que êle fortalece. Encontramos aqui o pensamento de Santa Teresa de Avila: “Não é na terra o tempo de gozar, mas o tempo de trabalhar e sofrer”. E acrescenta com tôda convicção: “Sofrer passa; ter sofrido permanece”. É a mesma linguagem que tem para conosco Cristo na Eucaristia. Por que não a escutaríamos e por que não nos esforçaríamos por compreendê-la?

CAPÍTULO IV

A MENTALIDADE DE CRISTO, MODELO E INSPIRADORA DA NOSSA

A pessoa de Jesus e a obra redentora que realizou não se explicam senão pelo ideal de amor que o animou constantemente, pela "*mentalidade*" que impregnou todos os seus atos e forneceu-lhe o impulso necessário para ir até ao fim de seu labor. Este, sabemos-lo, não foi outro senão a aceitação da cruz. É somente por ela que salvou o mundo; é por ela que nos assimilaremos à sua condição redentora. É reproduzindo em nossas vidas êsse mistério da cruz que nos identificaremos a êle.

Uma "*mentalidade*" outra coisa não é senão a idéia inspiradora de uma vida. Explica-lhe a continuidade, o fervor íntimo, a generosidade fundamental; é ela que é responsável por sua fecundidade. Todo ser humano que pôde realizar grande obra foi sustentado por ideal que o levou constantemente e triunfou de tôdas as resistências. Cristo não escapou a essa lei da psicologia humana; conformou-se a ela e, desde o primeiro instante de vida, provou que esta seria inteiramente submetida a uma idéia diretriz que justificaria suas atitudes, seu labor oculto de Nazaré, bem como seu trabalho apostólico e,

finalmente, sua morte no Calvário. Essa idéia é a mesma que o autor da Epístola aos Hebreus notou e que está por tôda parte inscrita em fili-grana nesse extraordinário destino: "Pai, eis-me aqui para fazer a tua vontade" ¹.

Queremos participar do drama redentor e nêle cooperar eficazmente? Cumpre esforçar-nos por inserir em nossa vida essa mesma mentalidade, para que nos sustente e nos eleve acima de nós mesmos. Pois, se nada é tão grande como participar do sacrifício de Cristo, nada é tão exigente e, em certas horas, tão crucificante.

Ora, a mentalidade de Cristo, vindo a êste mundo para realizar a obra do Pai, pode definir-se numa palavra: foi *"uma mentalidade de dom"*. Entregou-se ao Pai num ato de amor pleno, desde o primeiro instante de vida; esta foi também inteiramente orientada para nós no imenso desejo que o possuiu de tudo dar sem nada reservar para si; aplicou-se nisso até a consumação de suas fôrças. Basta olhá-lo na cruz para perceber que não trapaceou com seu ideal e aceitou-o com tôdas as suas exigências.

Êsse o modelo que constantemente devemos ter sob os olhos para reproduzi-lo. Assim, nada mais urgente do que nos fazermos estas duas perguntas:

- 1) Como conceber essa mentalidade?
- 2) Como inseri-la em nossas vidas?

1 Hebr. 10,8.

O dom de si mesmo : sua grandeza, suas exigências

Possuímos, em nossa experiência humana, uma imagem cuja evocação é suficiente para compreendermos sem dificuldade o que significam estas palavras: "dar-se". É a da mãe que cria o filho. Ela se resume por inteiro no dom de si mesma a êsse pequeno ser que chamou à vida. Ele é sua única razão de ser. Ela só existe para êle; tudo nela lhe é consagrado. Quando se trata dêle, não discute; deu-se, não pode voltar atrás. Basta-lhe abrir os olhos para constatar que perto dela, ao alcance de sua mão, há uma pequena vida por defender, guardar, alimentar. E porque seu instinto maternal lhe ordena de se dar totalmente ao filho que reclamará todos os seus cuidados, organizará sua vida em função dêle. Ele se tornará o centro dessa vida para o qual doravante tudo convergirá. Para que assim seja, ela deverá dispor suas ocupações da maneira a lhe reservar a maior parte de seu tempo. É seu filhinho que presidirá inconscientemente à ordenação de sua existência. Por causa dêle, deverá necessariamente negligenciar suas amizades, levar vida retirada, privar-se de saídas que até então considerava indispensáveis, aceitar certa austeridade de vida, pois a displicência viria prejudicar o filho, que seria o primeiro a sofrer por isso. O filho transtornará pois todos os projetos da mãe; exigirá tôda a sua vida. E se essa mãe tivesse a fraqueza, por egoísmo, de subtrair-lhe momentos que por direito lhe pertencem, sofreria, talvez por muito tempo, as dolorosas conseqüências disso. Uma criança não pode prescindir do amor que a proteja e envolva. O amor materno não se explica senão pelo dom de si mesmo. E Deus compreendeu tão bem a importância dessa dis-

posição fundamental em tôda mulher que dá a vida; que criou no coração das mães essa maravilha de devotamento e por vêzes de heroísmo que se chama o "*sentido maternal*".

Vista de perto, é uma das mais altas e mais belas realidades da vida. Mas, perguntastes-vos ao menos, por que foi preciso ser assim? A resposta a essa delicada pergunta se faz tanto mais necessária quanto nos concernirá muito particularmente ao transpormos para a nossa vida espiritual os dados psicológicos que nos fornecêrá. Veremos até, que dominará **todo o** mistério de nossa conformidade a Cristo e nos revelará suas exigências.

Uma obra de vida

Eis o que se pode dizer. Há em tôda vida humana duas espécies de obras: aquelas às quais ela pode se prestar e aquelas às quais deve dar-se até o consumo absoluto de si mesma. Adivinhemos logo a diferença essencial que existe entre elas. Há, com efeito, trabalhos para os quais não somos indispensáveis; encontre-se junto de nós alguém competente, e poderá realizá-los e comunicar-lhes a perfeição que nêles teríamos pôsto. Numerosas são as obras dessa espécie. Basta um mínimo de humildade e bom senso para concebermos que exageramos freqüentemente a nossos olhos a importância de nossos trabalhos, de nossa presença, de nossa ação. Um olhar lúcido sôbre os limites de nossas capacidades, o rendimento de nossas atividades e sua utilidade real, basta para fazer-nos tornar à sombra e aceitar uma condição mais apagada. É, aliás,

sinai de verdadeira sabedoria conceber um mundo onde teremos cessado de agir e no entanto tudo continuará a viver sem que aí tenhamos mais nada que fazer. É invencível tendência da natureza humana exagerar aos próprios olhos a importância de seus trabalhos e de sua irradiação. A modéstia sempre foi uma virtude rara, um tanto depreciada, freqüentemente esquecida!

Mas tratando-se de obras de vida, tudo muda. Em rigor, uma mãe pode ser substituída para tudo, mesmo para a educação do filho, por dolorosa que seja essa eventualidade. Mas há um momento em que é insubstituível e em que ninguém pode fazer-lhe as vêzes: é o momento em que dá a vida. Nesse ato eminente, comunica-se inteira; marca seu filho com sua personalidade profunda; por ter sido um com êle durante longos meses, impregná-lo-á do que nela há de mais íntimo. Infundindo-lhe seu sangue, prende-o a si para sempre; entre ela e êle criar-se-á o laço mais poderoso que existe e que terá sua repercussão até na eternidade. De tal forma sente o que a liga ao filho que se consumirá por êle até o esgotamento. Junto ao berço dêsse pequenino, ela é um ser "dado". Isto é sua insigne grandeza, sua nobreza essencial. E êsse dom de si mesma não será a atitude de um momento; sua existência será marcada por êle. Constituirá sua alegria e aí encontrará ela o mais puro de sua felicidade. Tanto isso é verdade que quando se trata de obra de vida não podemos emprestar-nos, é preciso dar-nos.

Percebeis onde queremos chegar? Não o advinhastes sem dificuldade por pouco que, à luz das reflexões que precedem, tenhais compreendido a grandeza de nosso ideal cristão e as exigências que comporta em sua realização? No mis-

tério de nossa conformidade a Cristo, trata-se, para nós, de nos tornarmos almas redentoras. Que significa isto senão almas doadoras de vida e da vida mais alta que existe, a que se encontra no próprio coração de Deus? Esta vida, no-la comunicou na graça inicial do batismo; alimentou-a, dia após dia, no mistério eucarístico; fortifica-a, protege-a, reergue-a quando fraqueja; ela é objeto de seus cuidados paternais mais assíduos. Ora, para comunicar a vida é **preciso dar-se**. O que só consentisse em **emprestar-se** seria de utilidade nula. Seria afastado incontinenti, pois que quereis fazer com um ser **exangue**, **concentrado** em si mesmo, incapaz de **devotamento**? E dar-se é reproduzir Cristo no ato mais eminente de sua vida: o da morte na cruz.

É, pois, pela participação no mistério da cruz que o cristão se identifica a Cristo da maneira mais íntima que se possa conceber. Ele o reproduz porque vive dêle; torna-se assim por sua vez "doador" de vida, atinge o ápice de seu ideal espiritual. Mas para atingi-lo, ser-lhe-á absolutamente necessário participar da mesma mentalidade; ser-lhe-á preciso aceitar a doação a Deus, isto é, da maneira mais concreta e verdadeira aderir a tôdas as vontades divinas que lhe dizem respeito. Pois sòmente damos a vida da alma e permitimos sua expansão permanecendo disponíveis entre as mãos do Senhor: é dêle que tudo procede, é êle que toma tôdas as iniciativas. Essa é a única condição da eficácia sobrenatural; será dura, imperiosa, crucificante mesmo em certas horas da vida; mas, aceita na fé levará à santidade.

Ao cristão que consente em assumir êsse ideal, Cristo fará uma única pergunta: "Queres dar-te a mim?" Ela tem a mesma ressonância daquela

feita outrora a Simão Pedro: "Pedro, amas-me?", mas implica, na brevidade de seu enunciado, quantidade de exigências ante as quais muitos recuam ou hesitam. Dar-se a um ideal nunca foi coisa fácil e viver dêsse ideal conveio sempre unicamente às almas de elite. Cristo deseja ardentemente que sejamos dessas.

Uma educação necessária

Assim, Deus propõe-se educar-nos, pois sabe que por nós mesmos jamais chegaremos a essa altura. Se o "sentido materno" é criação quase espontânea no coração da jovem mãe e como que sua emanção natural, sabem todos que as diferentes etapas da vida do filho adaptará êsse "sentido" às necessidades que encontra. Desenvolver-se-á, fortalecer-se-á, crescerá com o passar dos anos, irá por vêzes até o heroísmo. O mesmo acontecerá com nosso dom ao Senhor. Deus, como pai que educa o filho, deverá "formá-lo" em nós e criar em nosso coração êsse "sentido" misterioso do dom de nós mesmos à sua obra redentora. Não é no início da vida espiritual que entrevemos semelhante ideal e aceitamos tomar a cruz empós de Cristo. São precisos, para a maior parte de nós, longos anos de aprendizagem e somente após muitas hesitações, recuos, recusas talvez, consentimos afinal em participar dêsse tremendo mistério de cooperação para a salvação das almas. Poucos se comprometem a fundo, pois para compreendê-lo e sobretudo para penetrar-se dêle, faz-se necessária graça de Deus tão poderosa e tão envolvente, que faz dessa alma uma predestinada.

Como procederá Deus para que essa educação tão difícil e tão necessária tenha probabilidades de chegar ao termo? Por que caminhos nos conduzirá? É o que examinaremos de perto.

Os acontecimentos da vida: manifestações das vontades divinas

Se fôsse preciso definir a vida cristã, isto é, aquela que quer ser em conformidade com Cristo, poder-se-ia dizer que *é a vontade de Deus em exercício*. É Deus, com efeito, que lhe tomará a direção, que a manterá em suas mãos a fim de conduzi-la à medida de suas intenções sobre ela. Essa vontade exprimir-se-á concretamente nos acontecimentos da vida. Estes serão destinados, em seu pensamento, a transmitir suas mensagens, a dar seus impulsos, a esclarecer o espírito, a levá-lo à reflexão e finalmente a fazê-lo participar de seus fins. Daí sua soberana importância, o que equivale a dizer também o quanto será preciso estar atento para notá-los, examiná-los de perto a fim de nada perder da densidade espiritual que encerram. Deus nos falará pelos acontecimentos de nossa vida e estes nos conduzirão a êle segundo o grau de nossa aplicação em aceitá-los e fazê-los frutificar. Cada acontecimento da vida tornar-se-á assim manifestação concreta das vontades divinas a seu respeito.

Ora, essas vontades divinas são de três ordens:

Há, em primeiro lugar, *as vontades de mandamento* do Senhor. Elas são uma necessidade para a orientação básica de uma vida e sua pertença a Deus desde o ponto de partida. É assim,

aliás, que todo pai verdadeiro age em relação ao filho que educa: manifesta-lhe sua vontade. Sem experiência, êsse filho é incapaz de discernir o que lhe é proveitoso e o que lhe é nocivo; como conheceria seu caminho se alguém mais experiente não lho indicasse? É o amor do pai que fala através daquela vontade; seu sonho é fazer do filho um ser de escol. Nenhum capricho, nenhuma impulsividade em semelhante determinação; essa é ditada apenas pelo bem do filho.

Deus, pai verdadeiro, vai pois indicar-nos, em nome do amor que nos tem, os caminhos que devemos tomar para não nos extraviarmos: são seus mandamentos, expressões de sua ternura paternal, provas de sua aplicação em nada negligenciar para que sejamos bem dêle. Longe de serem um fardo, uma golilha que pesa e destrói o impulso, são o trampolim que nos permite dar os primeiros passos para êle. É dizer a grandeza da obediência às vontades divinas e o cuidado que é preciso ter para aderir a elas com nossa melhor aplicação. Elas são o caminho da verdadeira vida².

Em segundo lugar, sobrepondo-se a elas e completando-as, há *as vontades de conselho*.

Isso se verifica na vida de família; um pai servir-se-á delas para ir mais além na educação

2 A Escritura é rica de sugestões sobre êste assunto. Basta consultar o admirável salmo 118 para ter alguns exemplos: "Oxalá se firmem meus passos na observância dos vossos estatutos" (5). "Com sinceridade de coração hei de louvar-vos e agradecer-vos, quando me houver familiarizado com os vossos justos decretos" (7). "De todo coração vos procuro; não me deixeis transviar dos vossos mandamentos" (10). "Entesouro a vossa palavra no meu coração para que jamais vos venha a ofender" (11). "Deleito-me na prática dos vossos ensinamentos, como se possuísse todos os tesouros" (14). "Hei de deliciar-me com os vossos estatutos" (54). "A lei que promulgastes me é mais preciosa que mil e mil peças de ouro e prata" (72). "Se a vossa lei não constituiria as minhas delícias, já teria perecido na minha desventura" (92).

do filho; será maneira nova e mais profunda que a precedente de provar a si próprio que a educação dada ao filho teve êxito e dela pode esperar muito. Chega o momento, com efeito, em que as vontades de mandamento do pai com relação ao filho se rarefazem porque chegou à idade viril; apagar-se-ão ante as vontades de conselho. O pai usa então para com êle esta linguagem: "Meu filho, se estivesse em teu lugar e me encontrasse ante essa situação, acredita-me, é assim que eu agiria. Não te obrigo, pois quero respeitar a tua liberdade; mas a experiência me diz que assim conseguirias teus fins. Tem confiança em mim; agindo assim não poderás enganar-te". E o filho adulto, porque sabe que o pai é homem experiente e já constatou muitas vêzes que, seguindo-o, tudo se resolveu no sentido de seus desejos, sem consultar suas hesitações tomará a resolução que lhe é indicada e que se revela, decididamente, a mais prudente. O amor do pai pelo filho manifestou-se uma vez mais; o filho compreendeu-o e com a mesma disposição com que outrora o obedecia, aceitou essa nova ingerência em sua vida, mais matizada, sem dúvida, não, porém, menos compelidora. Um passo mais foi dado na fidelidade.

Deus comportar-se-á da mesma maneira com os que querem oferecer-lhe o testemunho de um amor sem reserva. Falar-lhes-á linguagem idêntica, notificar-lhes-á suas vontades de conselho. Estas estão encerradas principalmente nas bem-aventuranças evangélicas³. Aí é que o coração

3 A bem dizer, as bem-aventuranças não são sòmente conselhos: encerram também certa vontade de mandamento. E por serem susceptíveis de múltiplos graus de perfeição, que comportam na base um mandamento; à medida que ascendemos para a perfeição, mudam-se em conselhos. O rico *deve* ter uma alma de pobre: é-lhe sòmente aconselhado vender todos os seus bens o consagrar-se a Cristo.

do Pai vigilante se mostrará ainda mais atento: é o "sursum corda" que fará ouvir. Estranha linguagem, com efeito, então profere! "Se me amais verdadeiramente, e se soubésseis em que medida sonho conformar-vos a meu Filho, far-vos-íeis uma alma de pobre; considerariéis a doçura como uma das forças que deveis utilizar para resplandecer sôbre as almas e impregná-las dessa mansuetude, de que Cristo fêz um dos caracteres distintivos de sua pessoa; seríeis puros, transparentes, e veríeis nessa disposição a primeira facilidade a vós oferecida para participar de minha intimidade; sobretudo seríeis não só pacificados, mas pacificadores, realizadores de paz por tôda parte onde vossa vida se desenrolar, discernindo nisso a mais alta semelhança com meu Filho, cuja vida inteira não teve em mira outro fim senão restabelecer a paz comprometida entre vós e eu, criá-la entre os filhos do mesmo Pai dos céus".

Essas vontades de conselho, quando aceitas são o esbôço da santidade na alma. Assimilá-las-ão estreitamente a Cristo e fá-las-ão entrar numa participação ainda maior de seu espírito. É aí sobretudo que o Senhor nos espera. Essa fidelidade mais acentuada será a prova de que somos seus e de que compreendemos seu sonho paternal. Sim, "é Deus quem faz os santos", só êle conhece os caminhos que deverão seguir para se identificarem a seu Filho de predileção. De fato, a santidade foi sempre um progresso alegre e perseverante na prática das bem-aventuranças evangélicas. É nelas que se refletem tôdas as exigências de Deus; é em sua aceitação que uma alma testemunha ter compreendido a primazia do Senhor em sua vida.

Rude caminho êsse, e quão crucificante em certas horas! Que renúncias não exigirá? Com **que** apêto de coração deveremos ouvir essa voz, **em** certos momentos doce e insinuante, firme e **resoluta** em outros! No entanto, será sempre a de **um** Pai que quer tirar o filho da mediocridade e fazê-lo ouvir seu chamado para uma ascensão **que** só pode terminar na partilha de sua própria vida e na comunicação íntima de seu amor. "Ad altiora per áspera"

Essas vontades de conselho, experimentamo-las todos algum dia quando nos encontramos em circunstâncias que requeriam tôda nossa coragem e eram o convite a superarmos a nós mesmos. Quem quer que as tenha ouvido e seguido sabe que encontrou o segrêdo de pertencer mais completamente a seu Senhor e se bem tenha sentido em certos momentos partir-se-lhe o coração porque o ideal proposto era demasiado exigente para suas fôrças ainda frágeis, contudo, ouvindo-as encontrou uma alegria que jamais poderá esquecer. "A quem me ama, manifestar-me-ei a êle", disse Jesus⁴. É a etapa determinante da conformidade a Cristo, aquela que é preciso transpor para identificar-se a êle e reproduzi-lo em sua verdade.

Deus, porém, limitar-se-á a isso? Não, pois se propõe acabar sua obra na alma fazendo-a transpor o último degrau que a fará aderir a êle; far-lhe-á ouvir suas *vontades de complacência*. É o ponto culminante de sua educação, o coroa-mento de sua obra na alma, tal como o artista que esmera seu trabalho revendo-o e dando-lhe a última demão.

Desta vez ainda, a vida de família nos esclá-

⁴ Jo 14, 21.

recerá sôbre essa nova atitude de Deus e nos fornecerá seus motivos.

Eis uma mãe de família que se dedicou à educação da filha. Fêz-lhe ouvir suas vontades de mandamento e a filha aceitou-as: disse-lhe suas vontades de conselho e foram ouvidas. Entretanto, chega um dia em que tem de pedir a filha algo muito duro; não ousaria mandar-lho, pois não se sente no direito de fazê-lo; em nome de que princípio, com efeito, poderia exigir êsse sacrifício e como poderia ser compreendido por uma jovem liberdade que se espanta e pode resistir-lhe? Não lhe dará mais conselhos, pois sabe por experiência que se se encontrasse nesse caso, os conselhos não serviriam para nada, incapazes que seriam de abalar uma vontade que hesita, impotentes para fazerem-na dominar uma resistência bem compreensível. Que fará então essa mãe que quer tentar uma suprema investida à vontade da filha para levá-la a entregar-se? Apelará ao seu coração. Dir-lhe-á: "Minha filha, se fôsses gentil, farias isto". E por saber essa filha que a mãe quer o seu bem, e que através dêsse apêlo tão exigente, é a êle que ela visa, passará por sôbre suas hesitações e cederá. Seu amor triunfou de tudo, sua generosidade venceu.

O mesmo acontece nas relações do Senhor com uma alma a quem quer fazer atingir os pináculos da santidade: apela constantemente ao seu coração. Seu dever, ela a conhece; nem tem mais hesitação quanto a assumi-lo, longo hábito iniciou-a em superar essa etapa difícil em que muitos tropeçam. Seus conselhos, compreendeu-os e esforça-se por segui-los. Ainda que em certas horas pareçam-lhe austeros, constrangedores, sente entretanto coragem suficiente para aceitá-los e executá-los. Mas as complacências divinas? De-

veríamos dizer as "fantasias" divinas, quem pois lhe comunicará a força de ouvi-las e sobretudo de a elas assentir, senão seu coração no qual começa a desabrochar um amor irredutível, uma afeição ao Senhor tão verdadeira, tão espontânea, que sua alegria será contentá-lo em tudo? Não é esse amor que Cristo testemunhou ao Pai durante toda a sua vida? "Eu sempre faço o que é do agrado daquele que me enviou" ⁵.

Deus esforçar-se-á pois, dia após dia, por desenvolver em nós a generosidade; esta manifestará a autenticidade do amor: "Se tu fosses gentil, farias isso". Quem não ouviu essa voz e quem não compreendeu a severidade de alguns desses pedidos? Entretanto, secreto instinto nos diz que Deus não pode deixar de ir até aí e tentar a suprema investida para que o coração se entregue inteiro e sem reserva. Senão faltaria, parece, a seu papel de educador esse apuramento que comunicam as vontades de complacência. Toda vida que se quer grande é uma vida dada. E toda vida dada é essencialmente uma existência em que a generosidade faz ouvir os seus chamados. Nela se encontra a pedra de toque do amor: é sua mais alta expressão. Por ela, não é mais possível enganarmo-nos sobre a verdade de um amor, pois as respostas que a generosidade do coração fornece são de tal evidência, que dão o som autêntico de uma alma. As palavras podem enganar; o testemunho da generosidade afirma-se sem discussão. A aceitação das vontades de complacência do Senhor é a prova irrecusável de que ele ocupa o primeiro lugar num coração.

A confrontação de nossa vida com êsse ideal...

É assim que a fidelidade às vontades de complacência de Deus torna-se o critério infalível da ascensão de uma alma para a perfeição espiritual e o sinal de sua conformidade plena a Cristo.

Êsse pensamento deve tornar-se para nós objeto de exame em que confrontamos nossa vida com êsse ideal. Várias perguntas se apresentam, com efeito, a tôda alma leal, pois importa-lhe saber em que ponto está. Como aceita as vontades divinas no exercício de sua vida cotidiana? Quais seus reflexos perante as contrariedades, os imprevistos, as decepções que conhece? Serve seu Senhor na alegria e seu entusiasmo é comunicativo? Dá a impressão de saúde moral, de equilíbrio ante os mil e um desazos que tôda vida comporta? Numa palavra, é achada fiel no caminho? Essa a pergunta fundamental, o sinal por que se reconhece a autenticidade de uma vida dada ao Senhor. A verdade não pode estar senão aí: todo o resto se resume nisso.

Se se apresentassem falhas — quem se admiraria delas e quem não as conhece? — sua presença se explicaria pelo fato de o coração não ter sido ainda “tomado” pelo Senhor. Trata-se de utilizar esta palavra em seu sentido absoluto, como se diz de um coração possuído por grande paixão que tudo invadiu, tudo submergiu. O que constatamos em certos amôres da terra, por que não se realizaria quando se trata de nosso amor a Deus? Não está aí o testemunho dos santos para dizer-nos que êsse domínio divino sôbre sua alma foi o móvel de tôda a sua atividade, o sustento mais seguro nas horas sombrias que não lhes faltaram, a causa de seu entusiasmo e de

sua alegria? Sòmente êsse amor pode realizar a unidade de uma vida, transfigurá-la, conceder-lhe que produza grandes obras.

É essa uma das graças de eleição do Senhor que devemos pedir-lhe freqüentemente, pois, sem êsse amor, dificilmente poderemos escapar à mediocridade ou, pelo menos, nada conheceremos dessa ascensão para a santidade que é o fim supremo de nossa vida. Jourdain de Saxe, um dos primeiros discípulos de São Domingos, atestou o que foi, na alma de seu pai, a veemência de sua prece: "Havia um pedido que Domingos dirigia freqüente e especialmente a Deus: o de dar-lhe uma caridade verdadeira, preocupada e solícita em procurar eficazmente a salvação das almas, persuadida de que começaria a ser membro de Cristo no dia em que, inteiramente, com tôdas as suas fôrças, se consagrasse a ganhar as almas, semelhante ao Senhor Jesus que se imolou inteiramente para a nossa redenção". Seu principal pedido era, pois, um pedido de amor e um desejo de fazer de tôda sua vida uma representação viva de Cristo. Santa Teresa de Avila falará a mesma linguagem: "O que Deus reclama de nós é a determinação de nossa vontade de pertencer-lhe sem reserva". Todos os que quiseram conformar-se a Cristo ouviram o mesmo chamado; sentiram nascer no coração o mesmo desejo de se dar a fundo; amaram em plenitude. Aí está a razão da fecundidade espantosa de suas vidas; suas obras falam ainda e dizem o que foi sua generosidade. Haviam unificado suas vidas no amor.

Ora, todo ser que não estabeleceu a unidade em sua vida serve com o coração dividido. Escapam-lhe atitudes que êle próprio não compreende, não se reconhece nelas. Isso se vê na expe-

riência humana. Desde que um ser não está mais centrado em seu ideal, perde o contróle de seus gestos, de seus atos e cai na confusão mental, essa espécie de hebetismo que o leva a perder a direção de sua vida. É o que o profeta Oséias fazia notar a seus contemporâneos: "Seu coração é doble", dizia⁶, e São Tiago, a certos membros da primitiva Igreja de Jerusalém, quando evocava "o homem irresoluto como é e volúvel em todo o seu operar"⁷. A conseqüência dessa divisão interior faz-se sentir imediatamente na atitude. Quando o coração não é dado, não fazemos mais coisa alguma que seja verdadeiramente "bem"; sente-se a negligência, o desleixo, a preocupação de se desembaraçar o mais cedo possível das tarefas tornadas fastidiosas. A partir do momento em que o coração não se dá mais por inteiro. A vida perde encanto: torna-se pesada; arrastamo-la na lassidão e no tédio. Ao contrário, entregue-se o coração tranqüilamente aplicado ao que a vida requer e a paz o invade, uma paz que resplandece e se torna comunicativa. Isso é tão verdadeiro que um ser não encontra alegria durável a não ser na fidelidade às vontades divinas. É a alegria que Cristo conheceu e traduziu por estas palavras: "Por mim nada faço, mas digo aquilo que o Pai me ensinou"⁸.

É uma verdade que é preciso aceitar como absoluta: nada pode atenuá-la. A partir do momento em que não a aceitamos mais, introduzimos em nossa vida o capricho, a fantasia, e abre-se a porta às piores desilusões. Quantos estragaram sua vida porque não a tomaram como Deus lha havia feito! Quantos vivem na inquietude, numa

⁶ Os 10,2.

⁷ Tg 1,8.

⁸ Jo 8,28.

ma tristeza, porque não querem aplicar-se em caminhar segundo as vias de Deus! Os melhores dons foram por vezes destruídos porque não soubermos utilizá-los no sentido das vontades divinas! Quantos exemplos não poderíamos dar dessas vidas perdidas, pobres de rendimento, que permaneceram sem envergadura porque não se quis aceitar o próprio destino! Quando não se vive segundo o espírito de Deus, sua vontade torna-se o espantalho ao qual é preciso a todo custo escapar. Sim, é preciso redizê-lo: nossa vida inteira foi disposta por Deus; é preciso deixá-lo agir e não contrariar seu trabalho. São suas vontades de complacência que manifestam sua ingerência; responder-lhes no sentido em que Deus espera é a maior prova de amor que lhe possamos dar. O que êle procura através delas é desenvolver a generosidade de uma alma, conduzi-la pouco a pouco ao dom total de si mesma. As ações da Providência não visam outro fim.

Esse ideal vivido em plenitude na vida da Virgem Maria

Tudo se esclarece singularmente quando vemos a realização dessa doutrina na vida da Virgem Maria. Se fôsse preciso defini-la em função do que precede, bastaria dizer para qualificá-la: "Tôda a sua vida foi a história de uma alma em que Deus quis realizar suas complacências". Ela foi mãe em plenitude e manifestou, desde o primeiro instante, por sua atitude, que o dom de si mesma ao Senhor seria sem partilha. Consagrou-se a seu Filho; não conheceu a menor distração em sua tarefa. Possuiu em grau supremo aquilo que faz a fôrça de uma vida e que explica sua fidelidade: um amor irredutível.

Considerai a Virgem Maria em todos os mistérios de sua vida e constatareis em cada um deles particular vontade de complacência do Pai, que lha manifestou e à qual ela aderiu. Quantas vezes ouviu a palavra misteriosa que a impelia a uma generosidade mais completa: "Minha filha, se fôsses gentil, farias isso". Na Anunciação é o transtorno de toda uma vida que Deus reclama daquela que quer fazer a mãe de seu Filho. Belém é a adesão à pobreza, a aceitação da miséria. A partida para o Egito, o caminho da incerteza para o futuro. Os longos anos da vida oculta em Nazaré, o labor apagado de cada dia em monótonas tarefas. A solidão que teve de aceitar durante os anos do ministério apostólico de seu Filho, que é então, senão uma vontade bem determinada do Pai de conduzi-la progressivamente ao grande despojamento da cruz e à dor profunda do Calvário? "Minha filha, se fôsses gentil, aceitariais tudo isso, pois através de todas as obscuridades do teu caminho, é o grande desígnio redentor que se realiza, é a salvação do mundo que se opera. Não me recuses nada. Tornar-te-ás assim minha mais preciosa colaboradora nessa obra em que ponho tanto empenho!" E que dizer do papel que o Pai reservaria a Maria depois da Ascensão de Jesus e a solidão em que a estabeleceria? Não lhe pede êle que se cale, que desapareça ante os apóstolos, únicos mandatários para a proclamação do Evangelho? Não lhe pediu um retraimento total, de modo que nem mesmo se sabe onde viveu, nem em que condições terminou sua existência? Quantos mistérios a seu respeito quantas obscuridades nessa vida! E sempre a mesma palavra que justifica tudo: "Minha filha, se fôsses gentil, aceitariais tudo isso; é nessa estranha conduta que

meu amor por ti se manifesta. Não compreendes nada disso, mas o essencial é que eu saiba por que ajo assim".

Tal foi o destino da Virgem Maria: assentir a tôdas as complacências divinas a ela respeitantes. Sua sorte foi em todos os pontos idêntica à de seu Filho. Sòmente uma visão de fé justifica essa existência excepcional; sòmente ela nos ajuda a penetrar-lhe o mistério.

Aderir a êsse ideal: uma luz nova para a vida

Não pensais que se aderísseis à mesma mentalidade, muitos acontecimentos de vossa vida seriam iluminados por nova luz? Nêles discerniríeis as complacências divinas para convosco, e as aceitaríeis com mais boa vontade. Ainda que inexplicáveis, contrariantes, freqüentemente injustificadas, veríeis nelas renovadas provas da atenção que Deus vos dedica, pois se vos diz "Se fôsseis gentis, faríeis isso", é porque pensa em vós, é porque não quer abandonar-vos a vós mesmos, deixar-vos levar vossa vida à vontade com o risco de vos extraviardes e finalmente vos perderdes. Êle faz empenho em que permaneçais em sua mão e, sem se preocupar com as penas que vos impõe, com os sacrifícios que exige, quer forçar a porta de vosso coração. A infelicidade seria o não vos pedir mais nada, que se calasse: seria a prova de que nada mais espera de vós, de que vos sabe tão enfermos que é inútil pedir-vos um esforço de que sois incapazes. Não nos comportamos assim com aquêles cuja saúde está tão abalada que se tornaram exangues, impossibilitados de fazer qualquer coisa? Já não

os solicitamos porque sabemos que nada podemos esperar dêles. O caso é em todos os pontos idêntico.

Mas, estou persuadido disso, encontrareis a ocasião de apresentar a prova de vosso amor ao Senhor. Não vos insurjais, pois, contra o que pode haver de perturbador no mistério das ações divinas. Pensai antes em responder-lhes e vêde que ocasiões Deus oferece de crescer no seu amor. Considerai sòmente o aspecto positivo das ações divinas e permanecereis em grande paz. Senão, vossa vida continuará inexplicável em sua quase totalidade e cada dia vos embatereis com novas dificuldades. Mas se sentis a coragem de dizer: "Deus me fala; convida-me a superar-me a mim mesmo, a dominar minhas hesitações e vencê-las; pede-me isto ou aquilo, aceito, apesar de nada compreender, e assinto a seus intentos", então uma alegria muito pura apoderar-se-á de vós e tereis a consciência de haver satisfeito o coração de Deus que, através de vós, visa seu desígnio de amor sôbre o mundo. Podemo-lo dizer sem receio de nos enganarmos: sòmente essa visão de fé lúcida, viril, confiante, sôbre as vontades divinas, é capaz de sustentar a coragem nas horas difíceis da vida. Sòmente os que a possuem conhecem-lhe o valor! Os outros, desencorajam-se, interrogam o Senhor porque não compreendem nada de sua conduta, rebelam-se, às vêzes, e põem-se relativamente a êle numa inimizade que rompe tôda intimidade. Que essa triste constatação nunca seja a vossa história!

Um ideal vivido para os outros

Não nos devemos, porém, limitar a isso. Há outro aspecto a considerar nessa doutrina concernente às vontades de complacência de Deus numa vida, pois é singularmente esclarecedor e capaz de elevar um coração generoso. Ei-lo.

A vida do cristão está essencialmente orientada para os outros. Tornado participante do drama da Redenção, salva seus irmãos e contribui de maneira misteriosa, mas eficaz, à sua ascensão espiritual. É o mistério da comunhão dos santos, dessa solidariedade que nos prende uns aos outros e que nos une para além das fronteiras, para além da diversidade das condições humanas. Nenhuma necessidade há de nos conhecermos. Deus, que vê aquêles seus filhos que estão na necessidade, reparte seus bens e lhes distribui o que outros acumularam para eles. Tudo fica em segredo, pois se soubéssemos o bem que pode realizar uma existência doadora de vida sobrenatural, tornar-nos-íamos orgulhosos, o que seria grande desgraça. Deus quer que os operários de sua obra se estabeleçam na humildade e jamais saiam dela. Eis porque são frequentemente os únicos a não perceberem o bem que fazem e duvidam às vezes da eficácia de sua ação. Deus os quer totalmente disponíveis para a sua obra.

Ora, quando consideramos o mundo e a maneira de viver da maioria, é fácil constatar quão numerosos são os que não somente procuram escapar à vontade divina, mas se esforçam por contradizê-la não querendo aceitá-la, quando não a repelem definitivamente. Quaisquer sejam os pretextos que apresentem e a legitimidade de algumas de suas alegações, o fato perma-

nece. Aquêlê que ama verdadeiramente a seu Deus e que é zeloso de sua glória sofre no mais profundo de si mesmo com êsse desconhecimento dos direitos divinos e quereria compensar com generosidade maior o que os outros não fazem ou não querem fazer.

Como o conseguirá? Convencendo-se disto: assim como a vontade de Deus criou o mundo, é a fidelidade a essa mesma vontade que poderá salvá-lo. Persuadido dessa verdade, aplicar-se-á em assentir a tôdas as vontades de complacência do Senhor, em mostrar-se fiel tanto quanto suas fôrças o permitirem a fim de testemunhar-lhe seu amor e contentá-lo. É sempre o mesmo mistério das compensações sobrenaturais evocado precedentemente e que aqui encontra nova aplicação: substituir-se aos outros, realizar em perfeição o que êles não fazem a fim de que não haja lacunas no plano providencial; satisfazer a justiça divina cujos direitos permanecem intactos. Eis até onde pode ir a generosidade de uma alma que, em sua intimidade com o Senhor, compreendeu a primazia divina; ela quer responder-lhe por fidelidade total. É o que havia compreendido tão bem Teresa de Lisieux quando, no declinar da vida, declarava sem receio de ser desmentida: "Deus fará tôdas as minhas vontades no céu porque nunca fiz minha vontade na terra". O poder de sua intercessão atual prova que não se enganou e que era numa visão profética que proferira essa palavra tão comovente.

Por que não seria assim convosco? Não compreendeis que é na aceitação das vontades de complacência de Deus que consiste o que eu chamaria vossa grandeza "essencial", a que importa verdadeiramente e que ninguém vos poderá arrebatá-lo, pois tem suas raízes no que há de mais

belo neste mundo: um amor verdadeiro? Não compreendeis que há nisso com que entusiasmar um coração generoso e fazê-lo apreciar o porquê misterioso das ações providenciais? Deus quer realizar em vós suas complacências, como fêz outrora para com seu Filho bem-amado e a Virgem Maria. Não é êste, aliás, o sentido mais exato da surpreendente palavra que o Pai fêz ouvir às margens do Jordão, quando do batismo de Jesus: "Tu és o meu Filho amado, em ti eu me comprazo"? Tomai agora a vida dos santos, percorrei-a e constatareis em cada página que é nessa fidelidade por vêzes heróica às vontades divinas que encontraram o caminho da santidade. Nada pôde distraí-los de sua via; uma vez tomada, apareceu-lhes totalmente reta; nenhuma hesitação era possível. Nenhum escapou a essa necessidade de provar seu amor exclusivamente por essa submissão amante ao Deus que unicamente serviam. Bem antes dêles, é o que não se cansava de dizer o salmista, sobretudo no salmo 119 (118) que se nos apresenta como a cantilena do amor de uma alma fiel que encontra nas vontades divinas sua alegria, o princípio de sua serenidade, seu contentamento tranqüilo. Meditai-o e tornar-se-á para vós um oásis de paz.

Um ideal capaz de elevar uma vida

Quem não compreende, portanto, que semelhantes convicções são capazes de regenerar uma vida e voltá-la inteiramente para Deus? Imaginai uma mãe de família vivendo êsse ideal entre as miúdas tarefas do lar e da **educação dos filhos**; representai-vos uma **enfermeira na sua**

sala de hospital, uma assistente social em seu caridoso serviço, um operário na usina ou em sua oficina, um comerciante diante de seu balcão, um educador no meio de seus alunos, todos aqueles, numa palavra, que se afadigam pelo pão cotidiano nos rudes labôres que conhecemos; imaginai-os assentindo a essas perspectivas de encontrar em cada incidente de sua vida uma vontade de complacência do Senhor que se lhes apresenta e interroga sua coragem! Suponde que tenham compreendido e aceitem, com coração tranqüilo o que Deus lhes oferece; com que dignidade irão ao seu trabalho, com que consciência profissional o realizarão, com que alegria o continuarão! E que contentamento do coração quando, à noite, lançando um olhar sôbre a atividade do dia, podem dizer a si mesmos: "Deus deve estar satisfeito, corripondi à sua expectativa, fui fiel aos seus chamados!" Que grandeza em semelhante concepção de vida! Que fonte de equilíbrio humano! Que poder pacificador dos espíritos e dos corações!

Quando encaramos nossa vida dessa maneira, como quereis que haja amargura no coração porque certo desejo ficou insatisfeito? Como todos se sentiriam felizes de sua condição e encontrariam sábio equilíbrio humano no próprio desenrolar de sua vida! Não se falaria mais de inveja, de esperanças frustradas, de descontentamentos mais ou menos legítimos, mas cada um veria no cumprimento de sua tarefa tal como Deus a preparou, a fonte de uma paz profunda. E notai que aqui não se trata absolutamente de "resignação passiva", como tantas vêzes censurou o marxismo à doutrina do Evangelho; trata-se de coisa bem diferente. De uma aceitação viril, amante, das condições de vida que Deus nos

estabeleceu e de um esforço de compreensão para corresponder à sua expectativa. É de propósito, aliás, que a Escritura não fala de “se resignar” — essa palavra não se encontra em nenhum lugar em seu texto — mas de “aceitar”, o que é a atitude da coragem adulta e a prova de grande coração.

Quereis uma prova da verdade de tudo isso que sem dúvida admitis com dificuldade, de tal modo contraria em vós prevenções, digamo-lo sem rodeios, preconceitos, vistas errôneas sôbre a verdadeira direção que Deus impõe a nossas vidas?

Suponde um instante que vos seja impossível admitir semelhantes conclusões e que tudo em vós se rebela ante a incerteza dos caminhos aos quais Deus vos conduz. “Essa doutrina das vontades divinas de complacência é bela, direis, mas não é para mim. Que outros nela encontrem seu contentamento, concedo! Mas ela não me concerne. Já me custa bastante aceitar sua vontade nos grandes acontecimentos de minha vida, para ir perder-me nesses pormenores que só a complicarão”. Quero bem admitir vosso raciocínio; mas então, devo confessá-lo, o desenrolar de vossa vida torna-se-me incompreensível. Como qualquer humano, com efeito, tropeçareis em numerosas dificuldades que a princípio não podíeis suspeitar; primeiramente vos surpreenderão, em seguida farão com que vos rebeleis porque não discernis nelas uma intervenção do Senhor que apele para tôda vossa fé: tal amor decepcionado; tal vida aparentemente inutilizada, destruída ou definitivamente sem emprego; tal criança doente ou enfôrma; tal doença, enfermidade precoce, decepção, fracasso, injustiça social, separação, luto, que sei eu ainda? Seria pre-

ciso enumerar aqui tudo o que pode atingir a coragem humana, miná-la, destruí-la. Do momento em que abris os olhos às realidades da vida, vos achais em presença de situações inexplicáveis, humanamente falando, e que só têm sentido se as examinamos à luz da fé. E o que nos ensina essa luz? Isto: através de todos os acontecimentos que vos dizem respeito é Deus que trabalha, é Deus que vos conduz e vos diz, como Jesus a Simão Pedro: "O que eu faço, não o compreendes agora, hás de compreendê-lo depois" ¹⁰. Suas vontades de complacência para convosco tornam-se assim a prova de seu amor. Ele não quer que vos extraviéis; quer fazer com que vossa vida dê o máximo de suas possibilidades; numa palavra: quer-vos para ele. Que graça compreender isso e que graça ainda maior aceitar tais ingerências divinas, pois, não devemos ocultá-lo, serão dolorosas! Entretanto, o que sustenta as almas dadas a Deus é a certeza de que seguindo a vontade divina não podem enganar-se.

Uma atitude inversa engendra infalivelmente a lassidão, o desgosto das coisas da vida, êsse "taedium vitae" que já notava Cassiano nos colóquios com seus monges e em que via o sinal indubitável de grave relaxamento na perseguição de seu ideal; no fim notareis o desencorajamento com as funestas conseqüências que acarreta. Foi o drama que viveu o profeta Elias, no deserto de Horeb. Não havia compreendido que no ódio de Acab que o perseguia, havia uma vontade divina claramente expressa: a de enrijecer-lhe a coragem antes de fazê-lo enfrentar os últimos obstáculos que o conduziriam à vitória final. Não tendo compreendido essa vontade de complacên-

10 Jo 13,7.

cia de seu Deus, fugiu para o deserto e proferiu em sua solidão essa palavra amarga: "Agora basta, Senhor! Tomai a minha vida, porque não sou melhor do que os meus antepassados!"¹¹. Essa angústia tem-se renovado através dos séculos; foi a de numerosas testemunhas de Deus¹². Na Sagrada Escritura, Isaías¹³, Jeremias¹⁴, São Paulo¹⁵, conheceram-na e o maior de todos, o próprio Jesus, no Getsêmani, experimentou-a. Não disse êle primeiramente: "Meu Pai, se é possível, passe de mim êste cálice"? Entretanto emendou-se logo e acrescentou: "Contudo, não se faça como eu quero, mas como tu queres"¹⁶. Todos tornaram-se outra vez senhores de si e não fraquejaram.

Por que não seria assim convosco? Por que vos deixaríeis aniquilar pelos imprevistos da vida e não encontraríeis, vós também, a coragem de enveredar resolutamente pelo caminho que Deus vos traçou? Assim, não vos façais mais perguntas como estas: "Que vim fazer neste mundo? Por que Deus permitiu que me enganasse tão grosseiramente na escolha de meu estado de vida? Por que deu-me êsse emprêgo, quando desejava tanto outra coisa? Por que êste casamento

11 1Rs 19,4.

12 Como não evocar aqui, na história do santo Cura d'Ars, as duas crises de desânimo que êle também conheceu e que terminaram, de cada vez, na fuga, à noite, de seu presbitério e de seu pòsto onde no entanto fazia tanto bem? Queria "ir chorar sua miserável vida na Cartuxa", segundo as desculpas que deu de seu gesto. Tendo partido duas vèzes, duas vèzes foi levado de volta por um jovem desconhecido que o dissuadiu de pôr seu projeto em execução e o reconduziu ao seu labor.

13 Is 6,5: "E eu exclamei: Al de mim, que estou perdido! Porque sendo homem de lábios impuros..."

14 Jer 1,7: "E eu disse: Ah! Senhor Deus! Vêde que não sei falar, porque sou muito jovem".

15 2Cor 12,8: "Três vèzes invoquei o Senhor, para que o afastasse de mim (êsse espinho na carne)... Mas êle respondeu-me: Basta-te a minha graça".

16 Mt 26,39.

fracassado, esta vida sem saída, êste celibato impôsto, esta viuvez dolorosa?" Uma vez metidos nesse caminho não saireis mais dêle, pois os "por que" se sucederão sem que nenhuma resposta vos seja dada.

Aceitai, pois, virilmente as vontades de complacência do Senhor e vêde nelas o sinal do interesse que tem por vós, não querendo deixar-vos sós no caminho onde tantos humanos se enganam e finalmente se perdem. Se não há em vosso coração essa determinação de tudo aceitar e de confiar em Deus, não vejo como podereis caminhar na vida sem perder vossa serenidade e vossa paz.

Orientações de pensamento

Que concluir dessa análise? Três orientações de pensamento se nos apresentam.

1. — Assim como é o "sentido materno" que comunica à mãe a energia que lhe é necessária para realizar sua tarefa e ir até o fim de suas dificuldades, assim também, para assentir às vontades de complacência do Senhor, será preciso que sejamos inspirados por um "sentido" semelhante. Originar-se-á no amor que lhe temos e é êsse mesmo amor que o sustentará, que o alimentará. Deve pois ser objeto de um pedido instantâneo a Deus para que o crie em nós, o desenvolva, o fortaleça. É êle que nos despojará da concepção errônea da vida cristã que nela vê antes a vontade de um legislador do que o amor de um Pai. Considerada sob o ângulo de uma lei que se impõe, leva a não ver nessa vida senão o seu

aspecto material e declarar-se-á satisfeita quando tivermos obedecido pontualmente às injunções dessa lei. Sem querer negar que há nessa concepção certa grandeza, pois o que Deus exige primeiro é que o obedeçamos, é preciso confessar contudo que lhe falta elevação e pode destruir o entusiasmo de um ser generoso. Ora, o que o Senhor espera de seus filhos é que o amem e que antes de buscar nêle o legislador com tudo o que essa palavra comporta de rigidez, austeridade, severidade, encontrem o Pai que procuram contentar e alegrar com uma fidelidade digna de seu amor. É nas vontades de complacência filialmente aceitas que encontraremos múltiplas ocasiões de manifestar nosso amor e de ser um só coração e uma só alma com êle. "Senhor, quero assentir a tôdas as vossas vontades para provar-vos a que ponto vos amo e o lugar que ocupais em minha vida. Que vós sejais tudo para mim e que jamais vos decepcione".

2. — Percebemos sem esforço que há alguém que nos pode ajudar a desenvolver na vida de cada dia o "sentido materno": é a Virgem Maria. Nos dias de sua vida mortal possuiu-o em plenitude pois que se resume inteira nesse dom sem reserva que fêz de si mesma ao Senhor. Essa atitude de submissão amante, de **aceitação antecipada** de tôdas as vontades do Pai, de que deu prova na Anunciação do anjo, traduz o fundo de sua alma e exprime o amor que lhe enchia o coração. Ela pode pois ajudar-nos a assumir as mesmas disposições e, pelo testemunho de sua vida, se propõe como modelo que nos incita a reagir como ela em todos os acontecimentos de nossa vida.

Eis um elemento precioso que pode orientar nossa piedade. Em cada mistério do Rosário, é um nôvo aspecto da fidelidade da Virgem Maria à vontade divina que se oferece à nossa contemplação. Cada um dêsses mistérios nos convida a assumir a mentalidade que foi a sua quando o viveu. Cada um é portador de graça particular, de que temos necessidade para não fraquejar no caminho: graça de submissão amante, de amor fraternal, de aceitação da pobreza; graça de busca do Senhor, numa vida talvez embaraçada e solicitada de múltiplas maneiras. . etc. O Rosário meditado dessa maneira é admirável escola para dispor-nos a aceitar as vontades divinas que se apresentem no decurso de nossos dias. É assim que, com o auxílio da Virgem Maria, fazemos de nossa vida uma fidelidade contínua. É um dos aspectos mais reconfortantes dêsse olhar filial que nela pousamos e um dos melhores estimulantes a reproduzir em nossas vidas suas atitudes de alma, tanto mais que nunca se separa de seu Filho e no-lo apresenta como o objeto de seu amor materno, êle que é o **modêlo** ao qual nos esforçamos por nos conformar.

3. — Deus propõe-se pedir-nos muito, pois trata-se para êle, na obra de educação que empreendeu, de levar-nos à conformidade com seu Filho. Põe empenho nisso e deseja que seja tão perfeita quanto possível. Assim, nos fará ouvir suas vontades de complacência tanto mais frequentemente quando constatar nossa generosidade em responder a elas e nossa solicitude em colhê-las. Sòmente elas podem fazer-nos crescer no amor; sòmente elas o manifestam sem falsa

aparência, da maneira mais irrefutável que se possa conceber.

Para que não decepçionemos sua expectativa, enviar-nos-á seu Espírito e êste desenvolverá em nossa alma o dom de piedade cujo destino é fomentar em nós o amor filial e tornar maior nosso coração à medida das exigências de Deus. Amar o Senhor com coração de filho de Deus, responder às suas vontades com a ternura amante que caracteriza o coração "dado", êsse o trabalho que o Espírito Santo propõe-se realizar em nós. Ao seu impulso, as realidades da vida nos aparecerão sob uma luz que lhes comunicará uma beleza do qual seremos os primeiros a nos surpreender. Ao invés de se nos apresentarem, como pode acontecer, sob seu aspecto rebarbativo ou pouco atraente, revelar-se-ão em tôda sua verdade, como expressões da vontade amante do Pai. Que coração generoso não consentiria em aceitá-las? Que alma desejosa de se conformar a Cristo não lhes quereria ser fiel? Formularemos assim ao Espírito Santo, com tôda nossa convicção, o pedido do salmo: "Formai em mim, ó Deus, um coração puro, e infundi em mim um nôvo espírito constante"¹⁷.

A solicitude do amor...

É possível levar mais adiante esta análise da mentalidade de Cristo, modelo da nossa? Podemos penetrar-lhe ainda mais o mecanismo secreto? Percebe-se logo o interêsse de tal pergunta cuja resposta permitirá compreender melhor o

que constitui o caráter próprio dessa mentalidade.

Tratar êsse problema é perguntar-se se existe sinal concreto pelo qual se possa reconhecer a realidade dessa mentalidade numa vida, se nela se implantou e se nela começa a fazer sentir os seus efeitos.

A resposta é simples: já que essa mentalidade cristã é essencialmente o dom de si mesmo à vocação particular de cada um, é pela *maneira* de dar-se que se poderá constatar que Cristo entrou realmente nessa vida e a dirige. É a solicitude na execução de tôdas as vontades de complacência do Senhor que provará a qualidade do amor numa alma.

Trata-se pois de amar em plenitude. Deus não solicita de nós senão uma coisa: nosso coração. Faz, na Escritura, êsse pedido comovente: "Dá-me, ó filho, o teu coração"¹⁸. Não espera de nós senão êsse gesto porque sabe que nosso coração é o que temos de mais precioso. Exprime-nos inteiramente e quando o demos, não temos mais nada a oferecer. Dar seu coração num grande e único amor é comprometer-se a pertencer totalmente àquele a quem êle se entrega, é consentir em unir-se a êle. Dar seu coração a Deus, será o passo essencial do cristão que quer conformar-se a Cristo e ir ao Pai com algo do entusiasmo que caracterizou o Filho de predileção. Jesus, que tão freqüentemente proclamou, durante sua vida, o amor que o unia ao Pai, quis que sua última palavra antes de entrar na Paixão fôsse uma suprema atestação dêsse laço que o unia àquele que exigia êsse sacrifício, coroamento de sua obra na terra: "Mas o mundo tem também

¹⁸ Prov 23.20.

de conhecer que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos; saíamos daqui”¹⁹.

Refletindo bem, há no pedido do Senhor algo de grande. Como senhor soberano que é, pode tomar-nos tudo, exceto nosso coração. Dispõe de nossos bens materiais como entende; êle, que os distribuiu tão largamente, sabe também eventualmente provar que continua a ser o único proprietário retirando, brutalmente às vezes, tudo o que havia outorgado. Pode retomar nossa inteligência e uma vida que havia conhecido o esplendor de um brilhante destino termina na obscuridade: caíram sôbre ela as trevas. Com os anos, as fôrças físicas esboroam-se, a saúde debilita-se, a memória se enfraquece, o passado se apaga. Sim, Deus pode pedir-nos tudo de novo; mas uma coisa não quer arrebatar-nos: o nosso coração. Nêle se exprime nossa liberdade. Amamos a quem queremos, como queremos, por tanto tempo quanto queremos. É o domínio em que fazemos questão de nossa prerrogativa; ninguém no-la pode tirar. O próprio Deus fêz questão de respeitar êsse privilégio. É essa a razão porque se entenece tanto quando um coração humano se volta para êle para dizer-lhe seu amor e responder assim àquele que “o amou primeiro”²⁰. É a única resposta que êle solicita; ela o cumula de alegria e jamais pode esquecê-lo.

Pôr nosso coração no que fazemos...

Mas, como damos nosso coração a alguém? Pondo-o no que fazemos para êle.

19 Jo 14,31.

20 1Jo 4,10.

Para nos convêncermos disso basta consultar a experiência. De bom grado servir-me-ei de uma parábola que traduz bem o que aqui se quer explicar. Eis um homem de bem, no sentido pleno da palavra. Obrigaste-o fazendo-lhe um favor que o sensibilizou profundamente. Ele quer testemunhar-vos seu agradecimento. Pequeno artesão, é particularmente dotado na escultura em madeira. Para vos ser agradável, propõe-se talhar, inteiramente em carvalho, uma estátua da Virgem. Nisso empregará tempo, sua habilidade, toda sua aplicação. Queria que fôsse perfeita, pois tem consciência do que vos deve. Ao terminar o trabalho, vem bater à vossa porta e vos diz: "Lembra-vos do favor que me fizestes numa circunstância que jamais esquecerei? Quis provar-vos minha gratidão. Não é grande coisa o que vos ofereço, mas nela pus todo meu coração". Havíeis talvez esquecido êsse gesto longínquo? Sem dúvida essa estátua não é de execução muito esmerada; é até desajeitada em alguns de seus elementos. Mas sentis que êsse homem disse a verdade: nela pôs todo seu coração! Isso é suficiente e ele vos enterneceu. A essa estátua, dareis um lugar de honra. Não quereríeis separar-vos dela porque tôdas as vêzes que a olhais evoca-vos o rosto dêsse homem e a generosidade de seu gesto. Sem dúvida possuís objetos mais preciosos; mas vos interessam menos. Êsse homem pôs em seu trabalho o melhor de si mesmo; comunicou-lhe toda a sua vida; ele disse a verdade. Isso não podereis esquecer.

Realiza-se essa história todos os dias com Deus em nossas atividades. O que importa para ele, não é o que fazemos, mas a intenção com que agimos, o coração que aí pomos. Não tem nenhuma necessidade de nós. Jesus o disse: "Uma

vez feito tudo o que se vos ordenou, dizei: Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer” ²¹. E se ao menos fizéssemos o que Deus nos pede! Quantas vêzes não lhe é preciso retificar, recomeçar e mesmo destruir o que fizemos, tão deficiente é! Então, que faz êle? Usa de paciência conosco; comporta-se como mãe que ensina tricô à filha; não começa por ensinar-lhe os pontos difíceis, mas principia pelo que há de mais simples, sob a condição de tudo **recomeçar** se o resultado se mostra demasiado defeituoso. Repreendê-la-á? Certamente que **não!** **Sabia de antemão** as demoras que teria de aceitar.

Tal é a atitude do Senhor para ~~conosco~~. Pouco lhe importa o resultado de nossas obras; conhece-nos de sobejo para saber que **não deve** esperar êxitos. O que observa é a qualidade do amor que pusemos em nosso labor. O que quer, é o **nosso** coração. E quando tem a alegria de constatar que o pusemos em nossos trabalhos, declara-se satisfeito. Abençoa essa obra à qual comunicamos o melhor de nós mesmos.

Que consolação encontramos nessa visão de **fé!** Quando compreendemos que o principal não é trabalhar, consumir-se de mil maneiras, gastar-se mesmo no trabalho, mas que o essencial é encontrar, entre as atividades que enchem nossa vida, ocasiões renovadas de nos unirmos a **Deus** e lhe provarmos nosso amor, compreendemos tudo. O que reclama de nós não é somente **nosso** tempo, nossas fôrças, nossas capacidades, mas que ponhamos nosso coração no que fazemos para êle. Eis o que importa. Trabalhar é excelente; mas trabalhar para unir-se a Deus é o ideal de um coração que ama e quer prová-lo.

E quando Deus constata que não é assim, destrói tudo e faz recomeçar. É ciumento de sua glória e quer que saibamos que quando nos confia uma atividade, o faz menos por ter necessidade de nós do que para fornecer-nos uma ocasião nova de lhe darmos nosso coração.

Quando compreendemos isso, a vida se ilumina de forma totalmente diversa. Em certos dias, ao considerarmo-la com suas magras realizações, seus fracassos, seríamos tentados a nos desencorajarmos e tudo abandonar. Sentíamos-nos chamados a realizar grandes obras e nem sequer começamos. O que fizemos é tão insignificante, tão pobre, que nem sequer ousamos considerá-lo. Então, vale realmente a pena ter tanto trabalho? Teríamos gostado de nos empenhar em trabalhos em que teríamos encontrado uma razão de ser e constatamos, com certa amargura, que as capacidades intelectuais e sobretudo morais não estão à altura dos desejos! Quereríamos salvar o mundo e temos dificuldade para nos salvar a nós mesmos! Eis porque tantos seres humanos estão descontentes consigo mesmos, à procura do que os poderia contentar, quando Deus lhes pede que reflitam no que lhes pôs entre as mãos, que enumerem suas riquezas que parecem ignorar. Quanto a vós, tomai vossa vida como Deus a fêz, procurando unicamente contentá-lo em tudo. Utilizai da melhor maneira possível os dons que vos atribuiu e servi-vos deles para dizer-lhe vosso amor. Não são todos chamados a realizar obras eminentes. Que importa o brilho de uma vida, seu renome, a admiração que suscita, se tudo isso não é realizado segundo os desígnios de Deus? Nunca o repetiríamos suficientemente num século em que o reclame desempenha tão grande papel e em que até os melhores parecem se-

duzidos pelo demônio da notoriedade. Para alguns, parece que sua ambição se reduz a isso: que se fale dêles! Ora, não é o que Deus reclama de nós. Repitamo-lo: não é para o resultado que êle olha. A única pergunta que lhe importa e que efetivamente faz a si próprio é esta: "Puseram seu coração no que fizeram para êle? Trabalharam por amor?" Se a resposta é afirmativa, podemos nos tranquilizar: o fim foi atingido. Deus aceitará o que tivermos feito para executar a sua vontade; em sua grande indulgência, nem mesmo verá as imperfeições do trabalho e inscreverá essas ações no livro de vida. Todo o resto tem pouca importância a seus olhos. Que podem representar, de fato, ao olhar divino, as ações, mesmo as mais brilhantes, sem essa aplicação a Deus e sem êsse amor que unicamente dá valor a nossos atos?

Pôr nosso coração no que fazemos é pois a grande maneira de atrair sôbre nós as complacências de Senhor e reter-lhe a atenção. É nessa disposição que centra tôda a vida em Deus que atingimos o ápice da conformidade a Cristo. É o que o Senhor exigiu de tôdas as almas que quis modelar à imagem de seu Filho bem-amado e, se a êsse respeito ainda houvesse dúvida em nossas mentes, bastaria constatar de que maneira, em nossos dias, desabrocha a santidade na Igreja: ela é o quinhão de almas ocultas, sepultadas no silêncio e esquecimento do mundo. Mas a glória com que Deus as circunda no além, a eficácia de sua intercessão, provam suficientemente quanto foram agradáveis ao Senhor e com que olhar de admiração considerou-as enquanto viviam nesta terra. Uma Teresa de Lisieux, um cura d'Ars, uma Bernadete Soubirous, uma Catarina Labouré, para não citar senão os

nomes mais conhecidos, dizem suficientemente de como Deus não faz caso do barulho mundano e em que estima tem aquêles e aquelas que sabem contentar-se d'êles e dar-lhe seu coração nas tarefas de uma existência sem brilho, mas cheias de mérito a seus olhos. Para nossa alegria, isso se renova todos os dias sob nossos olhos. Quem dirá o poder sobrenatural dessas vidas dadas e que são tão preciosas ao olhar divino? Essa enfermeira na sala de hospital, essa professôra no meio de seus alunos, essa mãe de família no seu lar, êsse pai no seu trabalho profissional, êsse padre do campo ou da grande cidade, perdido no meio de uma população as mais das vêzes indiferente, todos, à sua maneira, podem amar. É nessa visão de fé que sua coragem se retempera e não desfalece. Sabem que ao se comportar dessa maneira não se podem enganar.

Fornecer a prova da verdade de nossa afeição

Dissemos tudo dessa riqueza por descobrir nas vidas aparentemente mais obscuras? Não parece.

Reencontremos nosso homem bom de há pouco. Não tem êle nada a nos ensinar ainda?

Suponde que tenha querido fazer por vós algo mais do que talhar na madeira uma estatueta que vos seria agradável. Foi procurar um de vossos amigos a fim de se informar junto a êle do que vos agradaria mais. Não há, dentre as tão numerosas reproduções da Virgem, uma que preferis por sua graça particular, pela beleza que traduz? Êsse amigo logo o informou: vossas preferências são pela Virgem de Olivete, essa

indizível obra-prima onde a graça da juventude transparece através da majestade da maternidade divina. A resolução do artesão está tomada: é este modelo que se propõe fazer reviver sob vossos olhos. Quando terminou seu trabalho, vem a vós e vos diz: "Não é grande coisa o que vos trago, mas nela pus todo o meu coração" A vista dessa Virgem de Olivete que súbitamente se vos apresenta, em proporções reduzidas, mas tão semelhantes, tão vivas, vossa alegria é extrema: vosso sonho realizou-se! Ela está aí, sob vossos olhos, e o que havia sido para vós até então objeto de esperança, tornou-se, pela delicada atenção dêsse homem, objeto de admiração. Vossa felicidade é decuplicada e não tendes nenhuma necessidade de que vos afirme ter posto aí todo o seu coração: tudo vos diz que não pode ser diversamente.

Essa é a prova de amor que o Senhor espera de seus filhos. Não somente aderir às suas vontades de complacência, mas procurar o que poderia contentá-lo mais, fornecer-lhe uma prova da verdade de nossa afeição. Sobretudo não penseis que é essa uma visão da imaginação, pois a história das almas está aí para dizer que sempre se encontraram aquelas que fôsem até êsse limite e testemunhassem um amor que só encontrou seu contentamento no dom total de si mesmo. O amor humano não nos dá, aliás, admiráveis exemplos do que pode oferecer um coração possuído por bela e grande paixão? "Que poderia fazer hoje para dar-lhe prazer?" torna-se sua preocupação. Quantos belos exemplos não poderíamos dar dessa mentalidade? Por que não seria assim com o Senhor?

O que quer dizer, em poucas palavras, que para saber a que ponto chega o amor de Deus

numa vida, basta interrogar-se sôbre a maneira por que executa suas vontades. Êsse terreno é seguro, não dá margem a nenhuma ilusão. É o critério mais autêntico da nossa pertença ao Senhor. Aí tudo é luminoso.

As maneiras de realizar a vontade divina

Há três maneiras de fazer as vontades divinas.

A primeira: a maneira *constrangida e forçada*. É evidentíssimo que jamais chegaremos à intimidade com Deus se executarmos o que pede unicamente porque o impõe e não há nenhum meio de escapar ao seu arresto. Pelo contrário, rebelar-nos-emos e em vez de ir a êle com amor, dar-lhe-emos as costas e faremos ouvidos de mercador. Uma criança que é levada a fazer à fôrça o que seus pais esperam dela jamais terá a menor simpatia pelos que a contrariam. Ora, não há sêres humanos que só obedecem a Deus dessa maneira? Sua vontade não é para êles um desmancha-prazeres, uma golilha que pesa gravemente sôbre seus ombros e os priva de tôda expansão? Não há cristãos para quem os preceitos de sua religião revestem um caráter de obrigação que executam praguejando, procurando de tôdas as maneiras furtar-se ao dever? Não querem subtrair-se a êle por receio dos castigos que os ameaçam ou das possíveis conseqüências de seus atos. Mas se pudessem escapar-lhes, é com alegria que se libertariam de semelhante fardo. Obedecem porque não há outro meio. Não se dirigiria a êles a censura do profeta Elias: "Até quando claudicareis de um lado e de ou-

tro?"²². Semelhante inconseqüência seria pois tão rara que não valesse a pena assinalá-la?

A segunda maneira de fazer a vontade divina é melhor do que a precedente; está, porém, viciada por grave imperfeição. Podemos formulá-la da seguinte maneira: fazemos de boa vontade o que é pedido, mas *não fazemos senão a coisa pedida, sem nos ocuparmos daquele por quem nos afadigamos e sem procurar conhecer sua intenção*. É a concepção legal do dever que só reclama a execução exterior de uma obra. Concepção, por infelicidade, estranhamente difundida que se define, com razão ou sem ela, como a mentalidade do funcionário. Somos pagos por tantas horas de trabalho; o limite não pode ser ultrapassado, pois acarretaria uma ruptura de contrato ou novas retribuições. Essa mentalidade de mercenário foi amargamente censurada por Jesus aos fariseus de seu tempo. Suas palavras são severas: "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e descuidais as coisas mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Estas coisas era necessário praticar sem omitir aquelas"²³. O cristão que se deixasse influenciar por essa maneira de fazer a vontade divina seria em tudo semelhante àquele que paga regularmente seus impostos sem ter nenhuma simpatia pelo cobrador. Entretanto, quando morrer, dir-se-á dêle que era bom cidadão. Cada vez que depositou sua contribuição, a lei declarou-se satisfeita; ela está ordenada ao bem comum e concorre para o proveito do confiante. Quando é observada, o legislador tem ra-

²² 1Re 18,21.

²³ Mt 23,23.

zões para estar tranqüilo; os sentimentos íntimos de seus administrados não lhe dizem respeito. Somente seus gestos exteriores lhe concernem.

Lamentável seria que isso acontecesse numa vida cristã. Seria a prova de que nunca se esforçou penetrar seu mistério a fim de encontrar a Cristo presente no próprio coração dessa vida. Semelhante concepção de nossas atitudes para com Deus é um caso limite, uma exceção? Queríamos poder responder afirmativamente. Por que não podemos? Porque não penetramos essa realidade admirável que é a paternidade divina e o laço de filiação que a ela nos une. Não temos, para retomar a linguagem de São Paulo, êsse “Espírito de adoção filial, pelo qual bradamos Abba, ó Pai!”, quando a êle espontaneamente nos dirigimos²⁴. “O espírito de escravidão” marcou-nos muito profundamente para que dêle nos possamos libertar com facilidade.

É êsse o drama espiritual de muitos cristãos: ficaram na concepção legal de suas obrigações para com Deus; ainda não são “adultos” na fé. Cumprem as obrigações de sua religião como pagam seus impostos. É bem evidente — e o compreenderemos sem esforço — que semelhante concepção não pode conduzir à cordialidade com o Senhor. Vivemos com êle mais ou menos como estranhos. Não lhe recusamos nada daquilo a que tem direito, mas limitamos a isso nossas relações com êle. Para usar uma expressão atual que traduz bem essa mentalidade, diríamos de bom grado que se trata de viver com Deus “em coexistência pacífica”, salvo nos empenharmos na guerra fria, quando êle se torna contrariante ou transtorna projetos nos quais po-

24 Rom 8,15.

mos empenho. Faltando solidez ao terreno, desmorona-se o solo ao menor abalo. A partir do momento em que obedecemos a uma lei sem amor no coração, sem procurar aproximar-nos da vontade que ordena para a ela nos identificarmos, corremos o risco de jamais ultrapassar o estádio da obediência cega no qual a personalidade se desvanece em proveito de uma execução material. Isso é verdadeiramente um ideal? É isso que Deus requer de nós? Seríamos robôs em suas mãos exigindo êle sòmente o resultado tangível de uma ordem dada, sem se preocupar com o espírito no qual é executada? Que empobrecimento, se assim fôsse! E como estamos longe da submissão amante de Cristo ao Pai, daquela intimidade que manteve com êle durante tôda a vida a ponto de fazer de sua vontade o alimento substancial que o sustentou constantemente até nos sofrimentos da cruz!

Esse espírito de servidão é a ruína da tôda vida espiritual. Jamais atingirá o que lhe constitui a substância espiritual: a intimidade vivida com Deus. Olhai êsse servidor de grande casa. Em suas atitudes exteriores é irrepreensível e nos alegramos talvez de sabê-lo com tão boa disposição. Pontualidade, polidez, fidelidade às ordens dadas, tudo é perfeito e nunca o achareis em falta. Poderá mesmo permanecer em suas funções por muitos anos. Mas ultrapassai êsse exterior; ide mais adiante; penetrai nesse coração e constatareis que talvez sirva a seus senhores com ódio que não consegue superar. Fica na casa unicamente por interêsse. Que tristeza semelhante estado de espírito! Quando seu senhor ordena, sem dúvida obedece; há união no objeto, isto é, na tarefa imposta e executada; mas não há união nas vontades. Ah! pudesse sòmente escapar

a elas! Com que solicitude não voltaria as costas a essa vida subordinada que é a sua, não compreendendo que poderia revestir certa grandeza.

Eis porque deve haver uma terceira maneira de aderir às vontades divinas, a única digna de um cristão, a única também que conduz à união com Deus. Ela consiste em *considerar Deus como pai que quer a felicidade dos filhos*.

Todavia, digamo-lo, para muitas almas há uma pedra de tropeço em suas relações com Deus. Há tantas intervenções divinas que contrariam semelhante visão de Deus! Esse é o fundo do livro de Jó com problemas angustiantes que coloca: realidade e profundidade do sofrimento humano, injustiças gritantes, transtornos que nada explicam, tudo o que parte o coração, separa vidas que se amavam, tudo o que cria a maldade e segrega os ódios! De fato, estamos em presença de uma obra divina inspirada unicamente pelo amor?

Por mais perturbador que seja esse problema, e difícil sua solução, é preciso sustentar que no princípio de toda a ação divina há um amor que se manifesta. É um mistério, é preciso concordar. Mas não é rebelando-se contra ele que poderemos aceitá-lo e provocar a união com Deus. Esse amor exprimir-se-á em vontades que, do mesmo modo, precisarão ser aceitas com sentido filial que Deus espera encontrar no coração de seus filhos. Esse fim será atingido quando o coração se der verdadeiramente ao Senhor; em outras palavras, quando houver procurado a conformidade a Cristo, modelo único de nossa adesão ao Pai. A união amante da vontade à vontade do Senhor é o único meio de atingir a intimidade vivida com ele. Que graça compreendê-

-lo e que alegria numa vida quando se sabe participante dêsse ideal e dêle se alimenta!

Conclusões para a conduta da vida

Que conclusões de ordem prática tiraremos dêsses bosques? Podemos reduzi-las a três:

1. — É preciso convencer-se de uma coisa e a ela voltar incessantemente para nunca perdê-la de vista: a única maneira de nos unirmos a Deus e ter com êle uma vida de real intimidade, é aderir a tôdas as suas vontades a nosso respeito, sobretudo suas vontades de complacência que são interrogação permanente ao nosso amor. Quando nos pede um esforço, fá-lo em vista de provar êsse amor e julgar de sua qualidade. O que não nos deverá surpreender se prestarmos um pouco de atenção ao que acontece com as relações de amizade. Eis dois amigos que, após longos anos de familiaridade devem deixar-se. Antes de se separarem, fazem-se mutuamente esta promessa: "Se um dia você estiver em necessidade, saiba que estarei aqui. Não receie vir bater à minha porta. Conte comigo". Efetivamente, um dêles, muitos anos depois, conhece sérias dificuldades e lembrando-se das palavras que lhe foram ditas, vai confiante ter com êsse amigo e diz-lhe a provação que está atravessando. Recebendo-o, o amigo lhe diz: "Evidentemente, o que me pede é delicado. Todavia não quero faltar à minha promessa; mas repare que lhe concedo o que me solicita unicamente por ser você". Superou pois suas hesitações, até suas repugnâncias, porque sente que essa amizade faz parte de sua vida, e não poderia prescindir dela. Os laços

tecidos entre eles não se romperão nunca. Supô-lo seria destruir o que têm de melhor.

É bem assim que as coisas se passam com Deus. Fala-nos ao coração, interroga nossa coragem, apela à nossa melhor generosidade. Faz-nos ouvir, através dos acontecimentos da vida, as estranhas palavras: "Se fôsses gentil, farias isto; aceitarias o que te contraria ou talvez te aniquila. Sou eu que assim te falo. Consentirás?" Quando o coração é verdadeiramente dado ao Senhor, que quereis que diga senão a única resposta digna de um grande amor: "Pai, não se faça o que eu quero, se não o que tu queres"²⁵? E acrescente logo: "É mesmo porque se trata de vós!" É assim que nossas relações com Deus se tornam mais cordiais. Quando estamos nesse ponto fruímos de indizível alegria porque pressentimos que a conformidade a Cristo se torna realidade e que superamos o estágio das simples veleidades.

2. — Aprender a vencer nosso primeiro movimento porque não é habitualmente o bom. Todos sabemos o que isso significa. Ante esta ou aquela pergunta intempestiva é por vêzes difícil manter a calma e não mostrar irritação. Se nos dominamos, se sobretudo esperamos para refletir e nos acalmar, acabamos por consentir ao desejo expressado: rejeitá-lo sem motivo seria prejudicial. É assim que aquiescemos num segundo movimento que é excelente; é o verdadeiro, o único que tem valor. É êsse movimento que Deus espera de nós.

Através das personagens da Bíblia, é a lição que recebemos daqueles com quem Deus tinha

entrado em contacto para que se tornassem os mensageiros de sua Palavra. Considerai-os e vêde com que espontaneidade aceitaram a estranheza de sua condição e as circunstâncias por vêzes dolorosas nas quais se desenrolou sua vida. Noé e o misterioso convite para construir sua arca em contradição com tôdas as evidências da terra onde vivia²⁶. Abraão que partiu "sem saber aonde ia"²⁷. Moisés "preferindo ser maltratado juntamente com o povo de Deus a ter um gôzo temporâneo do pecado, considerando o opróbrio do eleito como riqueza maior do que os tesouros do Egito"²⁸. Sansão, que reencontrou na miséria de sua masmorra a fôrça para tornar a ser senhor de si e afirmar dê nôvo os direitos de Deus de que tinha tão desgraçadamente escarne-cido²⁹. Todos, em suma, que cita a carta aos hebreus (cap. 11) com as palavras que retornam constantemente como um *leitmotiv* que tudo explica: "É pela fé..." Compreendestes essa petição do Senhor que, também êle, interroga nossa fé e espera nosso acôrdo? Não o decepçionemos com respostas dilatórias, impacientes, com hesitações em que difficilmente nos reconhece. Saibamos vigiar nosso primeiro movimento.

3. — Quando Deus intervém em nossa vida, é unicamente para saber se o amamos. Podemos dizer que suas vontades de complacência, quando as executamos, são a prova dos 9 da qualidade

26 Hebr 11,7: "Pela fé, tendo sido advertido por oráculo divino acêrca daquillo que ainda não se via, construiu Noé, com piedoso temor, a arca para salvar a sua família, e com isso condenou o mundo e conseguiu a justiça segundo a fé".

27 Hebr 11,8: "Pela fé, Abraão, chamado por Deus, obedeceu, partindo rumo a um país que havia de receber como herança, e partiu sem saber para onde ia".

28 Hebr 11,25-26.

29 Jz 16,28.

de nosso amor, exatamente como na multiplicação mais complicada essa prova tão simples é a confirmação irrefutável da exatidão do cálculo. O que nos irrita nessas vontades em que Deus se mostra tão freqüentemente, é que nada as explica. Parecem emanar de não sei que capricho divino em que é impossível encontrar justificação. Eis o que é desconcertante e o que às vêzes, põe a rude prova a confiança que lhe havíamos votado. Notai que a mãe de família, ao dizer à filha: "Se fôsses gentil, farias isso", não lhe deu nenhuma explicação. Não é à sua inteligência que ela apelou, mas ao seu coração. Por quê? Porque nada havia para compreender. Com maior razão dá-se o mesmo quando se trata dos pedidos de Deus. Eles só se justificam no seu ponto de vista; para nós, freqüentemente permanecem obscuros, incompreensíveis. Aliás, não nos advertiu êle como se quisesse poupar nossa suscetibilidade? "Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem o vosso proceder é como o meu. Quanto o céu supera em elevação a terra, tanto eleva-se o meu proceder acima do vosso, os meus pensamentos, acima dos vossos" ³⁰. O que espera de nós, é nossa confiança filial, nosso abandono tranqüilo e a certeza de que seguindo-o não podemos extraviar-nos. Então, na fé mais total, repetimos-lhe a palavra de Samuel: "Falai, Senhor, que vosso servo escuta!" ³¹ Quando temos a graça de compreender isso, como ousaríamos recusar o que quer que seja ao Senhor?

Essa graça de correspondência perfeita às vontades divinas será, em nossa vida cristã, a obra do Espírito Santo. Que faríamos sem sua força

³⁰ Is 55,8-9.

³¹ 1Sam 3,10.

que realiza, sem seu entusiasmo que vence as dificuldades? O que nos falta mais freqüentemente não é luz, mas fôrça. É nesse domínio das vontades de complacência divinas que o dom de fôrça deve sobretudo atuar, e é aqui que concebemos sua inserção em nossa psicologia cristã. Se essa graça eminente de luz, acompanhada da fôrça que chega até a execução, nos é concedida, teremos um dia a alegria de dizer com São Paulo: "Sei em quem depositei a minha confiança" ³². As obscuridades da vida presente darão lugar à plena claridade do Reino dos céus e não lastimaremos haver seguido o Senhor num amor indefectível.

CAPÍTULO V

O ESPÍRITO DO MUNDO, O GRANDE OBSTÁCULO A CONFORMIDADE A CRISTO

Essa mentalidade de Cristo de que nos devemos apropriar se quisermos conformar-nos a êle encontrará necessariamente obstáculos que se opõem à sua realização em nós. Quem poderia admirar-se disso? Quanto mais eminente uma obra, mais dificuldades encontra em seu caminho. É a lei de qualquer vida: esta não atinge o pleno desenvolvimento a não ser através de longa e áspera luta. O ideal cristão não pode escapar a êsse imperativo.

Ora, há um perigo contra o qual o cristão deve premunir-se incessantemente. Chama-se: *o espírito do mundo*. Êsse espírito, que será preciso caracterizar para descobrir-lhe a influência perniciosa, tem de particular a penetração por tôda parte: nenhum cristão está a coberto de sua nocividade; nenhum meio, aparentemente protegido e fervoroso, lhe escapa. Ataca até aquêles que uma longa fidelidade ao Senhor parecia haver defendido contra sua ação. Semelhante a um vírus, introduz-se silenciosamente numa existência, nela faz suas devastações, e não o descobrimos senão quando já é, às vêzes, muito tarde. Compará-lo-ia de bom grado ao inseto que ata-

cando alguém mais forte do que êle e sabendo-se de antemão vencido, começa por mordê-lo a fim de inocular-lhe o veneno. Depois, tendo-o imobilizado numa paralisia total, pode, à vontade, saciar-se na vítima e despedaçá-la sem receio de ser contrariado na sinistra operação.

Que é pois êsse "espírito" tão temível que, se nos deixássemos dominar por êle, todo esforço de conformidade a Cristo se tornaria impossível? Como percebê-lo em sua realidade a fim de sufocá-lo e escapar-lhe à maleficência? É o que se trata de compreender em primeiro lugar e é a isso que nos aplicaremos.

*A condição difícil do cristão :
ser do mundo e guardar-se do seu espírito*

Quando falamos do "espírito do mundo" é preciso preservarmo-nos de uma apreciação falsa que poderia ser prejudicial à irradiação do cristão. Êste mundo no qual imerge e onde age é bom, pois saiu das mãos de Deus. O primeiro capítulo do Gênesis nos diz do contentamento do Senhor em cada etapa de sua obra criadora. As mesmas palavras voltam como refrão de alegria e satisfação: "Deus viu que a luz era boa. Deus viu que isso era bom. . ." É a lenta enumeração de suas obras: o céu, a terra, os mares, o firmamento, as luminárias, os animais de tôda espécie; e êsse canto termina no hino final: "Deus contemplou tudo o que tinha feito, e eis que estava tudo muito bem" ¹. A criação, reflexo das infinitas perfeições de Deus, fala-nos constante-

¹ Gên 1,31.

mente dêle e alguém que queira escutar a sua voz só pode aproximar-se do Senhor.

Infelizmente, êste mundo saído tão perfeito das mãos divinas sofreu o contra-golpe do pecado inicial e a revolta do homem acarretou-lhe uma deslocação, uma desintegração, deveríamos dizer, de suas fôrças de bem. "O mundo inteiro jaz nas mãos do malvado", dirá São João². E acrescentará: "Não ameis o mundo nem as coisas do mundo. Se alguém ama o mundo, não está nêle o amor do Pai"³.

Há pois neste mundo um poder de mal que nêle se acha incluso; dêle emana um "espírito" que é como que a síntese do que o mundo encerra de pernicioso e cuja essência é tão sutil que tem o poder de infiltrar-se até no coração dos que parecem mais próximos de Deus. Assim Jesus formulou claramente sua convicção a seu respeito em palavras que não deixam lugar a nenhuma dúvida: "Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará ao outro, ou será dedicado a um e desprezará o outro"⁴. Na última prece que por seus apóstolos dirige ao Pai, pede-lhe para preservá-los dêsse perigo: "Pai, não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo"⁵.

O cristão se encontra em condição idêntica. Pertencendo ao mundo por sua vocação terrestre, por suas atividades, pela própria forma de seu destino, deverá preservar-se dos miasmas nocivos que o rodeiam se não quiser deixar-se contaminar por êles e finalmente adormecer sob a

² 1Jo 5,19.

³ 1Jc 2,15.

⁴ Mt 6,24.

⁵ Jo 17,15-18.

picada de seu veneno. É pois verdadeira luta que deverá travar se quiser guardar-se *intacto* e trazer ao meio em que vive a luz que sua alma detém. "Fazei tudo, dirá São Paulo, para *serdes irrepreensíveis e íntegros, filhos de Deus sem mácula*, no meio desta geração perversa e corrupta. No meio dela deveis resplandecer como luzeiros no mundo, ostentando a palavra da vida"⁶. Deixar o mundo não pode, pois é aí que Deus o quer e que realiza em plenitude sua vocação. Mas guardar-se de seu espírito torna-se para ele necessidade imperiosa.

Essa obrigação de luta manifestar-se-á em três domínios: o dos *motivos* que dirigem sua atividade; o dos *meios* de que se serve para chegar ao fim de suas empresas; o da *maneira* que emprega para conseguir seus fins. Três terrenos nos quais ser-lhes-á preciso mostrar-se circunspecto para que *nenhum desvio se introduza* em seu ideal, e nada venha viciar sua marcha para Deus. Três orientações de pensamento, três temas de reflexão e sem dúvida de revisão de vida.

Primeiro terreno de luta:

os motivos que dirigem a atividade cristã

O primeiro exame que se impõe ao cristão que quer conformar-se a Cristo é o dos *motivos* que presidem a sua atividade e a governam.

Um olhar lançado sôbre o mundo que rodeia informa-o imediatamente do que encontrará nêle. A atividade dos humanos é freqüente-

mente dirigida pelo interesse e não é absolutamente ter uma visão pessimista de seus semelhantes o adiantar esta afirmação tão amiúde confirmada pela experiência: o egoísmo é a grande lei da criatura. É a tara mais indelével que tem, o mal que pode corroer-lhe as melhores inspirações e suas obras aparentemente mais desinteressadas. Eis indubitavelmente o perigo essencial que a ameaça: agir com coração interesseiro!

Notemos que todo ser humano deve pensar em si próprio. Ele é seu primeiro próximo e sabe que deve desenvolver-se em todos os domínios que se lhe oferecem: o da inteligência, pela cultura humana sob todos os seus aspectos e com tôdas as riquezas que lhe traz; o do coração, acalentado em amizades, nos amôres a que pode corresponder; o do caráter, por realizações que serão a prova de sua grandeza de alma. O cristão o sabe e não há nenhum setor da vida em que não se sinta chamado a superar-se e a realizar obras sempre mais belas. Esse apêlo a um ideal mais elevado não tem nada de egoísmo latente; é, ao contrário, uma exigência de sua natureza de ser racional, a inquietação de quem compreendeu o que pode vir a ser. Sim, repitamo-lo, há um amor de si que é a exigência fundamental de quem quer deseje dar à própria existência tôda a sua dignidade.

Mas sabemos quantos desvios, infelizmente, são possíveis nesse domínio e quão frequentemente ocorrem. No mundo, procuramos agradar; trabalhamos por interesse, pelo prazer, pela glória, às vêzes até por ódio e por vingança. Dir-se-ia que a atividade é tão mais eficaz quanto mais influentes são êsses diversos motivos humanos. Que não se faz para agradar, para captar a aten-

ção e conservá-la? Que sacrifícios não aceitamos para conseguir a consideração à qual cremos ter direito, para progredir em tal ou qual situação, para salvaguardar um amor por vêzes culpado, enfim, para fruir dos bens dêste mundo? Quem ousaria adiantar que inclusive nas empresas do apostolado cristão não se encontrem êsses motivos adulterados que se opõem ao verdadeiro espírito de Cristo? Há aí pessoas para quem a própria atividade apostólica deve render alguma coisa; torna-se-á assim uma ocasião de se fazer valer, de sair de uma condição apagada para ser pôsto em evidência; preciosas amizades nascerão dêsse suposto devotamento que saberão cultivar da melhor maneira possível e fazer servir às suas ambições; sobretudo, procurarão agradar, e a mensagem evangélica não será mais dada em sua pureza original, com a mordacidade que caracterizava a palavra dos profetas, das autênticas testemunhas de Deus. Que misérias não se incluem em certos meios sob essas palavras de apostolado, obras de caridade, dedicação aos deserdados? Tudo isso precisaria ser purificado, decantado daquilo que o espírito do mundo pode embaçar ou falsificar.

Por que nos admiraríamos do lento progresso do bem, quando nos deixamos contaminar por influências capazes de viciar as melhores iniciativas do zêlo?

Importa pois ao cristão que quer conformar-se a Cristo examinar bem de perto os motivos por que age. Sòmente um pode impor-se-lhe, o mesmo que inspira tôda a ação de Deus no mundo: o amor. Tôdas as providências divinas, tôdas as intervenções de Deus no mundo e na existência de suas criaturas não podem ser determinadas por outro motivo senão o de manifestar o

amor apaixonado que tem no coração, essa **ternura** irreductível que dedica a cada um de seus **filhos**. Sem dúvida semelhante afirmação colocará a temível questão da presença do mal no mundo com o que acarreta de sofrimentos de toda espécie. Mistério insondável que só encontra verdadeira solução na confiança absoluta no Deus que dirige nossos destinos e permanece sempre o Deus de amor, mesmo quando prova ou castiga! Mistério que só encontra justificação na fé; somente esta dá às ações divinas as explicações que tranqüilizam. "Deus é amor", dirá São João⁷, incluindo nessa designação tudo o que se pode dizer d'êlé; essa palavra esgota a noção que possamos ter de Deus.

Eis o que deve tornar-se a grande alavanca da atividade do cristão: o amor que tem a Deus e a seus irmãos. Este amor será o móvel oculto e soberanamente eficaz de todas as suas obras. É êle que as fará nascer, que as inspirará, que as fará chegar ao fim. É êle que lhes comunicará grandeza sobrenatural, valor de eternidade. É êle somente que lhes dará mérito e atrairá as complacências de Deus.

Que matéria para exame fornece semelhante afirmação e quem poderia eludir êsse olhar leal sobre toda sua vida por pouco que queira realmente conformar-se a Cristo? Pois, quem melhor do que Jesus viveu êsse ideal e que prova mais expressiva poderia dar do que a de sua morte na cruz? Sim, é aos pés do crucifixo que compreendemos até onde êle foi no dom de si mesmo e como soube amar! É aí que todas as almas generosas foram no decurso dos séculos, procurar a inspiração de sua coragem, o segrêdo

⁷ 1Jo 4,8.

dêse amor de que elas próprias viveram e que lhes permitiu realizar tão grandes obras! O amor está no princípio de tôdas as vidas fecundas, é o fermento de sua generosidade.

É realmente êsse amor que vos **anima** e que vos eleva? Não há em vosso coração algum **motivo** oculto de vossa atividade que não **ousais** talvez confessar-vos e que vem corroer, **minar** o melhor de vossos trabalhos, aquêles **mesmos** que realizais pelo Senhor? Examinai-o de **perto**, pois a ilusão é fácil em domínio tão **delicado**. Sêde sem piedade nesse olhar sôbre vossa **vida**; não deixeis nada na sombra: trata-se da **pureza** de vosso zêlo, de sua integridade. Não haverá em certo gesto que afetais, em certa providência que tomais, em certa dedicação que concedeis, como que um verme roedor que contamina o melhor de vossa generosidade, tal como êsses frutas de bela aparência que no entanto escondem o inseto que os avariou? Quantas falsificações, às vêzes, e quantos equívocos!

É preciso que estejamos atentos ao motivos que dirigem nossa vida, sob pena de dever aplicar-nos a severa palavra da **Escritura**: “Logo, nós nos transviamos do caminho da verdade, e a luz da justiça não brilhou para nós, e o sol não nasceu para nós... O caminho do Senhor, não o conhecemos”⁸. Que desgraça seria esperar a hora das grandes revelações em que tôdas as intenções serão desvendadas e aparecerão sob a sua verdadeira luz! Que graça para uma vida ter o amor invadido tudo! Que alegria para ela, em sua última hora, constatar que não se enganou e que teve razão de imitar a seu Deus, cujo nome próprio é “Amor”!

***Segundo terreno de luta:
os meios de que o cristão se serve para agir***

Não basta, porém, que os motivos que dirigem a ação sejam conformes ao ideal cristão. Importa ainda que os *meios* que lhe permitem a execução sejam dignos de aprovação. Um fim pode ser nobre e os meios defeituosos.

No mundo, não se indaga muito da moralidade dos meios. Há um fim que prevalece sobre todos os outros: vencer as dificuldades. Para consegui-lo todos os meios são bons; o essencial é que o fim seja atingido. Quando criam embaraços a um projeto, suprimimos a causa que impede sua realização. Quando uma verdade incomoda, silenciemo-la. Uma situação é cobijada? Para nos apoderarmos dela não hesitamos em difamar: "Ele não é mais o que era; tem idéias um tanto singulares!" Não faltam exemplos dêsse espírito que viceja no mundo, que corrompe as relações humanas e cuja vilania às vezes nos enoja. Um filósofo inglês exprimiu claramente essa mentalidade ao escrever: "Ninguém sabe do que é capaz até o dia em que encontre em seu caminho alguém de quem se queira livrar". A moral mais corrente é a da selva, onde o mais forte jugula o mais fraco e o vence. O método é empregado até com tanta freqüência que a êle nos acomodamos e nem mesmo o notamos mais: a intoxicação é completa, as almas foram anestesiadas!

Por estranho que isso possa parecer, o cristão deve tomar cuidado para não cair na armadilha tentadora de querer vencer por meios duvidosos, se não culpáveis. O declive é tão fácil e a ambiência tão favorável que mesmo os melhores não estão sempre a salvo dessa miséria. Quem

dirá que em certos meios onde a preocupação do espiritual deveria prevalecer, não se empreguem, às vezes, êsses procedimentos malsãos que traduzem o espírito do mundo no que tem de mais desprezível: pequenas ou grandes intrigas, difamação, chantagem, maledicência, para não dizer calúnias? Sim, tudo pode servir. E a partir do momento em que não estamos mais possuídos do espírito de Deus, em que não é mais sua vontade realizada nos acontecimentos que procuramos conhecer, desde o instante em que tudo é examinado, pesado, apreciado à luz das conveniências humanas, como é fácil desviar-se, entrar por uma via que nada mais tem de cristão!

Quem não concordaria facilmente com isto? Os exemplos são abundantes e a vida dos santos está cheia deles. Mas o Senhor possui o segredo de misteriosa alquimia que transforma o mal em bem; serviu-se das maldades, das injustiças, das vexações que seus servos sofreram para despojá-los de tôdas as alegrias da terra para fazê-los atingir os pináculos da santidade. Uma Teresa de Lisieux, uma Bernadete Soubirous, uma Teresa Couderc, um João da Cruz, um Louis-Marie-Grignon de Montfort e muitos outros, aí estão para dizer-nos que Deus serviu-se com êles de estranhos procedimentos para fazê-los chegar à sua intimidade. Todos, à sua maneira, poderiam repetir a palavra de José, perdoadando aos irmãos a vilania de sua conduta: "Vós, é verdade, projetastes o mal contra mim, mas Deus trocou-o em bem"⁹. Mas, na expectativa, o sofrimento aí está, e o caminho que nos faz palmilhar é severo!

O cristão que quer conformar-se a Cristo,

obrigar-se-á pois a olhar para seu Mestre com aplicação para calcar sua conduta sôbre êle. Uma palavra de Jesus diz tudo: "Aprendeis de mim, que sou manso e humilde de coração"¹⁰. Os meios de que se serviu para atrair os corações e sujeitá-los ao seu ensinamento foram marcados por seu amor e jamais teve um gesto, uma palavra, um procedimento que tenha denotado nêle o desejo de chegar a seus fins a qualquer custo. Uma paciência heróica inspirou-lhe tôdas as atitudes, e aceitou, finalmente, a cruz sem buscar escapar-lhe. Foi mesmo ao encontro de seus inimigos no Getsêmani.

Essa conduta ditará a do cristão. Ser-lhe-á preciso vigiar atentamente a fim de que o espírito do mundo não se infiltre por êsse meio indireto em sua vida. Se quer manter seu ideal ao nível do ideal de Cristo, deverá controlar os meios de que se serve na ação e, para isso, mostrar-se fiel a três diretivas:

1) *Ser verdadeiro*. Que nada, em sua conduta, cheire a duplicidade, a meias-verdades, a sábias dosagens que engendram atitudes duvidosas. A adulteração não é digna dêle. É da franqueza absoluta que a confiança recíproca brota como fonte cristalina e funda as relações em que o amor se manifesta. Nada há tão penoso, em qualquer sociedade, como a apreensão de dever duvidar dos outros porque nem tudo é claro nêles. Não há nada também que destrua mais seguramente a coesão interna de um grupo do que a falta de confiança recíproca que se manifesta nos que o compõem. É o que São Paulo sobretudo temia para as suas Igrejas. Pouco lhe importava

¹⁰ Mt 11,29.

que inimigos a atacassem do exterior; mas inquietava-o a possibilidade de uma desagregação, interior proveniente de inimizade que ninguém ousa confessar, mas de que todos sofrem. Seus conselhos às Igrejas de Filipos e Corinto estão aí para atestar que o que se adianta aqui não é visão da imaginação, mas, infelizmente, a dolorosa constatação de um fato a que os primeiros cristãos nem sempre escapam. Seus apêlos à verdade das relações são comoventes: "Irmãos, conjuro-vos pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que tenhais todos a mesma linguagem e que não haja divisões entre vós, mas sejais perfeitamente unidos num só sentimento e num mesmo pensar"¹¹. "Levai ao auge a minha alegria, conservando o mesmo pensar, a mesma caridade, uma só alma, um único sentir"¹². Assim cada um examine se tudo é verdadeiro em sua linguagem, no comportamento de sua vida, e repudie implacavelmente tudo o que seria procedimento duvidoso, palavra enganadora, tudo o que pudesse alterar a confiança mútua que nos devemos.

2) *Todos os nossos atos devem ser conformes à vontade de Deus.* Há um princípio que domina toda a vida cristã e lhe justifica os gestos: uma ação somente é boa se traduz a vontade divina no momento em que a realizamos. Tomemos um exemplo: a prece pelo menos em sua forma absoluta, não deve ocupar o tempo do trabalho. Excelente em si mesma, torna-se má em consequência de uma circunstância que lhe vicia a eficácia. E acontece o mesmo com muitos fatos de nos-

¹¹ ICor 1,10.

¹² Flp 2,2.

sa vida. Não é porque uma atividade seja boa em si mesma que temos o direito de nos dedicarmos a ela. Quantos não se enganaram com as melhores intenções? Cremos fazer a vontade de Deus, mas não a fazemos como o deseja; não respeitamos a hierarquia dos meios, não julgamos de sua oportunidade à luz de Deus. Razão por que alguns gravemente se enganam pensando fazer bem. Não têm o sentido das coisas de Deus.

É fácil compreender que nessa matéria cada um pode examinar-se a fim de detectar o que, em sua vida, não soasse autenticamente cristã. Iludimo-nos tão freqüentemente nesse domínio! "Fui sincero, por conseguinte tive razão", dizemos a nós mesmos, como se a sinceridade fundasse a legitimidade de uma ação e tudo desculpasse! A verdade é objetiva; não procede de nossas disposições ou estimações pessoais; é exterior a nós e impõe-se como um absoluto. Quantos acreditaram encontrar em sua pretensa sinceridade uma desculpa para todos os desvios de sua conduta e até para suas faltas, e se mantiveram tranqüilos em meio às piores misérias morais nas quais se haviam atolado! Possam seus olhos abrir-se bastante cedo para fazê-lo reconhecer os erros passados e encontrar a força de remediá-los!

3) *É preciso, enfim, que toda a conduta do cristão seja marcada pelo amor fraternal.* Isso é tão evidente que é quase inútil determo-nos. É São Paulo quem forneceu, através de seus escritos, a carta da caridade fraterna e quem quer assemelhar-se a Cristo lembrar-se-á de algumas de suas notações mais preciosas para reproduzi-las em sua vida. "Que a vossa caridade não seja

fingida”¹³. “Não vos façais justiça por vós próprios”¹⁴. “A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa. nada faz de inconveniente, não procura o próprio interesse... tudo desculpa, tudo crê, tudo espera”¹⁵. “Pela caridade, tornai-vos servos uns dos outros”¹⁶. “Façamos o bem a todos, máxime aos nossos irmãos de fé”¹⁷. “O fruto do Espírito é caridade”¹⁸.

Seria preciso mais para compreender quanto longe estamos aqui do espírito do mundo e a flagrante contradição que sempre haverá entre este e o verdadeiro espírito cristão?

Terceiro terreno de luta:

a maneira pela qual a atividade humana se desenrola

Resta examinar a maneira como o cristão se comporta para conseguir seus fins. Ainda aqui aparecerá evidente a contradição entre seu modo de agir e os métodos de que o mundo se serve para realizar seus projetos.

Uma palavra caracteriza o espírito do mundo considerado sob esse aspecto: é esperto. Quando não pode conseguir seus fins, serve-se de intermediários, recorre às relações. Emprega rodeios, subterfúgios, palavras carregadas de subentendidos. Como essencial para ele é chegar ao fim, pouco lhe importam a mentira, as denegações, as volta-faces; não se embaraça com esse código

13 Rom 12,9.

14 Rom 12,19.

15 1Cor 13,4-7.

16 Gál 5,13.

17 Gál 16,10.

18 Gál 5,22

de honra que é o respeito da verdade; para êle, este último não é senão lôgro, meio suplementar, segundo êle, de envolver o próximo. Assim, volta-lhe as costas, mesmo invocando-o para disfarçar suas intenções. Tranqüiliza-se dizendo que, graças às suas espertezas vencerá e, efetivamente, é bem assim. O sucesso coroando-lhe os esforços, pensa o mundo que êle tem razão e que todo o resto (lealdade nos procedimentos, fidelidade à palavra dada, compromisso de honra) não tem valor. Encontramo-nos, segundo êle, perante palavras que em nossa civilização atual perderam o sentido. Ai de quem ainda confiasse nelas!

Sobretudo não creiais que essas reflexões procedem de visão pessimista das realidades humanas. Sem dúvida, somos testemunhas ainda hoje — quem não o constatou? — de magníficos exemplos de retidão, consciência profissional, fidelidade à palavra dada. Mas ao lado dêsses testemunhos que nos reanimam o coração e nos fazem crer apesar de tudo na bondade natural do homem, há tôda uma corrente de idéias que altera gravemente êsse ideal e o destrói em não poucos espíritos. Fácilmente diríamos que há na atmosfera uma concepção das relações humanas que inquieta aquêles que não quereriam duvidar do homem e de suas possibilidades de bem.

O cristão que vive nesse clima frequentemente duvidoso deve tomar cuidado para não se deixar intoxicar por tais procedimentos e, inconscientemente talvez, adotá-los sob pretexto de que são eficazes. Sua atividade deve ser coroada por esta última semelhança com Deus: adotar-lhe a maneira de trabalhar, participar tão plenamente de seu espírito que Deus se reconheça nesse cristão quando o vir agir. Ainda que

os motivos de sua ação e os meios que emprega fôsem sem falha aos olhos divinos, seria preciso — se quisesse ir até o fim das exigências espirituais de sua vocação — que observasse atentamente a maneira como se comporta, para não prejudicar a pureza de seu ideal. É frequentemente nesse terreno que êle está sujeito a críticas e que o meio que o vê agir se admira a justo título dos procedimentos que emprega. Não ouvimos às vêzes palavras a êle destinadas que nos afligem? Tais como estas: desonestidade, duplicidade, velhacaria. Mesmo se pronunciadas por espíritos injustos, mordazes, imperfeitamente informados, essas palavras jamais deveriam ser ditas, pois tem razão o provérbio: “Não há fumaça sem fogo”.

Que será pois necessário ao cristão para que evite todo desvio nas providências que toma, para que suas maneiras de agir correspondam ao que temos direito de esperar dêle? Que se conforme ao modo de ação divino, que fixe o olhar no Senhor. Em outras palavras: que modele seus costumes pelos costumes de Deus.

Ora, o Senhor dá-nos duas lições no seu govêrno do mundo e das almas.

A primeira: *não usa de “espertezas”*. Age às claras e jamais emprega subterfúgios. Expressou-nos claramente suas vontades na Escritura; sabemos o que deseja, basta atermo-nos à sua Palavra. Cristo, seu enviado, imprimiu em tôdas as suas atividades o espírito do Pai e resumiu seu pensamento neste texto do Evangelho: “Sei, pois, o vosso falar: Sim, sim; não, não, porque tudo o que passa disto procede do maligno”¹⁹. Ora, o mundo está tão convencido de que é por

êsse sinal de retidão, de absoluta clareza nos procedimentos que reconhecemos Deus quando se manifesta, que a justo título se admira possa um cristão usar de subterfúgios nesse domínio. Quando êsse mesmo mundo cujas maneiras de agir são tão freqüentemente duvidosas constata que um cristão se serve de espertezas como êle e, em sua atividade, tal ou qual iniciativa não coincide com seu ideal, scandaliza-se e pronuncia palavras severas. É essa, e é preciso confessá-lo, uma homenagem ao que êle crer ser a verdade e uma repulsa que brota do mais profundo de sua consciência pelo que pode subsistir de "humano" na conduta dêsse cristão. Reconheçamo-lo: o mundo tem razão!

Quando o cristão é tentado de se comportar à maneira do mundo, é porque, na realidade, sua fé na Providência divina não está suficientemente desperta, suficientemente confiante. Dúvida de que seu Deus continua a interessar-se por êle, que vele por cada um de seus filhos. Isso absolutamente não significa que o cristão não possa legítimamente procurar obter o que estima necessário para a boa organização de sua vida, desejar o que acredita ser útil para a manutenção de sua posição neste mundo, pois que nêle deve viver. Mas uma vez feito o essencial e tendo agido em tôda retidão no sentido de sua consciência, só lhe resta ficar em paz e deixar nas mãos de Deus os resultados que espera. Chamar-se-á talvez a semelhante conduta: tolice, esquecimento das realidades temporais, passividade; pouco importal Um fato permanecerá sempre: Deus conhece os seus e sabe a hora oportuna em que deve vir em seu auxílio. "Da Providência de Deus só sei uma coisa, dizia o padre Lacordaire: que se levantará tôdas as manhãs

antes do sol". E São Vicente de Paulo dava êste conselho: "Não devemos saltar por cima da Providência". A palavra do salmista é verdadeira: "Fui jovem, já sou velho, e nunca vi o justo desamparado, nem seus filhos a mendigar o pão"²⁰.

Advertido dessas verdades, o cristão abandonar-se-á plenamente à Providência de Deus e se estabelecerá na paz. Não procurará, por meio de espertezas mais ou menos conscientes, substituir-se ao Senhor. Com o olhar voltado para êle, saberá esperar.

Há uma segunda lição a tirar das ações divinas. Se é mais delicada a sua compreensão, é no entanto rica de apreciações e pode inspirar nossas maneiras de agir. É possível formulá-la da seguinte maneira: *Deus intervém no mundo e na existência dos homens quando não há mais nada de humano para apoiar sua ação. Que significa isto?*

Deus nos ultrapassará sempre de tôda a grandeza de sua natureza. Quando age, cria. Êsse poder é reservado sòmente a êle. Quando trabalha, parte do nada, e ao vê-lo manifestar-se no mundo diríamos que tem necessidade do nada para se manifestar. São Paulo havia compreendido perfeitamente, quando escrevia aos coríntios, essa necessidade do Senhor de fazer resplandecer a onipotência de sua graça e sua soberana eficácia: "Deus escolheu os que são fracos no mundo para confundir os fortes, e os ignorantes e desprezados pelo mundo é que Deus escolheu: em suma, as coisas que não existem, a fim de reduzir a nada as que existem, para que ninguém se possa gloriar diante de

Deus"²¹. Não são estas palavras o eco do que o Antigo Testamento nos faz saber acerca de Gedeão e do conselho estranho que recebeu do Senhor? "Mas o Senhor disse a Gedeão: Tens contigo gente demais, para que eu entregue os madianitas em suas mãos. Assim Israel poderia gloriar-se contra mim, dizendo: — A minha mão me salvou! —"²². De trinta e dois mil combatentes no início, só ficaram finalmente trezentos e foi com êsse punhado de homens unicamente armados de trombetas, cântaros de barro cozido e tochas que Gedeão alcançou a vitória. Não reencontramos aqui o testemunho da humilde Virgem Maria que declarou: "Porque olhou para a humildade de sua serva. De fato, desde êste momento hão de me chamar ditosa tôdas as gerações"²³. Com essa conduta, Deus prova que pode prescindir de todos e de tudo. Permanece Senhor soberano e quando constata que tendemos a esquecê-lo, intervêm, às vezes brutalmente: destrói tudo o que foi feito sem êle.

Esse comportamento divino deve encher-nos o coração de esperança. Quanto mais formos pobres de meios humanos na obra que Deus querará nos confiar, mais seremos fortes se nos apoiarmos unicamente nêle. "Aprecia o Senhor os que o temem, os que na sua bondade confiam", dirá o salmista²⁴. É o que fez a serenidade dos santos em meio aos seus grandes trabalhos. Cheios do Espírito de Deus, agiam à maneira de Deus. Começando do nada, não possuindo nada, mas confiando só em Deus, realizaram empresas que, com o recuo dos anos nos dei-

²¹ 1Cor 1,27-28.

²² Jz 7,2.

²³ Lc 1,48.

²⁴ Sl 147,11.

xam estupefatos. Teresa de Avila exprimiu sua própria experiência numa palavra que justifica suas Fundações e as explica: "Teresa e dois ducados, não é nada; mas Jesus, Teresa e dois ducados, é tudo". Vendo êsses realizadores no trabalho, tinha-se a impressão de que Deus lhes comunicara seu poder criador. E de fato, faziam algo de nada.

Por que não colheríamos em semelhantes modelos o entusiasmo necessário para nós também trabalharmos, na certeza de que se fizemos verdadeiramente a obra de Deus, êle não nos poderá abandonar? Aqui não se trata de "esperteza", à mancira do mundo, nem de procurar relações mais ou menos influentes e eficazes, nem de astúcias de tôda sorte com que mütuamente nos promovemos para alcançar mais seguramente a meta, mas de confiança serena no Senhor que vela pelos que chama a trabalharem com êle. Neste momento dizemos como o salmista: "Sê-de para mim uma rocha de refúgio, lugar de abrigo, onde possa salvar-me"²⁵. "Deus é nosso refúgio e nossa fôrça, nas tribulações, nosso socorro sempre pronto"²⁶.

O padre Lacordaire descreveu a ação divina numa fórmula esclarecedora e justa. Após repetidos lutos entre seus primeiros companheiros, que punham em risco a obra de restauração da Ordem de São Domingos na França, longe de abater-se com isso, escrevia a um amigo: "Quando Deus quer que uma obra seja tôda de sua mão, começa por sepultá-la numa tumba, depois age". Por desconcertante que seja essa maneira de se manifestar, em se tratando de Deus, fre-

25 Sl 71,3.

26 Sl 46,2.

qüentemente dolorosa e sempre incompreensível, revela o desígnio divino de agir fora das normas habituais da atividade humana. É sua glória que está em jôgo e dela é ciumento.

Isto deve levar-nos à conclusão de que se há freqüentemente obras que abortam, se certos apostolados não produzem os resultados que estaríamos no direito de esperar, é porque não agimos à maneira divina, isto é, contando unicamente com Deus. Sem dúvida, não podemos criar, mas Deus é bastante poderoso para intervir em nosso favor e fazer com que se concluam trabalhos que, no comêço, estavam votados ao fracasso. Se confiamos demasiado nos meios humanos, nas técnicas humanas, fazemos obra humana. Ora, isso todos podem realizar. Agimos ainda, mas não é mais a obra de Deus que fazemos. A ação é edulcorada e a primeira impressão que dá é de ser humana. Certas produções que deslumbram por aparecerem, no plano estritamente humano, como sucessos, serão talvez muito cedo votados ao esquecimento; enquanto que outras que haviam começado na pobreza mais absoluta dão frutos abundantes; longe de empobrecer-se com o tempo, adquirem maior consistência e brilham sempre mais. A fundação do Prado, em Lyon, pelo padre Chevrier, é o exemplo típico do que aqui adiantamos²⁷.

Que concluir dessa exposição? Duas proposições que completam nosso esclarecimento sôbre

27 Fácil seria multiplicar os exemplos que viriam todos confirmar a verdade do que acaba de ser dito. Os mais probantes são, ao que parece, os que nos oferecem as aparições da Santíssima Virgem e os mensageiros que escolheu: uma Bernadete Soubirous em Lourdes; uma Catarina Labouré na rua do Bac; um Maximin Giraud e uma Mélanie Calvat em La Salette; as crianças de Pontmain, de Fátima; uma Estelle Faguette em Pelevoisin. E que dizer de Beauraing, de Banneux? Está visto: é sempre a mesma tática: construir sobre-

êsse perigo que é o espírito do mundo, perigo que ameaça o cristão em seu esforço espiritual.

A primeira: é a oposição total dêsse espírito com o de Cristo. Quer o consideremos nos móveis que o fazem agir, nos meios de que se serve ou na mentalidade com que trabalha, há incompatibilidade absoluta entre êle e o que Cristo nos ensinou por sua vida. Não há inimigo mais temível para o cristão que quer se conformar a seu Mestre do que êsse "vírus filtrável" que se insinua por tôda parte. Nenhuma porta pode barrar-lhe a entrada; penetra até nos claustros mais retirados e aparentemente ao abrigo de seus ataques. Vemo-lo manifestar-se inclusive em seres que pareciam até então indenes e que traem em suas estimações ou comportamentos a influência deletéria que sôbre êles exerce, sem que o saibam, às vêzes: como um câncer que sorrateiramente mina um ser sem no entanto fazê-lo sofrer até o momento em que, mostrando-se claramente, tornamo-nos incapazes de impedir sua marcha destruidora. Quantos cristãos não encontraram uma morte lenta por não se terem premunido a tempo contra seus ataques ou por não terem tomado cuidado, julgando-se suficientemente fortes para resistir-lhe? É bem êsse o mal de que São Paulo disse ser "inimigo de Deus"²⁸. É pois impossível pactuar com êle e quem quer que não se premuna contra êle será infalivelmente contaminado, para não dizer perdido para a obra de Deus. Não se negocia com um inimigo dessa força; evita-se-o a todo custo.

natural sôbre sobrenatural. Os meios humanos não importam. Reservando-se Deus tôda a glória de suas obras, faz questão de prescindir de tudo o que tem importância neste mundo para fazer resplandecer sua soberania. Seria preciso ser cego para não notá-lo.

²⁸ Rom 8,7.

A segunda proposição pode ser formulada **assim**: a única maneira de se proteger contra o espírito do mundo é aplicar-se em viver na intimidade de Deus: é a única garantida. Sòmente ela nos guardará das novas investidas dêsse espírito do mundo, pois nunca se declara vencido; abatido num terreno, o dos motivos de agir, por exemplo, reaparece na escolha dos meios; como o micróbio da colibacilose que, expulso de um órgão, mostra-se em outro, igualmente virulento, para atacá-lo por sua vez. É fato conhecido da medicina que é impossível expulsá-lo totalmente. Dá-se o mesmo com o espírito do mundo. Somos demasiado tentados a esquecer que fomos profundamente marcados pelo pecado original e que antes de sermos filhos de Deus, fomos filhos do mundo. Simão Pedro recebeu um dia severa lição do próprio Jesus. Este acabava de avisar seus apóstolos de que as horas dolorosas de sua Paixão se aproximavam. Deveria "sofrer muito". Mas Pedro não entendia assim e "chamando Jesus à parte, começou a fazer-lhe protestos dizendo: Deus te livre de tal, Senhor! isso não te acontecerá! Ele, porém, voltando-se para Pedro, disse-lhe: Retira-te da minha frente, satanás, tu és para mim de escândalo, pois não tens o senso das coisas de Deus, mas das coisas dos homens" ²⁹.

Quem quer se aplique a viver perto de Deus e procure encontrá-lo freqüentemente a fim de buscar junto dêle a inspiração de sua vida, não tardará em sentir a influência benéfica dessa presença e, como por um efeito de endosmose, algo dos pensamentos de Deus passará a êle e o fará viver de uma vida autenticamente sobrenatural. Dir-se-á dêle: "Sente-se Deus vivendo

nêlê", o que a linguagem popular compreendeu ao chamá-lo "um homem de Deus". Não sabemos bem o que devemos dizer dêle, mas o que há de mais certo é que não se assemelha aos outros. Algo da luz de Deus transparece nesse ser. Todavia, não o esqueçamos nunca, só nos tornamos um homem de Deus se vivermos de Deus.

Que alegria seria para o cristão e que recompensa de seus esforços, se no decurso de sua subida para Deus, pudesse apropriar-se da palavra de São Paulo: "Não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus"³⁰. O Senhor testemunhou-lhe particular dileção: conserva-o em sua guarda. Esse cristão pode estar certo de não decaír. A presença divina nêle é a garantia de sua ascensão espiritual até a santidade.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

CONCLUSÃO

Nosso estudo está terminado. Partindo da palavra de S. Paulo em sua carta aos romanos: "Aquêles que Deus distinguiu na sua presciência, predestinou-os também para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que êste seja o primogênito entre muitos irmãos" (8,29), estudamos as modalidades dessa conformidade a Cristo e a maneira como a podemos viver.

Para conhecê-las, tivemos sòmente de fixar nossos olhares naquele que o Pai chamou seu "Filho amado" e escutar os movimentos de sua alma em sua afeição ao Pai. Êstes reduzem-se todos à disposição fundamental que explica tôda a vida de Cristo Jesus: alimentou-se da vontade divina; só ela o guiou, o sustentou. É pois sob êsse aspecto particular que estudamos em Jesus sua marcha para a cruz, na qual todo o seu destino se resume. Vindo para a redenção das almas, é no Calvário que deu a prova suprema de seu amor e de sua vontade de se dar sem reserva a fim de que pudéssemos viver de seu sacrifício. É neste sobretudo que encontramos nossa filiação adotiva; é êle que devemos reproduzir para participarmos dêsse mistério de conformidade cujos aspectos, um a um, descobriram-se a nossos olhos.

A alma de Jesus pode resumir-se tôda em sua fidelidade ao Pai e à obra redentora que êste lhe confiara. O autor da epístola aos hebreus disse tudo nesta palavra: "Eis-me aqui para fazer a tua vontade" (Hebr 10,9). Sua prece foi a pura emanção de seu amor pelo Pai na solicitude de a êle unir-se o mais freqüentemente possível: seu colóquio com êle, de que o Evangelho faz numerosas menções, foi uma necessidade de seu coração de Filho para reencontrá-lo. Sua atividade evangélica não foi senão a demonstração exterior da finalidade de sua missão entre nós: salvar-nos pela Cruz; seu ensinamento não foi senão o seu prelúdio e como que a necessária introdução em que nos instruíra sôbre as vontades do Pai que nos concernem. Seu amor pelas almas teve origem em seu amor pelo Pai, segundo o que êle próprio explicou a Nicodemos: "Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquêle que crê nêle não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16). De sorte que, nêle, tudo tem origem nessa indizível paixão que sentiu por seu Pai. Sua última palavra na cruz foi para êle: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. Dito isto, expirou" (Lc 23,46).

Desde então a via está inteiramente traçada para nós e é ela que indicamos nestas páginas. Nossa conformidade a Cristo é essencialmente uma adesão a tôdas as vontades divinas que nos dizem respeito. Quanto mais tomarmos consciência dêsse admirável destino, mais sentiremos a necessidade de aproximar-nos de Deus por uma prece que será a inclinação natural de nosso coração de filho de Deus. Quanto mais, na luz da fé, tivermos compreendido o valor redentor de nossa vida, mais conhecerá nossa existência um alcance apostólico; tornar-nos-emos apóstolos não sômen-

te por nossos atos, mas por todo nosso ser; êste inserir-se-á no drama da Cruz e irradiará sua eficácia sôbre as almas. É dessa maneira que, melhor do que pelas melhores palavras ou pelos atos mais espontâneos da caridade, o amor por nossos irmãos terá valor de vida. Misteriosa transfusão de vida sobrenatural operar-se-á frequentemente dêles a nós sem que o saibamos; mas o que importa é que nossa vitalidade seja bastante forte para tornar-nos disponíveis entre as mãos do Senhor quando nos der a honra de associar-nos à sua obra de salvação.

É pois nesse mistério de conformidade a Cristo que todo o destino cristão encontra sua expressão mais elevada e mais exaltante. Compreendê-lo, e sobretudo realizá-lo, torna-se, conseqüentemente, a graça de eleição reservada pelo Senhor àqueles que sabem amar e, ao pé da cruz, compreenderam até onde foi Cristo no dom de si mesmo. Uma vida inteira mal dá para esgotar a compreensão dêsse mistério, pois, quanto mais o contemplamos, mais lhe descobrimos as infinitas profundezas que não são outras senão as mesmas do coração de Deus.

te por nossos atos, mas por todo nosso ser; ês inserir-se-á no drama da Cruz e irradiará sua eficácia sôbre as almas. É dessa maneira que melhor do que pelas melhores palavras ou pelos atos mais espontâneos da caridade, o amor por nossos irmãos terá valor de vida. Mistérios transfusão de vida sobrenatural operar-se-á frequentemente dêles a nós sem que o saibamos; mas o que importa é que nossa vitalidade seja bastante forte para tornar-nos disponíveis entre as mãos do Senhor quando nos der a honra de associar-nos à sua obra de salvação.

É pois nesse mistério de conformidade com Cristo que todo o destino cristão encontra sua expressão mais elevada e mais exaltante. Compreendê-lo, e sobretudo realizá-lo, torna-se, conseqüentemente, a graça de eleição reservada pelo Senhor àqueles que sabem amar e, ao pé da cruz, compreenderam até onde foi Cristo no dor de si mesmo. Uma vida inteira mal dá para esgotar a compreensão dêsse mistério, pois, quanto mais o contemplamos, mais lhe descobrimos as infinitas profundezas que não são outras senão as mesmas do coração de Deus.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

ÍNDICE

<i>Prefácio</i>	7
Cap. 1. - <i>O cristão ante o mistério de Cristo</i>	11
O ideal cristão: reproduzir o rosto amado de Jesus	15
O ideal cristão: implantar a Cruz em nossa vida	17
O ideal cristão: o quinhão da minoria	20
Uma confirmação dessa doutrina.	26
Grandeza da existência cristã: desempenhar na Igreja o papel do coração no organismo	31
Cap. 2. <i>A imagem de Cristo, nossa intimidade com seu Pai</i>	42
Nossa união moral com Deus	43
A pedagogia divina da intimidade	46
A intimidade de Jesus com seu Pai, modelo da nossa	48
Ver todas as coisas à luz de Deus	50
A luz de Deus numa vida	52
Meios a empregar para alcançar essa intimidade	55
A condição indispensável da intimidade: a assiduidade	57
A assiduidade em exercício	58
Conclusões	63

Cap. 3.	<i>O mistério eucarístico: meio de chegar à intimidade com o Pai</i>	72
	A presença real de Cristo entre nós	75
	Nossa atitude ante a presença eucarística de Jesus	77
	As disposições que encaminham para o mistério eucarístico	80
	O diálogo com o Cristo da Eucaristia	82
	Cristo, na Eucaristia, nosso alimento	86
	Nossa assimilação pelo Cristo eucarístico	87
	Cristo criador de um atavismo espiritual	89
	O desenvolvimento da ação de Cristo	91
	Os desejos de Cristo com relação a nós	93
	Cristo, despertador da fé	95
	Cristo, criador de uma esperança invencível	96
	Cristo, sustento e estimulante do amor	97
	Cristo e o desenvolvimento das virtudes cristãs	98
	Um problema doloroso	100
	Conclusões	107
Cap. 4.	<i>A mentalidade de Cristo, modelo e inspiradora da nossa</i>	112
	O dom de si mesmo: sua grandeza, suas exigências	114
	Uma obra de vida	115
	Uma educação necessária	118
	Os acontecimentos da vida: mani-	

festações das vontades divinas	119
A confrontação de nossa vida com êsse ideal	126
Êsse ideal vivido em plenitude na vida da Virgem Maria	129
Aderir a êsse ideal: uma luz nova para a vida	131
Um ideal vivido para os outros	133
Um ideal capaz de elevar uma vida	135
Orientações de pensamento	140
A solicitude do amor	143
Pôr nosso coração no que fa- zemos	145
Fornecer a prova da verdade de nossa afeição	150
As maneiras de realizar a vontade divina	152
Conclusões para a conduta da vida	157
 Cap. 5. - <i>O espírito do mundo, o grande obstáculo à conformidade a Cristo</i>	 162
A condição difícil do cristão: ser do mundo e guardar-se do seu espírito	163
Primeiro terreno de luta: os mo- tivos que dirigem a atividade cristã	165
Segundo terreno de luta: os meios de que o cristão se serve para agir	170
Terceiro terreno de luta: a manei- ra pela qual a atividade humana se desenrola	175
<i>Conclusão</i>	186

